



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
MESTRADO EM DESIGN**

ALICE CAMPOS SILVA

**PERCURSO CARTOGRÁFICO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA GRILO: UMA
ANÁLISE SOBRE A ATUAÇÃO TRANSVERSAL DO DESIGN**

2022

Alice Campos Silva

**PERCURSO CARTOGRÁFICO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA GRILO: UMA
ANÁLISE SOBRE A ATUAÇÃO TRANSVERSAL DO DESIGN**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento das exigências para a obtenção do grau de Mestre em Design.

Linha de Pesquisa: Informação, Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof. Dra. Julia Teles da Silva

Campina Grande, PB

2022

S586p

Silva, Alice Campos.

Percurso cartográfico na comunidade quilombola Grilo: uma análise da atuação transversal do design / Alice Campos Silva. – Campina Grande, 2022.

156 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia, 2022.

"Orientação: Profa. Dra. Julia Teles da Silva".

Referências.

1. Design Multidisciplinar. 2. Cartografias. 3. Transversalidade. 4. Etnografia. 5. Quilombo Grilo – Riachão do Bacamarte – Paraíba. I. Silva, Julia Teles da. II. Título.

CDU 7.05(043)

Alice Campos Silva

**PERCURSO CARTOGRÁFICO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA GRILO: UMA
ANÁLISE SOBRE A ATUAÇÃO TRANSVERSAL DO DESIGN**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Design da
Universidade Federal de Campina Grande, em
cumprimento das exigências para a obtenção
do grau de **Mestre em Design**.

Aprovado em 30 de agosto de 2022

Julia Teles da Silva

Julia Teles da Silva
PPGDesign - UFCG
(Orientador)

Nathalie Barros da Mota Silveira

Nathalie Barros da Mota Silveira
PPGDesign - UFCG
(Membro Interno)

Jackeline Lima Farbiarz

Jackeline Lima Farbiarz
PUC-Rio
(Membro Externo)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, que apoiaram a minha mudança repentina para outro estado e me deram forças nas tomadas de decisões. Agradeço à minha irmã e ao meu irmão por compreenderem a distância em que estávamos e pelo encorajamento e carinho de sempre.

Ao meu tio, pelo apoio desde o início da minha jornada no design e pelo seu encorajamento.

Ao meu sobrinho, que foi um presente e é uma alegria e uma calma em meio às turbulências.

Às minhas avós, Aline e Graça (*in memoriam*), que são meus exemplos de garra e força.

Ao meu companheiro, que esteve ao meu lado em toda esta etapa de minha vida, dividindo o peso quando necessário (ou oferecendo o ombro).

Aos meus amigos. Ferdinan, que acompanha minha jornada desde a graduação, Clarissa, pela torcida e apoio, Dara, que foi uma grata surpresa aqui na Paraíba, por ter segurado a barra do trabalho enquanto precisei me ausentar e por todas as palavras de apoio (que me faziam rir) e Toineto e Thaina, pela leveza (e pelas comidas gostosas, rs).

À minha psicóloga, Rayelle, pelo apoio, torcida e amizade (sem ela, esta pesquisa não teria sido realizada).

À Raquel Noronha, que acompanhou meus primeiros passos na academia e me apresentou a essa forma de fazer design que me encantou.

À Julia Teles, minha orientadora, que me acompanhou em toda esta etapa, pela sua compreensão e apoio singular.

À Emmanuelle, que persistiu comigo durante a caminhada do mestrado. E aos demais colegas de turma, que dividiam suas lutas e vitórias, uns apoiando os outros.

Ao Quilombo do Grilo, em especial ao Seu Elias, dona Paquinha e dona Lourdes, pela confiança, afeto e por terem construído esta pesquisa junto a mim. Agradeço também à dona Zefa e Verônica, por terem me acolhido.

A todos e todas que me apoiaram e auxiliaram de alguma forma nesta jornada, muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho de mestrado consiste em uma pesquisa-intervenção, com uma abordagem qualitativa, na qual tem-se o objetivo de investigar a atuação da designer em comunidades tradicionais, analisando a possibilidade da atuação transversal de uma designer branca numa comunidade quilombola, em específico no Quilombo Grilo, para o mapeamento de sua história, cultura e saberes. Considera-se de suma importância falar das experiências das comunidades quilombolas, trazendo ao plano da pesquisa a percepção de sua complexidade, fazendo-se necessário o entendimento do contexto e das questões políticas e sociais que cerceiam os quilombolas, enquanto pessoas negras, e principalmente, quando se trata da designer, enquanto sendo uma mulher branca. Nota-se também a importância de subsidiar debates e reflexões sobre a atuação do Design enquanto um potencial multidisciplinar, dinâmico e social, visando sua possibilidade de atuação nesse meio. Para isso, há uma intersecção das áreas do Design, História e Antropologia, com a apropriação de abordagens qualitativas e da interdisciplinaridade e dinâmica do design para responder à seguinte questão: É possível uma designer branca construir um percurso transversal numa comunidade quilombola? Qual é o papel da designer? Como construir um plano comum? Para isso, utilizar-se-á a cartografia como um percurso projetual e a perspectiva da designer como mediadora como uma filosofia de projeto, visando ainda ter uma abordagem não colonialista e antirracista. As etapas da pesquisa consistem numa etapa etnográfica, com uma observação participativa, aliada a entrevistas semiestruturadas, ao uso da ferramenta do design participativo aliado ao design sistêmico, para acionar diálogos e correspondência com os coautores e, por fim, a análise da pesquisa por meio da triangulação de informações para a percepção dos impactos observados e da efetividade da atuação transversal da designer para a construção do plano comum. A partir da análise foi possível perceber como o plano comum foi construído no decorrer do percurso da pesquisa e refletir sobre a atuação da designer em campo, trazendo questionamentos e apontamentos para o Design e o meio acadêmico em geral.

Palavras-chave: Cartografias; Transversalidade; Design Multidisciplinar.

ABSTRACT

The present master's work consists of an intervention research, with a qualitative approach, in which the objective is to investigate the role of the designer in traditional communities, analyzing the possibility of the transversal role of a white designer in a quilombola community, in particular in Quilombo Grilo, to map its history, culture and knowledge. It is considered extremely important to talk about the experiences of quilombola communities, bringing to the research plan the perception of their complexity, making it necessary to understand the context and the political and social issues that surround the quilombolas as black people, and especially when it comes to the designer being a white woman. It is also noted the importance of subsidizing debates and reflections on the performance of Design as a multidisciplinary, dynamic and social potential, aiming at its possibility of acting in this environment. For this, there is an intersection of the areas of Design, History and Anthropology, with the appropriation of qualitative approaches and the interdisciplinarity and dynamics of design to answer the following question: Is it possible for a white designer to build a transversal path in a quilombola community? What is the role of the designer? How to build a common plan? For this, cartography will be used as a projectual path and the perspective of the designer as a mediator as a project philosophy, still aiming to have a non-colonial and anti-racist approach. The research stages consist of an ethnographic stage, with a participatory observation, combined with semi-structured interviews; the use of the participatory design tool combined with systemic design, to trigger dialogues and correspondence with the co-authors; and, finally, the analysis of the research through from the triangulation of information to the perception of the observed impacts and the effectiveness of the designer's transversal action for the construction of the common plan. From the analysis, it was possible to perceive how the common plan was built during the course of the research and to reflect on the designer's performance in the field, bringing questions and notes to Design and the academic environment in general.

Keywords: Cartography; Transversality; Multidisciplinary Design.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Processo de Titulação de Terras	18
Figura 2 - Quilombos na Paraíba	20
Figura 3 - Localização do Quilombo do Grilo	20
Figura 4 - Encontros em Campo	47
Figura 5 - Imagens acionadas em campo	51
Figura 6 - Fluxos do Quilombo do Grilo	55
Figura 7 - Mapa Visual	58
Figura 8 - Definição dos Mapas	60
Figura 9 - Tradução dos Mapas	61
Figura 10 - Mapa 1: Coautores	62
Figura 11 - Lajedo	66
Figura 12 - Delimitação do Grilo	66
Figura 13 - Mapa 2: O mundo do Grilo	68
Figura 14 - Seu Elias e o burro inteligente	71
Figura 15 - Rega do roçado	72
Figura 16 - Rega do roçado	72
Figura 17 - Lagartas nas plantações	72
Figura 18 - Mapa 3: Roçado - do medo à liberdade	74
Figura 19 - Tijolos produzidos pelo Seu Elias	75
Figura 20 - Recuperação do forno	76
Figura 21 - Etapa da queima da louça	76
Figura 22 - Dona Lourdes transportando o barro	79
Figura 23 - Modelagem da louça	79
Figura 24 - Modelagem da louça	79
Figura 25 - Detalhes da peça cerâmica	80
Figura 26 - Peças produzidas pelas designers e artesãs	81
Figura 27 - Mapa 4: Saber-Fazer Cerâmico	82
Figura 28 - Máquina Trituradora	84
Figura 29 - Massa úmida triturada	84
Figura 30 - Prensa	85
Figura 31 - Prensa	85

Figura 32 - Reservatório para peneirar	85
Figura 33 - Torra da farinha	86
Figura 34 - Mapa 5: Saber-Fazer Farinha	88
Figura 35 - Mapa 6: São João	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Percurso Metodológico

39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	13
3 JUSTIFICATIVA	13
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
4.1 Comunidade Tradicional Quilombola	16
4.1.1 O Quilombo do Grilo na Paraíba	19
4.2 O lugar da designer: atravessando questões sociais e políticas	24
4.3 Design e território: uma abordagem multidisciplinar	28
4.3.1 Traçando pistas para o plano comum	33
5 PERCURSO METODOLÓGICO	37
5.1 Caracterização da Pesquisa	37
5.2 Cartografia como Percurso Metodológico	38
6 PERCURSO DA PESQUISA: TRAÇANDO UM PLANO COMUM	45
6.1 A Comunidade Quilombola Grilo	46
6.2 Mapa visual como meio para acionar diálogos	51
6.3 Cartografando: traçando fluxos, imagens, discursos e percursos ..	58
6.3.1 Mapa 1 - Coautores	61
6.3.2 Mapa 2: O mundo do Grilo	63
6.3.3 Mapa 3: Roçado - do medo à liberdade	68
6.3.4 Mapa 4: Saber-Fazer Cerâmico	75
6.3.5 Mapa 5: Saber-Fazer Farinha	82
6.3.6 Mapa 6: São João	88
6.4 Análise do percurso: entre discursos, caminhos e teorias	91
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICE I - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE	
APÊNDICE II - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COMUNIDADE	
APÊNDICE III - TERMO DE COMPROMISSO DOS PESQUISADORES	
APÊNDICE IV - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA	
APÊNDICE V - CATEGORIZAÇÃO DOS DISCURSOS	

INTRODUÇÃO

A pesquisa surgiu com as inquietações e reflexões que começaram com as minhas experiências acadêmicas prévias em comunidades quilombolas, que ampliaram minha visão sobre a atuação do design, e trouxeram a percepção da importância da disseminação e do registro da história, da cultura e do saber-fazer das comunidades tradicionais; além disso, vi a oportunidade de desenvolver esse tipo de atuação a partir do contato com a Comunidade Quilombola do Grilo, na Paraíba, no segundo semestre de 2020.

A atuação foi impulsionada pelos diálogos e questionamentos acionados durante esse contato, tendo como estopim os relatos dos moradores que abordavam, principalmente, a necessidade de registro da história, saberes e fazeres da comunidade, o afastamento dos jovens no que cerceia o Quilombo do Grilo e o medo do apagamento e/ou esquecimento da história local.

A minha experiência prévia em pesquisas em comunidades tradicionais proporcionou o entendimento da complexidade do que é estar em campo, percebendo as particularidades do local e os atores sociais envolvidos, assim como a importância da pesquisa com e para os atores sociais. As comunidades tradicionais, em específico as quilombolas, sofrem a invisibilidade de sua existência, assim como o apagamento de suas características particulares. Por isso, a presente pesquisa, realizada com a Comunidade Quilombola do Grilo, prevê o aprofundamento, em seus contextos e fluxos envolvidos, para, a partir de reflexões e embasamentos em metodologias multidisciplinares do design, traçar o percurso deste estudo.

As comunidades remanescentes de quilombos, como o nome diz, têm como característica o ato de remanescer, restar, sobreviver. Os quilombos têm origem no período escravocrata, sendo locais de esconderijo dos escravos fugitivos. A remanescência se deve à resistência e permanência daqueles escravos nos quilombos, que, no final do século XX, obtiveram a sua permanência oficializada e protegida por lei, com os processos de reconhecimento e titularização das terras realizados pelo INCRA e pela Fundação Palmares.

O processo é realizado a partir da percepção e do reconhecimento da comunidade enquanto remanescente de um quilombo, que, a partir da autodefinição, deve solicitar ao INCRA a delimitação das suas terras. A titulação requer o reconhecimento prévio dos moradores do local como quilombolas, sendo

parte de grupos étnicos raciais e que possuem autonomia para sua manutenção no território em que estão inseridos, conforme a definição da Resolução nº 8 e também encontrada no Artigo 68, que institui os direitos aos povos remanescentes de quilombos.

À luz desta reflexão, enfatiza-se que comunidades quilombolas são formadas majoritariamente por pessoas que, antes de serem ‘quilombolas’, são negras, as quais, naturalmente, sofrem do apagamento e negação de direitos por meio do racismo (RIBEIRO, 2019). Segundo Ribeiro (2019, p. 5), “no Brasil, há a ideia de que a escravidão foi mais branda do que em outros lugares”, e essa ideia reflete-se na idealização de que aqui não existe racismo e que é possível não considerar a raça para evitar discriminações e ser racista. A autora ainda complementa que, ao contrário do que se acredita, os dados de que “a expectativa de vida dos homens escravizados no campo (no Brasil) era de 25 anos, bem abaixo da média dos Estados Unidos para o mesmo grupo” revelam que aqui a escravidão era tão intensa quanto, ou pior.

Desta forma, estar e atuar com comunidades quilombolas tem um caráter complexo, sendo uma pesquisa que envolve potenciais históricos, políticos e sociais, no que tange a pessoa ser um quilombola e a estruturação da comunidade. Segundo Bell Hooks (2019),

Muitas pessoas negras são convencidas de que nossas vidas não são complexas e, portanto, não são dignas de reflexões e análises críticas sofisticadas. Mesmo aqueles que estão, com razão, empenhados na luta pela libertação dos negros, que sentem ter descolonizado suas mentes, com frequência acham difícil ‘falar’ da nossa experiência (HOOKS, 2019, P. 339)

Por isso, retoma-se como de suma importância falar das experiências das comunidades quilombolas, trazendo ao plano da pesquisa a percepção de sua complexidade, fazendo-se necessário o entendimento do contexto e das questões políticas e sociais que cerceiam os quilombolas, enquanto pessoas negras, e principalmente, quando se trata da designer, enquanto mulher branca.

Deve-se lembrar também que cada pessoa negra é individual, a raça não os unifica; portanto, deve-se compreendê-los em suas diferenças. E, mesmo dentro de um quilombo, sendo todos negros¹ e majoritariamente parentes de diferentes graus,

¹ Quanto ao uso do termo “negro” ao longo do texto, ressalto algumas considerações. O termo carrega consigo significados (racistas e reflexos do colonialismo) relacionados à “primitividade, animalidade, ignorância, preguiça, sujeira, ...” (Grada Kilomba no seu livro “Memórias de plantação: Memórias de racismo cotidiano”), contudo, como apontado por Ale Santana em seu artigo “A definição do preto ou do negro no Brasil é maior do que as pessoas imaginam” disponível no site

não são iguais. A atuação em campo deve ser feita pensando nas individualidades do Quilombo do Grilo e trazendo os participantes para a perspectiva de autores da pesquisa.

O design, devido ao seu caráter holístico, dinâmico e transdisciplinar (MORAES, 2006), tem diversas formas de atuação e colaboração em meios complexos. Segundo Manzini (2017), a prática do design hoje tem um significado bastante diferente do que tinha no período de seu surgimento, sendo mais humanitárias e conscientes do ponto de vista socioambiental. Partindo deste parâmetro, autores como Noronha (2012; 2017) e Manzini (2017) abordam as novas formas de atuação, tirando o designer do centro projetual e levando-o ao meio, buscando ouvir os atores sociais e trazê-los ao percurso projetual, atuando como mediador de processos.

O designer como mediador e/ou facilitador no projeto leva em conta a complexidade do cenário, observando seus aspectos culturais e ambientais. Neste contexto, dá-se ênfase à possibilidade de valorização de histórias e culturas locais, que torna-se de grande relevância quando se reflete sobre as atuais formas que validam o poder, o ser e o saber, e que ainda não contemplam todas as classes sociais, as formas de saber e, no geral, todas as pessoas (BERNARDINO-COSTA, 2018).

Escobar (2016) aponta que,

As formas vernáculas de design também podem ser particularmente relevantes quando se participa de projetos de design que visam fortalecer a autonomia e resiliência da comunidade. (ESCOBAR, 2016, p. 56.)

Dentre as possibilidades de atuação do designer em comunidades, Krucken (2009) ressalta a valorização por meio da divulgação da história inerente ao território. Trazer à tona a história, a cultura e os saberes dessas comunidades, principalmente por meios que sejam de fácil disseminação e apreensão das informações, é uma forma de valorizar e prover o reconhecimento das mesmas em uma atuação conjunta com os coautores. Tratando-se da coautoria, Ripper e Moreira (2004) explicitam a prática da autoria coletiva, como acontece no Laboratório de Investigação em Livre Desenho, da PUC Rio,

Mundo Negro, há um processo de ressignificação do termo e também do ser negro no Brasil. A autora ainda ressalta a importância de respeitar quem prefere ser chamado de preto ou negro e, para além, a relevância de chamar pessoas negras como chamamos pessoas brancas: pelo nome. Na pesquisa o termo mais utilizado é “negro”, devido aos autores mencionados e também como falado pelos coautores em alguns momentos da pesquisa.

O LILD é um grande espaço sem repartições, que seleciona, por suas características físicas, as pessoas que escolhem trabalhar ali. É estimulante para aqueles que gostam do trabalho conjunto, que sentem que as ideias vêm tanto de si mesmas, quanto de fora; que sentem que o que trazem de experiências vividas, se relaciona com o que recebem do meio, no momento presente. Ao agirem, essas pessoas, que escolhem trabalhar em conjunto, percebem que sua emissão vem do seu passado, vem do seu presente e de fora dele, estando elas como receptoras.

Como consequência, atuam não como autores, mas como membros de um conjunto que envolve muita gente. O mito da autoria das coisas conduz ao individualismo e a dificuldades do trabalho em conjunto, indo contra as necessidades do momento. Na realidade, hoje, ninguém faz mais nada sozinho, as coisas são desenvolvidas por muitos, a partir de inúmeros dados. (MOREIRA & RIPPER, 2004, p. 7, apud TELES e FARBIARZ, 2015)

Para atuação como mediadora visando a valorização histórico-cultural, percebe-se a utilização da cartografia como um percurso metodológico, que prevê a transversalidade no meio projetual para a construção de um plano comum (KASTRUP E PASSOS, 2013) em que as ideias, desejos e prerrogativas sobre determinado tema sejam construídas mutuamente.

A cartografia como percurso metodológico, por ser subjetiva e construída com base nos discursos, nas trocas, nas vivências em campo, permite a inclusão efetiva dos atores sociais na pesquisa, assim como uma pesquisa moldada aos seus anseios e necessidades, que se torna imprescindível na atuação em comunidades tradicionais para a percepção e a valorização do conhecimento desses povos, principalmente, em atividades participativas e que proporcionem a correspondência (INGOLD, 2016) entre os coautores e a designer por meio de um plano comum.

Para contribuir para a construção do plano, são abordadas reflexões trazidas por Passos, Kastrup e Tedesco (2015; 2016) que refletem sobre pistas para um percurso cartográfico; e também reflexões trazidas por Ingold (2016), Guzmán (2020) e Anastassakis e Szaniecki (2016), que consideram a correspondência e os dispositivos de conversação como uma forma de acionar diálogos e a troca em campo; além disso, Pink (2013), que apresenta as imagens como uma ferramenta no meio projetual e Bistagnino (2009; 2011) e Pêgo (2014), que refletem sobre o design sistêmico e a possibilidade de percepção genuína dos fluxos envolvidos num sistema.

Portanto, a pesquisa prevista a ser realizada com o Quilombo do Grilo prevê o caráter complexo da atuação, havendo o contexto do campo, dos coautores e da perspectiva da atuação da designer, que visa a construção de um plano comum. Para isso, reflete-se: É possível uma designer branca construir um percurso

transversal numa comunidade quilombola? Qual é o papel da designer? Como construir um plano comum? Essas foram questões cultivadas enquanto traçava-se o percurso da pesquisa. É importante ressaltar o gênero e a raça, devido às particularidades intrínsecas da experiência de cada pessoa; as vivências da pesquisadora não seriam as mesmas das de um homem, ou até mesmo das de uma mulher, também cis, negra; por isso, serão ressaltadas as questões e as experiências partindo deste viés.

À luz destes questionamentos e reflexões, justifica-se o uso da pesquisa escrita em primeira pessoa quando se trata da tradução da experiência no percurso, referindo-se às minhas percepções e vivências quando na primeira pessoa do singular e às visões de mundo dos coautores e minhas quando na primeira pessoa do plural. Evidencia-se também o uso da referência ao gênero durante a escrita da pesquisa, sendo parte da perspectiva não colonial adotada na pesquisa.

2 OBJETIVOS

O objetivo desta pesquisa é o de investigar a atuação da designer em comunidades tradicionais, analisando a possibilidade da atuação transversal de uma designer branca numa comunidade quilombola, em específico o Quilombo Grilo, para o mapeamento de sua história, cultura e saberes. E tem-se como objetivos específicos realizar um estudo bibliográfico sobre a situação das pesquisas de design em territórios quilombolas e as reflexões sobre raça, gênero e classe; além disso, compreender as vivências, experiências, percursos e lutas que fazem parte do percurso da Comunidade Quilombola Grilo; mapear saberes e fazeres da Comunidade Quilombola Grilo; estruturar uma ferramenta que acione a conversação e a troca entre os coautores (pesquisadora e atores sociais) em campo e, por fim, analisar o percurso da designer numa comunidade quilombola, visando o entendimento sobre a efetividade da atuação transversal.

3 JUSTIFICATIVA

A pesquisa parte de inquietações e reflexões que surgiram a partir da relevância pessoal das experiências acadêmicas vivenciadas, relacionadas às perspectivas de atuação do design e da percepção da importância da disseminação e do registro da história, da cultura e do saber-fazer das comunidades tradicionais, assim como a relevância da pesquisa para o Programa de Pós-Graduação da

UFMG, que ainda possui poucas pesquisas qualitativas em comunidades tradicionais, visando fomentar a temática e as reflexões sobre a atuação no programa.

Em relação às experiências acadêmicas, atuei em projetos de pesquisas e extensão no NIDA (Núcleo de Inovação, Design e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão), que proporcionou reflexões, vivências e inquietações sobre o papel do designer na contemporaneidade, o caráter holístico e transdisciplinar do Design, a percepção do valor das comunidades tradicionais e as possibilidades de uso do Design em pesquisas realizadas em comunidades tradicionais do estado do Maranhão.

Durante as pesquisas e estudos realizados pelo núcleo, foi possível confirmar a importância e o valor do saber-fazer das comunidades tradicionais, assim como a percepção das histórias de luta e resistência, que fazem parte da base histórica do país, as práticas e os elementos culturais que permeiam a história, crenças e costumes do local, e os conhecimentos e práticas, obtidos de forma empírica, que são passados de geração em geração e têm um valor inegável e que por muitos são desconhecidos e, até mesmo, desvalorizados.

Percebeu-se, então, que os reflexos do domínio colonial ainda são visíveis as formas de poder, ser e saber orientam e validam ou invalidam pessoas de diferentes classes sociais, suas formas de viver e seus conhecimentos. As comunidades tradicionais sofrem diretamente os impactos desse domínio, tendo suas histórias desconsideradas e os conhecimentos invalidados e não reconhecidos, sendo de suma importância a valorização e o registro histórico-cultural desses locais.

O percurso cartográfico como metodologia e filosofia de pesquisa, por ser um percurso que se constrói em campo, possibilita a atuação da pesquisadora e designer como mediadora, assim como prevê a coautoria dos atores sociais, o que permite uma perspectiva decolonial da pesquisa, evitando a criação de hierarquias no percurso da pesquisa e no processo de mostrar e registrar a história, a cultura e o saber-fazer da comunidade.

Considera-se ainda a importância de valorizar e disseminar os conhecimentos e as práticas dos atores sociais, considerá-los *experts* de seus saberes e buscar uma atuação no campo do Design que não proponha intervenções diretas no modo de vida e/ou pensar da comunidade, o que refletiria uma hierarquia, considerando a designer uma *expert* que contribuiria com saberes

para a comunidade. Essa pesquisa propõe uma atuação transversal, que busque a troca e o registro de conhecimentos.

Ressalta-se a importância da pesquisa para o Quilombo Grilo, como forma de disseminar e registrar a história, a cultura e o saber-fazer da comunidade, que sofre com o afastamento dos jovens no que cerceia o quilombo; há também o medo do apagamento e/ou esquecimento da história local e a invisibilidade de sua existência, o que é intrínseco aos quilombos.

Desta forma, acrescenta-se também sobre a importância dessa reflexão para o campo do Design enquanto dinâmico e interdisciplinar, buscando contribuir para pesquisas e estudos da área, gerando reflexões sobre a importância de falar sobre as comunidades quilombolas trazendo-as para o campo da complexidade, fazendo-se necessário tangenciar questões sociais e políticas, como no caso desta pesquisa, onde ressalta-se a designer branca em um campo de pesquisa com atores sociais negros.

Assim, percebe-se as contribuições acadêmicas da pesquisa, que irá gerar reflexões e colaborações acerca da temática de design participativo, design e território, ferramentas de design colaborativo e percursos cartográficos como filosofia de pesquisa no campo do design, assim como subsidiar debates sobre a forma de atuação do design em meios complexos, evidenciando as individualidades dos coautores e do designer envolvido na pesquisa.

A pesquisa denota relevância científica e social por buscar subsidiar debates e reflexões sobre a atuação do Design enquanto potencial multidisciplinar, dinâmico e social visando sua possibilidade de atuação em comunidades tradicionais quilombolas, abordando perspectivas e metodologias transversais que visem o reconhecimento e a valorização das comunidades e dos habitantes.

A pesquisa também traz contribuições sociais, devido à disseminação da história, da cultura e dos saberes de comunidades tradicionais, possibilitando a sua valorização e reconhecimento. Percebemos que, na Paraíba, a cultura negra e quilombola sofre de um apagamento e entendemos que seja importante contribuir para a visibilidade dessa cultura, que faz parte da história do estado.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Comunidade Tradicional Quilombola

No Brasil, a quilombagem, assim como a insurreição, surgiram como forma de resistência dos escravos. O quilombo, em específico, consistia em lugares nos quais os escravos fugitivos mantinham-se escondidos. A expressão “deriva da palavra “Kilombo”, da língua *Mbundo* do tronco linguístico Banto, com significado provável de sociedade como manifestação de jovens africanos guerreiros/as” (BARROS, 2012, p. 13); portanto, abordar a temática quilombola é falar, necessariamente, de luta e resistência.

Após a abolição da escravatura e mediante as reivindicações de movimentos sociais negros, houve a promulgação de leis e decretos para a regularização da posse de terras e que tinham o objetivo de proteger os quilombolas. Segundo Santos (2020), a partir do Art. 68 de 1988 foi instituído o direito territorial aos povos remanescentes de quilombos, surgindo a necessidade de identificação destes povos e o reconhecimento pelo Estado como sendo possuidores de direitos e atenção, contribuindo também para a autoaceitação e a sensação de pertencimento por parte dos quilombolas.

O Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias compreende “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Desde então, surgiram diversas leis e decretos que definiam, regulamentavam e afirmavam direitos aos quilombolas.

Os quilombos, como parte do grupo de comunidades tradicionais, têm sua definição, do ponto de vista jurídico e constitucional, de acordo com a Resolução nº 8, que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (doravante DCN) em 20 de novembro de 2012, o qual afirma que comunidades tradicionais são:

I – os grupos étnico-raciais definidos por auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica;

II – Comunidades rurais e urbanas que:

- lutam historicamente pelo direito à terra e ao território o qual diz respeito não somente à propriedade de terra, mas a todos os elementos que fazem parte de seus usos, costumes e tradições;
 - possuem os recursos ambientais necessários à sua manutenção e às reminiscências históricas que permitam perpetuar sua memória.
- III – comunidades rurais e urbanas que compartilham trajetórias comuns, possuem laços de pertencimento, tradição cultural de valorização de antepassados calcada numa história identitária comum, entre outros. (Brasil, 2018)

Com esta resolução, é possível perceber o caráter histórico de luta e resistências a opressões presente nas comunidades tradicionais, assim como suas características de valorização de conhecimentos, história e cultura que passam de geração em geração e, por consequência, a autonomia dessas comunidades, ao possuírem habilidades de uso e geração de recursos, principalmente ambientais, para suprir suas vivências e necessidades.

É válido ressaltar que o processo de autonomia consistiu em técnicas e buscas por sobrevivência neste território, que, em sua maioria, consistem em lugares distantes, de difícil acesso e de difícil locomoção para outros lugares. Observa-se ainda grande ocorrência de compra ou doação das terras de seus antigos senhores, que permitiam a permanência ou a compra não por bondade ou empatia, mas num contexto antagônico, com a perspectiva de que não conseguiriam se manter por muito tempo.

Além do contexto da compra de terra de seus antigos senhores, há a ocupação, doação ou compra das terras que serviram de refúgio para os quilombolas, fator que também justifica a localização e a dificuldade de acesso. Em contrapartida, as famílias deixadas, além de já conhecerem bem o território por terem trabalhado ou vivido por muito tempo naqueles lugares, aperfeiçoaram ainda mais suas habilidades, construindo a relação de troca com o ambiente e alcançando autonomia. Percebe-se, assim, seus conhecimentos genuínos e respeito ao ambiente em que vivem. Como afirmado por Acosta (2016),

A visão de mundo dos marginalizados pela história, em especial dos povos e nacionalidades indígenas, é uma oportunidade para construir outros tipos de sociedades, sustentadas sobre uma convivência harmoniosa entre os seres humanos consigo mesmos e com a Natureza, a partir do reconhecimento dos diversos valores culturais existentes no planeta. Ou seja, trata-se de bem conviver em comunidade e na Natureza. (ACOSTA, 2016, p. 24)

Desta forma, percebe-se os saberes e os fazeres intrínsecos a esses povos e o ambiente em que vivem, que, apesar de detentores de conhecimento sobre o

território e a constante luta para (sobre)viverem no local, necessitam de passar por um longo processo para ter o direito de continuar no local legalmente.

Os quilombos têm conquistado seus direitos de ocupação das terras por meio do reconhecimento oficializado por órgãos responsáveis. O Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, publicado no Diário Oficial da União, página 4, regulamenta as disposições relativas ao processo administrativo para a identificação dos remanescentes das comunidades dos quilombos, bem como para o reconhecimento, a definição, a demarcação, a titulação e o registro imobiliários das terras por eles ocupadas.

Neste observa-se, além da reafirmação de suas características intrínsecas previamente citadas na resolução nº 8 e abordadas por Acosta (2016), como as características de lutas, resistências, autonomia e valorização de antepassados, a explicitação das lutas das comunidades quilombolas pelo direito à terra e ao território, devido ao longo e tortuoso processo de titulação das terras, o qual reconhece e oficializa a comunidade como remanescente de um quilombo e permite que os quilombolas possam de fato usufruir de seus direitos. Para facilitar o entendimento sobre este processo e o conteúdo do Decreto, montou-se a Figura 1, onde as informações são apresentadas de forma simplificada.

Figura 1 - Processo de Titulação de Terras



Fonte: Produzido pela autora com base no Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003.

Apesar de haver decretos e leis que regularizem esse processo para as comunidades remanescentes de quilombos e constituam direitos aos quilombolas, enfatiza-se que o caminho percorrido para efetivar a titulação é bastante demorado e, até mesmo, difícil, devido aos prazos, documentos cobrados, à ausência de documentação que comprove a posse das terras, dentre outros. Além disso, existem obrigações durante e após o processo de titulação em relação ao uso e à ocupação das terras, para que o processo seja validado e continue assegurado. Como diz seu Elias, morador da comunidade quilombola Grilo, “é muita luta”.

A luta dos quilombolas se inicia com o reconhecimento do quilombo e continua no percurso de manutenção da titularidade, existindo obrigações que a comunidade deve cumprir para que as terras sejam asseguradas, como afirmado por Seu Elias. Dentre os pontos citados, ressalta-se a utilização das terras para a subsistência e as constantes reuniões entre os moradores da comunidade, visando realizar debates e trocas em relação à manutenção da comunidade, assim como realizar a verificação da estadia dos quilombolas no local; quem faltar mais de três reuniões está sujeito à expulsão.

Além da dificuldade de regularização, há uma percepção uniformizada de quilombos e, majoritariamente, uma visão apenas do ponto de vista territorial. No entanto, é necessário perceber e considerar as particularidades das comunidades e dos quilombolas, a pluralidade de vivências, culturas, saberes e histórias intrínsecas a cada povo e as individualidades de cada um ali inserido, enquanto pessoa quilombola.

4.1.1 O Quilombo do Grilo na Paraíba

Na Paraíba existem 45 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares, segundo dados atualizados em abril de 2021 da AACADE (Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afro-Descendentes) e do CECNEQ (Coordenação Estadual de Comunidades Negras e Quilombolas da Paraíba), entidades que se comprometem com as comunidades quilombolas da Paraíba, (Figura 2) e, também, segundo uma tabela de Certidões Expedidas às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQa) publicada no DOU (Diário Oficial da União) de 15/06/2021 da Fundação Cultural Palmares (Anexo II).

Figura 2 - Quilombos na Paraíba



Fonte: AACADE e CECNEQ (2021). Disponível em: <http://quilombosdaparaiba.blogspot.com/p/mapas.html>

O Quilombo do Grilo está localizado no município Riachão de Bacamarte, na Paraíba, na mesorregião do Agreste Paraibano e na microrregião de Itabaiana, a 97 km de distância da capital do estado, João Pessoa (Figura 3). O local caracteriza-se por uma comunidade remanescente de um quilombo, tendo 147 hectares de terras reconhecidas pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e Fundação Cultural Palmares, cuja certidão foi emitida no dia 12 de maio de 2016.

Figura 3 - Localização do Quilombo Grilo



Fonte: Autora

O primeiro contato com a comunidade ocorreu por intermédio de outro pesquisador que já a havia conhecido, Walisson Santos, autor da dissertação de mestrado “Dos saberes imateriais à concepção dos artefatos: uma etnografia do design vernacular em um quilombo da Paraíba” (SANTOS, 2020).

O contato ocorreu para realização de trabalho proposto na disciplina “Design, Inovação e Sustentabilidade” do mestrado em design no PPGDesign-UFCG (Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande), que consistia em uma análise da sustentabilidade envolvida no processo de produção de cerâmica realizado na comunidade. Para isso, foi realizada uma visita para a realização da atividade de pesquisa, onde obteve-se a primeira troca de saberes com os coautores desta pesquisa.

A comunidade iniciou seu percurso há cerca de 100 anos, e o nome originou-se literalmente por causa dos insetos denominados grilos, que encontravam-se ali em bastante quantidade e estridulavam, ou, como relatado, cantavam, produzindo um som estridente, ao redor do poço que, na época, era o responsável pelo abastecimento de água do local.

O percurso da comunidade teve início com a chegada de seu Manoel no território onde hoje se encontra o quilombo; ele veio fugido esconder-se no local que hoje constitui o quilombo. Lima e Azevedo (2017) abordam a fala de uma moradora do local que aponta que:

- O tataravô da minha mãe veio de um lugar bem longe, ninguém sabe nem de onde. Veio fugido, não tinha nada. Dizem que quando ele veio, só foi o que ele trouxe, foi uma cabacinha, era numa vara. Já era o que minha biza falava para minha vó e minha vó falava para minha mãe, que ele veio sozinho, por dentro dos matos, todo rasgado, com medo. Fugido! O que ele trouxe foi: Mãe disse que não era saco, era trapo. Uma mochilinha amarrada com um pouquinho de água, nessas varas que balança, chegou aqui, se arranjou, aí casou e dizia que veio fugido, sofria muito e a família ficou prá lá. Ele dizia que tinha oito irmãos, tinha pai, tinha mãe, tinha tudo, mas não puderam vir, que já foi ele fugindo de tanto sofrimento, disse que ele era todo marcado, e daí, foi casando e formou essa família todinha. (Relato de moradora Paquinha para LIMA e AZEVEDO, 2017)

Manoel Graciliano dos Santos, tataravô de Paquinha, casou-se com Jovelina Maria da Conceição e, no local, viviam a partir do que encontravam na natureza (água e alimentos) e se adaptavam a uma relação de troca com o ambiente (SANTOS, 2020). Os primeiros anos no local foram marcados por muita tensão para o casal e, posteriormente, também para seus dois filhos, pois tinham que se

manter escondidos e chegaram, inclusive, a sofrer ataques armados a mando de seus antigos senhores.

Com medo, a família começou a prestar serviço a um fazendeiro que possuía terras próximas ao local de esconderijo em troca de alocação e, ao que pensavam, segurança e subsistência. O trabalho durou anos e poderia ser comparado à escravidão, levando-se em consideração a falta de direitos e o abuso trabalhista.

A posse do território que atualmente contempla a comunidade Grilo iniciou-se com a compra das terras desse antigo proprietário, como indicam Maracajá e Rodrigues (2015),

As informações nos indicam que o local atual onde estão as casas da Comunidade Grilo foi adquirido no “momento de desagregação da unidade familiar do antigo proprietário das terras”, conhecido como Honório Alves (BATISTA, 2009, p.93). No momento da compra das terras, não foi emitido qualquer documento que oficializasse a aquisição, “era só tratado de boca”, como explica Elias, liderança da Comunidade Grilo. (MARACAJÁ e RODRIGUES, 2015).

O processo de reconhecimento e titulação das terras foi liderado, principalmente, por dona Leonilda, mais conhecida como Paquinha, por dona Lourdes e seu Elias, reconhecidos como líderes e representantes da comunidade, após o estímulo e auxílio de pesquisadores de áreas humanas e sociais. Santos (2020) afirma que doutores em Antropologia do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) redigiram o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) em 2001.

Seu Elias, dona Paquinha e dona Lourdes relataram que o processo foi difícil e foram solicitados diversos documentos comprobatórios, acordos com interessados nas terras e reuniões para estabelecer um consenso entre os moradores. O processo foi finalizado, com o reconhecimento e a titulação das terras pelo INCRA no ano de 2006 e a portaria foi publicada no Diário Oficial da União em 2013.

A comunidade é formada por pessoas que nasceram ali, a maioria das pessoas sendo descendentes de seu Manoel Graciliano dos Santos e de dona Jovelina Maria da Conceição, ou de pessoas que obtiveram uma ligação com o quilombo devido ao matrimônio com moradores. Uma prática bastante comum no local é o casamento entre os quilombolas, principalmente os mais antigos, que não possuíam muitas vivências fora do quilombo. Percebe-se, desta forma, que os moradores da comunidade, quase que na totalidade, são parentes, e as atividades e

práticas, passadas de geração em geração, possuem uma importância maior por serem legados da família.

Atualmente esse quilombo possui cerca de 92 famílias (dado informado à autora por moradores da comunidade durante uma visita), que vivem principalmente a partir de agricultura de subsistência, da venda de alimentos plantados e, também, da venda de artesanatos, sendo estes a 'renda', a 'cerâmica', que foi a atividade vivenciada durante a realização da disciplina, e também o 'sisal', utilizados apenas como uma renda secundária de poucas mulheres da comunidade.

Durante a visita, percebeu-se que a valorização e o reconhecimento dos valores da comunidade e do saber-fazer seculares praticados no local são vivenciados majoritariamente pelos mais velhos, especialmente seu Elias, dona Paquinha e dona Lourdes, os quais reclamam do desinteresse dos mais jovens pelas práticas e do fato de, até mesmo, eles sentirem vergonha de serem quilombolas. O afastamento nas novas gerações da história e das práticas do Grilo são apontados como prejudiciais ao quilombo, pois, conforme relatado, prejudica o registro e a perpetuação dos saberes, que até o momento são passados de forma oral e prática, de geração em geração, sendo preservados na memória dos quilombolas.

Maracajá e Rodrigues (2015), apontam que

Compreendemos ainda que os aspectos que são relativos à memória contribuem no sentido de extrair do passado reminiscências de sua trajetória e de sua ancestralidade negra. Essa memória nos permitiu interpretar a comunidade, pois é através dela que as conquistas políticas e culturais passam de geração a geração, através da troca de conhecimentos entre os que partilham tradições, modos de vida, costumes, ideais, entre outros aspectos que nos levam a pensar que é em virtude dessas trocas de saberes que esses grupos estão resistindo, através de lutas pela permanência e pela reprodução de seus valores étnicos em seus territórios. (MARACAJÁ; RODRIGUES, 2015, p. 9)

Desta forma, destaca-se a importância da preservação das memórias e saberes para a resistência da comunidade, pois “as memórias os tornam quilombolas” (AMARAL, 2011, p. 86). O afastamento da nova geração pode significar o apagamento da história dentro da comunidade, assim como o distanciamento da percepção de seus valores étnicos e territoriais.

Tais apontamentos revelam as fragilidades e lutas que cerceiam as comunidades quilombolas, que, só por existirem já são um ato de resistência. Destaca-se, então, as questões sociais e políticas intrínsecas à comunidade, que

vão além da percepção da história de forma isolada, mas envolvem os fluxos que tecem sua história e permanência.

Portanto, vislumbra-se a importância do mapeamento dos saberes e fazeres do local, numa perspectiva de transversalidade, para que seja possível o entendimento das vivências e contextos de vida dos atores sociais e a percepção das problemáticas apontadas, assim como a construção de possibilidades de atuação que proporcionem a identificação genuína dos coautores com o meio projetual.

4.2 O lugar da designer: atravessando questões sociais e políticas

Início as reflexões sobre as questões sociais e políticas intrínsecas à atuação em comunidades tradicionais quilombolas trazendo um apontamento de Eddo-Lodge (2017), que aponta que não estamos numa era pós-racial, pois “não é porque vemos mais pessoas negras nas diversas mídias ou nas universidades que podemos pensar que o debate sobre raça e racismo estão esgotados (ELLO-RODGE, 2017, P. 75); pelo contrário, a visibilidade apenas se torna uma prerrogativa utilizada por pessoas que se beneficiam das questões estruturais para mascarar a existência do problema..

Desta forma, é de suma importância manter os debates sobre o tema aberto e, em se tratando de comunidades quilombolas, um ambiente habitado por pessoas negras, e levando em consideração os reflexos coloniais ainda existentes, é válido refletir sobre teorias que busquem entender os contextos e ir contra paradigmas coloniais e racistas, visando embasar as perspectivas de atuação da designer, branca, neste contexto. Segundo Bastone,

A história de luta da população negra em busca por lugar e voz dentro de uma sociedade que a exclui, a silencia e a oprime é antiga. Ter a negritude como motivo de orgulho e poder é transgressor e só pode ser conquistada na medida em que as estruturas colonizadoras, patriarcais e racistas sejam transformadas, mudança que deve ser feita por negros e por não negros. Enquanto as estruturas sociais forem lideradas e motivadas por pensamentos supremacistas brancos, não havendo um questionamento e uma cobrança pelo posicionamento da branquitude, tudo permanecerá igual. (BASTONE, 2022)

Apesar da era colonial ter chegado ao fim, seus reflexos ainda persistem no subjugamento dos povos “pelas hierarquias raciais, de classe, de gênero, sexualidade e sexualidade moderno/coloniais” (BERNARDINO-COSTA, 2018, p. 120) e, como apontado por Bastone (2022), a luta contra a colonialidade requer

também a atuação da branquitude. Para refletir sobre essa atuação, faz-se necessário entender e contextualizar os reflexos da colonialidade ainda existentes na sociedade, conforme apontado por Bernardino-Costa.

Os autores Aníbal Quijano (2005), Walter Mignolo (2003) e Maldonado-Torres (2007) desenvolveram, respectivamente, os termos 'colonialidade do poder', 'colonialidade do saber' e 'colonialidade do ser', em que apresentam as classificações hierárquicas, epistemológicas e ontológicas que privilegiam certos povos e suas formas de representação e disseminação de saberes, resultantes desse período.

Quijano (2005) reflete sobre a imposição de um padrão de poder em que "a ideia de raça e o racismo se constituíram como princípios organizadores da acumulação do capital em escala mundial e das relações de poder no sistema-mundo" (BERNARDINO-COSTA, 2018, p. 121); desta forma, o autor, iniciando as discussões sobre conceituações às imposições da colonialidade, abordou o padrão que deslegitima pessoas negras perante seu poder social e financeiro, ditando as classificações sociais conforme a acumulação do capital.

À luz das contribuições de Anibal Quijano, Mignolo (2003) reflete sobre a colonialidade do poder atravessando a colonialidade do saber, a qual deslegitima as diferentes formas de apreensão e disseminação de saberes. No século XVI, representado pela hierarquia entre os povos com e sem escrita (BERNARDINO-COSTA, 2018), e, atualmente, sendo refletido na valorização dos saberes científicos e dos dados quantitativos e na desvalorização de saberes empíricos de povos tradicionais e abordagens qualitativas de pesquisa.

Maldonado-Torres (2007) contribuiu com as reflexões abordando o conceito de 'colonialidade do ser', nomenclatura à qual ele dá os créditos a Walter Mignolo, refletindo sobre as hierarquias cerceadas no ser. O autor cita a frase de Descartes "Penso, logo existo" para ecoar suas elaborações sobre a colonialidade do ser. Maldonado-Torres (2007) aponta que a frase, além de deslegitimar os considerados não-pensantes, fazendo referência à colonialidade do saber, desconsidera a existência deles.

O autor reflete que, enquanto privilegia-se a existência de um povo, tira-se a visibilidade da existência dos outros. Como observado, os reflexos da colonialidade estão interligados e, conforme apontado pelos autores, a visão eurocêntrica e colonial define o que é válido e qualificado, classificando as pessoas por sua raça,

condição econômica, gênero e orientação sexual, e deslegitimando quem não se inclui no padrão pré-definido. Segundo Quijano,

A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. (QUIJANO, 2005, P. 118)

Os brancos, no papel de dominantes, requerem privilégios nesse sistema. O privilégio branco é facilmente percebido, sendo os brancos com maior poder aquisitivo, cisgêneros (pessoas que se identificam com os aspectos sexuais de quando nasceram), heterossexuais e do sexo masculino, os mais privilegiados nesse sistema.

Esse privilégio é evidenciado quando se trata de dados de taxa de desemprego, níveis salariais, taxas de mortalidade, dentre outros, que mostram a distinção acentuada dos perigos e obstáculos que cada grupo enfrenta. A partir disso, Almeida (2018) reflete sobre o racismo estrutural, percebendo suas raízes tanto na escravidão, quanto no capitalismo, onde atenta-se às marcas deixadas pela escravidão e colonialidade, que prendem a sociedade a padrões mentais e institucionais escravocatas, compreendendo a escravidão e o racismo como “elementos constitutivos tanto da modernidade quanto do capitalismo” (ALMEIDA, 2018, p. 143), evidenciando a interligação entre essas estruturas.

Almeida (2018), Hooks (2019) e Ribeiro (2019) tratam da perspectiva da raça e da classe como situação conjunta, sendo diretamente ligadas, percebendo que não existe consciência de classe sem consciência de raça, levando em consideração a privação de acesso da população negra à distribuição de riquezas e direitos básicos, como a educação. A privação à educação contribui para a visão de que a classe não é detentora de conhecimentos válidos, levando à deslegitimação de pesquisadores e cientistas negros. Bernardino-Costa (2018), afirma que

O estabelecimento de uma geopolítica do conhecimento operacionalizada pela ideia da diferença colonial ocorreu simultaneamente ao estabelecimento do domínio colonial (Mignolo, 2003). Foi esse domínio colonial que permitiu a alguns definirem a si mesmos como possuidores do conhecimento válido e verdadeiro, e a outros como destituídos de conhecimento. Deste modo, as múltiplas tradições indígenas, africanas, muçulmanas, hindus, entre outras, sofreram um longo processo de deslegitimação no âmbito da modernidade/colônia. (BERNARDINO-COSTA, 2018, p. 122)

Como abordado pelos autores Almeida (2018) e Bernardino-Costa (2018), é notória a deslegitimação do conhecimento advindo de pessoas de pele negra. E este fator influencia diretamente na invalidação das múltiplas tradições de povos e comunidades tradicionais, que além de terem poucos registros de sua história, atualmente têm seu posicionamento e conhecimentos questionados.

Ressalta-se ainda que, dos poucos registros mais antigos da história desses povos, a maioria é escrita por pessoas brancas e apresentam apenas o ponto de vista do colonizador sobre a história. Uma forma de ir contra os reflexos da colonialidade é abordar perspectivas não coloniais. Segundo Hooks (2019, p. 332), “a descolonização continua a ser um ato de confrontação com um sistema de pensamento hegemônico; é, conseqüentemente, um imenso processo de liberação histórica e cultural”.

Desta forma, percebe-se como uma ferramenta a valorização dos saberes de pessoas negras, que, conseqüentemente, podem levá-los à percepção de poder e valorização do ser negro, na perspectiva não colonial. Buscando apontar o papel da branquitude neste processo, a autora Djamila Ribeiro, em seu livro *Pequeno Manual Antirracista*, publicado no ano de 2019, aborda a perspectiva de pequenas reflexões, práticas e ações que podem auxiliar para minimizar o movimento. Segundo, Ribeiro (2019)

Para além de se entender como privilegiado, o branco deve ter atitudes antirracistas. Não se trata de se sentir culpado por ser branco: a questão é se responsabilizar. Diferente da culpa, que leva à inércia, a responsabilidade leva à ação. Dessa forma, se o primeiro passo é desnaturalizar o olhar condicionado pelo racismo, o segundo é criar espaços, sobretudo em lugares que pessoas negras não costumam acessar. (RIBEIRO, 2019, p. 19)

A autora reflete sobre a necessidade primária de perceber e entender o lugar de privilégio como pessoa branca, e também de enquanto mulher valorizar a sua posição, compreender a existência do racismo estrutural na sociedade e suas conseqüências e, a partir disso, apreender as vivências e desigualdades de pessoas negras, desnaturalizar a estrutura racista, dar espaço e voz a essas pessoas, no meio acadêmico, ao ler e citar autores negros, e também no dia-a-dia, dando espaço às lutas e relatos da negritude e, acima de tudo, entender que o movimento negro é plural, necessitando perceber as individualidades de cada um e, ainda, reiterando a necessidade de buscar o ponto de vista de diversos autores negros na realização de pesquisas.

Trazendo para o âmbito desta pesquisa, as reflexões permitem o entendimento das vivências e lutas intrínsecas à população quilombola negra e norteiam o processo, em campo, de notar o privilégio da autora no lugar de pessoa branca, compreender o contexto dos possíveis relatos dos coautores e, durante o percurso da pesquisa, abordar estruturas horizontais que atravessem a decolonialidade no constante ao percurso em campo.

Por último, e talvez um dos pontos primordiais, ressalta-se a importância de tratá-los pelo nome, tanto em campo, quanto no registro do trabalho (sendo na cartografia e na dissertação), chamá-los por nomes genéricos como quilombolas, artesãos, entre outros, é “coisificá-los”; como aborda o escritor quilombola Antônio Bispo dos Santos (SANTOS, 2015), seria como considerá-los apenas como um objeto de estudo e esquecer que, aqui nesta pesquisa, são atores sociais e coautores, ressaltando seus conhecimentos, história e cultura. Portanto, é de extrema importância citar os nomes dos atores sociais aqui mencionados.

Apesar de ser uma prática fundamental quando se trata de metodologias colaborativas e que buscam não tratar as pessoas envolvidas na pesquisa como objetos de estudo e sim como coautores, o Comitê de Ética ainda aconselha a não-identificação dos “pesquisados” (termo utilizado por eles para tratar dos coautores), o que corrobora com a disseminação da prática entre as pesquisas científicas e acadêmicas, sem considerar suas individualidades.

A prática é passível de adoção em pesquisas em que a identificação não se faz necessária ou em que até mesmo possa prejudicar os participantes; mas é fundamental perceber as individualidades de cada pesquisa e trazer à tona esta perspectiva para pesquisas acadêmicas, especialmente as qualitativas, que evidenciam perspectivas sociais e humanas no percurso, como no caso do design em territórios em uma abordagem transversal. Para isso, faz-se necessário caminhar e atravessar diversas disciplinas que contribuem com essa atuação do Design em campo.

4.3 Design e território: uma abordagem multidisciplinar

Em meados do século XX, os designers começaram a refletir sobre as atuações da área, pesquisando uma abordagem mais sustentável e que priorizasse os usuários. O autor Victor Papanek é reconhecido como tendo exercido um grande papel neste marco, com a publicação de seu livro “Design for the real

world” em 1971. O livro aborda a prática do Design com preocupações ambientais e sociais. A obra, apesar de ter várias ressalvas quanto à questão social, até hoje é bastante utilizada quando se pretende abordar projetos com viés sustentável. Ainda no século XX, na década de 80, Ripper iniciou abordagens sociais e colaborativas no ensino em Design no Brasil. Como apontado por Silva e Farbiarz (2015),

Ainda na década de 80, ele idealizou e fundou o LOTDP, laboratório que deu aos alunos a possibilidade de desenvolverem seus projetos sem se limitarem à sala de aula pois, com o término de uma disciplina, o projeto costumava ser interrompido. Sem estar limitados ao espaço e ao tempo da disciplina, os alunos podiam dar continuidade a seus projetos no laboratório. A partir dessa época, o curso de Design gerou um estímulo para que os estudantes saíssem dos limites da universidade e fossem a campo para projetar com os usuários. A proposta era sair do universo “faz de conta” das salas de aula e buscar problemas reais com os quais trabalhar. Assim, eram feitas visitas a algumas instituições, onde eram desenvolvidos projetos sobretudo voltados para pessoas com necessidades especiais, como CVI Centro de Vida Independente, ABBR Associação Brasileira de Reabilitação, INES Instituto Nacional do Surdos, IHA Instituto Helena Antipoff. (SILVA E FARBIARZ, 2015, p. 52)

Desde então o Design vem abordando temáticas que fogem de sua visão apenas funcionalista, academicista e eurocêntrica, partindo para uma perspectiva mais humanista, ampliando para contextos mais complexos (CARDOSO, 2012) e novas formas de atuação. O campo do design está em constante mudança e evolução, com o passar dos anos diversos autores refletem, contestam e reformulam metodologias de design de acordo com as novas percepções do meio social e contexto em que estão inseridos. Escobar (2016) afirma que

Os novos métodos destacam as investigações nas fases iniciais do processo, com o designer como facilitador e mediador mais que como expert, compreendem o design como eminentemente centrado no usuário, participativo, colaborativo e radicalmente contextual; tratam de fazer inteligíveis e cognoscíveis os processos e estruturas que nos rodeiam, para induzir nos usuários um alfabetismo ecológico e de sistemas; etc. Acima de tudo, envolvendo a questão normativa, existe um intento por construir visões culturais alternativas como motores de transformação social através do design. (ESCOBAR, 2016, p. 52. Tradução própria.)

Perceber a atuação do designer como um mediador e facilitador de processos traz à tona a necessidade de se entender as pessoas com quem se está fazendo o projeto, ouvir os envolvidos e dialogar com eles. Portela (2018, p. 23) afirma que “dialogar talvez seja o primeiro passo para começar a aprender as visões de mundo dos outros. Precisamos nos ligar mais aos outros, no sentido de conversar com os diversos atores sociais”.

Neste contexto, o design expande sua visão para além dos produtos e da resolução de problemas, e enfoca, de fato, os seres humanos, nas suas reais necessidades e, ainda, percebe-os como sendo, além de usuários, ‘designers orgânicos’ (NORONHA, 2017), que de fato se envolvem no meio projetual.

O filósofo marxista italiano Antonio Gramsci cunhou a expressão intelectual orgânico para designar aqueles que produzem conhecimento na práxis, na luta contra a hegemonia; reivindicava que todos os homens exerciam atividade filosófica e que todos poderiam refletir, para além da sua condição como subalternos (GRAMSCI, 2006). Venho aqui defender o ponto de vista de que construir metodologias colaborativas de design, na contemporaneidade, implica assumir a possibilidade de que todos os envolvidos na atividade projetual são designers orgânicos. (NORONHA, 2017, p. 291)

Pensando desta forma, Manzini (2017) aborda a perspectiva de que todos fazem design, como diz o título de seu livro, e que todos podem se envolver no percurso projetual, valorizando as ‘expertises’ de cada envolvido, tendo o diálogo e a troca como recursos importantes no projeto. O autor aborda o termo ‘designers difusos’, considerando os atores sociais como possuidores de habilidades para praticar design, mesmo sem a ‘expertise’ na área, e que apontam para a atuação participativa e transversal.

O caráter holístico, dinâmico e transdisciplinar do Design torna-se imprescindível nessas atuações. Disciplinas como a Antropologia, as Ciências Sociais, a Geografia, dentre outras, são de suma importância para contribuir com as reflexões no design e provocar a percepção dos atores sociais e dos meios em que estão inseridos, em projetos e pesquisas de design que priorizam e valorizam a participação de todos.

Escobar aponta que "a antropologia pode ser particularmente útil para projetar estudos, porque permite que examinemos qualquer ordem social como resultado de processos de design envolvendo a interação de materialidade, significados e práticas." (ESCOBAR, 2016, p. 53). A Antropologia aliada ao Design aponta para propostas metodológicas que valorizam o processo, e buscam evidenciar o percurso da pesquisa. Ouvir, dialogar, perceber e valorizar as individualidades dos atores sociais e do meio são fatores acionados pelas práticas do Design à luz da Antropologia, e que se tornam imprescindíveis ao Design quando atuando em territórios.

No que tange a Antropologia, Ingold (2013) sugere o ato de ‘corresponder’ em campo, sendo que “corresponder com o mundo, em suma, não é descrevê-lo, ou

representá-lo, mas responder a ele” (INGOLD, 2013, p. 108). Desta forma, o autor defende a pesquisa que gere a troca entre os envolvidos e, assim, seja construído o meio projetual, como o plano comum proposto pela cartografia. Segundo Kastrup e Passos,

Tal plano é dito comum, não por ser homogêneo ou por reunir atores (sujeitos e objetos; humanos e não humanos) que manteriam entre si relação de identidade, mas porque opera comunicação entre singularidades heterogêneas, num plano que é pré-individual e coletivo. (KASTRUP E PASSOS, 2016, P.16)

À luz da correspondência e traçando o plano comum no meio projetual, percebe-se a possibilidade de agenciar e conectar as diversidades em campo, trazendo os diversos coautores para o campo projetual, perspectiva proposta antropologicamente. Para isso, faz-se necessário não somente o 'ir a campo', mas 'o estar' e fazer parte dele. Sobre o 'estar em campo', Ingold (2015) reflete,

Por que reconhecemos apenas nossas fontes textuais, mas não o chão em que pisamos, os céus em constante mudança, montanhas e rios, rochas e árvores, as casas nas quais habitamos e as ferramentas que usamos, para não mencionar os inúmeros companheiros, tantos animais não humanos como outros seres humanos, com os quais e com quem compartilhamos nossas vidas? Eles estão constantemente nos inspirando, nos desafiando, nos dizendo coisas. (INGOLD, 2015, p. 128)

O autor aborda o 'estar em campo' como algo que naturalmente irá modificar o campo. Assim como os coautores, estamos em constante resposta em relação ao meio em que estamos imersos; desta forma, o 'estar em campo' caracteriza-se, para além da imersão, ao 'estar vivo', que pode não visar a mudança e não ter este objetivo, mas é algo intrínseco à prática, ou seja, a troca entre os seres e fluxos envolvidos. De encontro a este pensamento, trago os autores Farbiarz e Ripper (2011), que buscando um “objeto texto (...) resultante da relação estabelecida nas trocas e encontros, propõem uma forma de fazer o design em parceria, adotada no Laboratório em que fazem parte na PUC-Rio, o LILD,

Fazer Design em Parceria no LILD é se abrir para os agires que Ripper recupera de Aristóteles é perceber que a técnica muda em função da descoberta momentânea, do espontâneo, da descoberta de uma tensão inesperada que leva o sujeito a encontrar um outro caminho para a mão que modela a peça, uma outra palavra para a frase em ação, ou um outro percurso para a questão em evidência. Fazer Design em Parceria é perceber que os métodos se constituem a partir da releitura das ações, da releitura das interações que foram possíveis no nível mental, mas que mostraram novas possibilidades no nível concreto. (FARBIARZ e RIPPER, 2011)

Desta forma, percebe-se que para fazer design em parceria, percebendo a coautoria coletiva, faz-se necessário estar aberto e atento ao campo, pois, apesar

de haver objetivos e metodologias pré-definidas na pesquisa, as mesmas serão também moldadas e adaptadas ao campo da pesquisa, conforme o percurso guiado e percorrido pelos coautores.

Essa perspectiva para a atuação do design em território vem sendo amplamente discutida em pesquisas do design, as quais foram mapeadas para a melhor reflexão da temática. Podemos iniciar pela pesquisa de Guzmán (2020), que buscou experimentar as práticas de correspondência a partir de dispositivos de conversação em terras altas de Chiapas, no México. A autora refletiu sobre as práticas de correspondência, e sua atuação em campo foi fundamentada pelas teorias apontadas por Gatt e Ingold (2013) para entender as práticas de correspondência, assim como por Anastassakis e Szaniecki (2016), trazendo à tona o conceito de dispositivos de conversação.

À luz destas teorias tem-se, também, a pesquisa de Portela (2018), que se propôs a analisar o 'saber-fazer' do outro na perspectiva do empoderamento feminino, percebido nas práticas de tecelagem de artesãs de Santa Maria, em Alcântara, no Maranhão. A pesquisa se construiu por meio de 'prototipagem' de ferramentas, com o uso de imagens que visavam a correspondência como dispositivo de conversação.

Nestas pesquisas, foi possível notar a prática da correspondência. Com Guzmán (2020), pudemos refletir sobre o 'estar em campo' e sobre as perspectivas de correspondência durante todo o processo de pesquisa. Portela (2018) nos apresenta, para além do 'estar em campo', a construção de ferramentas que fomentem a correspondência e acionem diálogos. Por meio da pesquisa, a autora apontou a importância de imagens que apresentem e representem os atores sociais envolvidos, para assim gerar uma identificação e a ferramenta ter maior efetividade.

Trazemos também as pesquisas de Noronha et al (2017, 2018), compiladas no livro "Ciranda de Saberes: percursos cartográficos em Alcântara e na Baixada Maranhense". Neste, houve o mapeamento de saberes e práticas artesanais em comunidades tradicionais do Maranhão por meio do percurso cartográfico como metodologia e da correspondência como filosofia de atuação.

As pesquisas possibilitaram a percepção do estar em campo e ter a pesquisa moldada, também, pelos coautores, o que implica na necessidade de distinguir suas individualidades e necessidades, mesmo com possíveis similaridades entre as práticas e/ou formas de organização das comunidades.

Entrelaçando o objetivo da pesquisa e a perspectiva de construção do plano comum, neste estudo abordaremos o percurso cartográfico como uma filosofia de pesquisa e um percurso metodológico, o qual fundamenta-se pela atuação transversal e não só permite, como implica na correspondência em campo.

4.3.1 Traçando pistas para o plano comum

A cartografia, enquanto percurso metodológico, implica na prática da pesquisa para a construção de um plano comum, com a perspectiva da transversalidade, que conecta heterogêneos e, para além da horizontalidade, não necessita de distinção entre pesquisadores e pesquisados, pois prevê a participação e a intervenção de todos os coautores no percurso da pesquisa, por meio de uma experimentação no plano coletivo, uma construção do plano comum e uma experimentação pública.

A pesquisa deixa de ser uma relação de estudo entre pesquisador e pesquisado, para ser uma ação de “estar com”. O plano comum caracteriza-se pela produção de espaços de pesquisa que contemplem todos os fluxos envolvidos no meio projetual, “é a rede de composição potencialmente ilimitada de seres tomados na proliferação das forças de produção da realidade”. O plano comum não trata a construção da pesquisa como uma propriedade particular, mas sempre no âmbito coletivo.

A perspectiva da pesquisa contempla os pontos de vista inclusivos, transversais e não coloniais abordados neste estudo enquanto uma potencial forma de incluir e valorizar os atores sociais no meio projetual, como coautores deste trabalho.

A prática cartográfica contempla pesquisas quantitativas e qualitativas, com a prerrogativa de que haja a valorização dos processos e uma pesquisa que esteja aberta à adequação do objeto investigado (Passos, Kastrup e Escóssia, 2008). Deste modo, considera-se uma pesquisa que contemple de fato todos os envolvidos, que garanta a satisfação dos ‘stakeholders’ e seus interesses, primando pelo compartilhamento e coletividade durante o percurso que, por fim, traduz-se na cartografia, sendo o percurso representado visualmente, como aponta Noronha (2017),

Na cartografia, aos poucos, aquilo que aparentemente é próprio do pesquisador manifesta uma dimensão notoriamente coletiva através de

descrições e diálogos ocorridos em campo. Estes, ao manter seu caráter literal, asseguram a evidência da heterogeneidade do processo, dá-se voz aos participantes da pesquisa, valorizando o processo além do resultado em si. (NORONHA et al, 2017, p. 220)

Este processo não pode ser superficial, necessita de uma imersão em campo e de uma interação com os 'stakeholders' e todos os elementos envolvidos. Para isso, nesta pesquisa em específico, foram realizadas visitas à comunidade para haver uma imersão no território, uma relação com os atores sociais, um mapeamento de discursos e imagens e registros. Esses registros também foram realizados em conjunto com eles, e a partir do constante diálogo e troca de informações, foram construídas imagens.

A pesquisa cartográfica evidencia o fazer coletivo, no meio projetual "partilhamos um domínio comum do qual fazemos parte em função do modo como juntos habitamos um território, coexistimos em um tempo e compartilhamos um tipo de atividade, um modo de fazer" (KASTRUP e PASSOS, 2016, P. 22). Como abordado por Noronha, Campos e Câmara (2018), a cartografia é

Mais do que uma forma de representação gráfica, cartografar implica um processo dinâmico, interdisciplinar, que envolve conhecimentos do campo do design, da antropologia, da geografia e da psicologia. Uma busca pela tangibilização compartilhada dos processos colaborativos. No campo do design, foi possível, com este intercâmbio de saberes, refletir sobre a prática cartográfica e a ideia de projeto, anuindo aos codesigners a possibilidade de terem voz – e imagens – construídas a partir de múltiplos pontos de vista. (NORONHA, CAMPOS e CÂMARA, 2018, p. 13)

Desta forma, percebe-se a abordagem como uma forma de dar voz e evidenciar os saberes dos atores sociais, por meio da transversalidade, que é de suma importância no processo de construção do plano comum. Kastrup e Passos (2016) conceituam a transversalidade intrínseca à cartografia como uma dimensão onde não se fazem necessárias as fronteiras que separam saberes e atores, onde se atravessa diferentes semióticas e onde os coautores experimentam sua dimensão de coletivo.

Por isso, estar em (e com o) campo é essencial na percepção e tradução da realidade que é vivida pelos sujeitos. Segundo Noronha (2012), o designer vai ao campo para entender as condições culturais, econômicas e sociais antes de projetar e dedica-se a entender as condições de uso do artefato que será projetado; e, ainda, pode avaliar a conveniência de sua inserção em determinado contexto. Como apontado por Noronha,

Outra potencialidade que a cartografia apresenta é a possibilidade de construir a representação gráfica de forma colaborativa, entre pesquisadores e pesquisados. Sobre este processo de traduzir a representação coletiva – símbolos e imaginários – em representações gráficas – ícones e imagens – nos debruçamos em pesquisas anteriores (NORONHA, 2010; 2012), e percebemos o quanto o designer precisa se deslocar de sua posição de centralidade para o meio dos outros atores envolvidos na pesquisa, quando em um processo cartográfico, além de deslocar-se do papel de finalizador do processo e do produto para o papel de mediação. Neste sentido, a cartografia propõe um desenho coletivo. (NORONHA et al, 2017, p. 219)

Como apontado, a cartografia, como filosofia e metodologia da pesquisa, influi desde a forma de organização da pesquisa, como pistas que compõem o percurso metodológico e servem como guia para os caminhos traçados na pesquisa, à forma de atuar e estar com o campo por parte do pesquisador, sendo a transversalidade trabalhada não só no momento de ir ao campo, mas também no momento de tradução do percurso.

O estar com o campo, enquanto exercício da prática cartográfica, caracteriza-se por uma prática fluida, moldada no próprio campo, tendo as pistas como um guia, que pode ser adaptado ao meio. No cultivo dos dados e informações em campo, prevê-se a participação efetiva dos coautores em todos os processos. Desta forma, os caminhos trilhados e até mesmo as possíveis entrevistas são moldadas por eles, pois, ao invés da anonimidade dos entrevistados, proposta pelos protocolos de pesquisa tradicional, eles se transformam em participantes; “é na atenção à processualidade do mundo, fazendo intervenção, que se constitui um gênero pesquisador cartógrafo” (BARROS e SILVA, 2016, P; 140).

Como forma de acionar diálogos em campo, considera-se os dispositivos de conversação abordados por Anastassakis e Szaniecki (2019). A autora conceitua os dispositivos como “as ‘coisas’ tangíveis geradoras de palavras, que temos levado às ruas, morros, bibliotecas, praças e hortas”. (SZANIECKI, 2019, p. 197). A imersão em campo com ferramentas audiovisuais, colaborativas e que acionem a escuta e os diálogos e entre a pesquisadora e os atores sociais são primordiais para o percurso cartográfico.

Guzmán (2020) aponta que “não há dispositivo senão em seu exercício; portanto, todo dispositivo está localizado no espaço e com uma dada temporalidade” (GUZMÁN, 2020, P. 90). Nota-se, portanto, o potencial de adaptabilidade e o acionamento de diálogo do dispositivo, que se adequam ao momento e espaço em que se encontram, adotando características dos coautores envolvidos neste meio.

Percebe-se, então, os dispositivos de conversação como meios adequados para guiar as trocas no plano comum.

Todo o percurso da pesquisa é guiado e tangenciado por um plano comum, do planejamento à tradução. A cartografia aponta o processo de escrita da pesquisa e a construção dos mapas como um ato de traduzir o percurso e não como uma representação ou transcrição. A tradução engloba a inclusão intrínseca dos percursos transcorridos, assim como inclui as diversas camadas de informações que possam ter sido englobadas. A tradução deve ser mantida tanto na escrita, como na apresentação dessa dissertação, como na tradução dos mapas.

As imagens se tornaram de suma importância nesse percurso, como forma de acionar diálogos e acionar memórias. Segundo Sarah Pink (2013), nesses papéis, a mídia visual e digital faz parte das formas em que constituímos o pensamento etnográfico. Além de ser usada para criar representações de conhecimento, oferecendo uma forma de continuidade entre o trabalho e o campo, no contexto de pesquisa acadêmica aplicada a outros meios, a mídia visual pode oferecer novos resultados e perspectivas. Cunha (2016) ainda considera que o uso da imagem pode comunicar e expressar memórias, sendo uma ferramenta que pode proporcionar novas reflexões, sentidos e diálogos.

Para a contribuição neste percurso, aborda-se também nesta pesquisa as ferramentas do design sistêmico, uma metodologia que abrange as novas formas de pensar e fazer design numa perspectiva de alta complexidade, com base em um pensamento sistêmico que surgiu no século XX (PÊGO, 2014). Segundo Bistagnino (2011), o Design Sistêmico oferece uma abordagem de design com base nos valores sociais, culturais, éticos e biológicos compartilhados por qualquer homem, ainda que em sua especificidade cultural.

A abordagem sistêmica do design permite, portanto, alargar as referências não se limitando ao produto. O foco do projeto se alarga para o conjunto de relações geradas e para a identificação dos fluxos de matéria e energia, que constituem a entrada e a saída do processo como um todo produtivo, comunicativo e social. A base da abordagem sistêmica é cercar-se da natureza e das suas dinâmicas de funcionamento. (BISTAGNINO, 2009, p. 19)

Na atuação em territórios, o design sistêmico proporciona a visão do conjunto em oposição ao individualismo, prezando pelo todo e buscando entender a amplitude do sistema e seu funcionamento. Essa abordagem busca entender os

fluxos de matéria e energia de todos os recursos envolvidos no sistema, sejam tangíveis ou intangíveis, e suas devidas limitações, significados e camadas.

Nos entrelaces das teorias aqui trabalhadas, delineamos o percurso metodológico desta pesquisa, apresentados a seguir.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

5.1 Caracterização da Pesquisa

Para a caracterização da pesquisa, leva-se em consideração, o objetivo da pesquisa e seu cerne, que é o percurso cartográfico e um estudo de relações estabelecidas na transversalidade dos papéis. A posição de “pesquisador” e “pesquisados” (termos utilizados nas pesquisas, principalmente as positivistas) sem estruturas hierárquicas é prevista na pesquisa participativa, quando é questionada a forma de abordagem de ambos na pesquisa e considera-se que todos os envolvidos têm a denominação de coautores. Porém, para além da estrutura participativa, prevê a pesquisa com caráter político e questionamentos sociais, previsto na pesquisa-intervenção, como proposto por Rodrigues e Souza (1987)

A antiga proposta lewiniana vem sendo ressignificada à luz do pensamento institucionalista: trata-se, agora, não de uma metodologia com justificativas epistemológicas, e sim de um dispositivo de intervenção no qual se afirma o ato político que toda investigação constitui. Isso porque na pesquisa-intervenção acentua-se todo o tempo o vínculo entre a gênese teórica e a gênese social dos conceitos, o que é negado implícita ou explicitamente nas versões positivistas 'tecnológicas' de pesquisa. (Rodrigues e Souza, 1987: 31, apud Rocha e Aguiar, 2003).

Acrescenta-se ainda que, de acordo com Kastrup e Passos (2016, P. 19), o percurso cartográfico é “sempre uma pesquisa intervenção com direção participativa e inclusiva”. À luz desta afirmação, ressalta-se que, quanto à estratégia, essa pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa-intervenção.

Segundo Rocha e Aguiar (2003), a pesquisa-intervenção é caracterizada por uma “tendência das pesquisas participativas que busca investigar a vida de coletividades na sua diversidade qualitativa”, sendo ainda uma crítica ao método positivista de pesquisa. Desta forma, é prevista a percepção dos coautores como seres individuais e, conseqüentemente, é prevista a abordagem qualitativa da pesquisa.

Aqui, destaca-se que a pesquisa qualitativa é essencial na representação da realidade que é vivida pelos sujeitos. Segundo Noronha (2012), o designer vai ao

campo para entender as condições culturais, econômicas e sociais antes de projetar e dedica-se a entender as condições do local e/ou dos atores sociais, e, ainda, pode avaliar a conveniência de sua inserção em determinado contexto.

Apoiando-se nesta análise e na afirmação anterior sobre a proposição da pesquisa, é possível notar que a abordagem será qualitativa e de caráter exploratório, pois trata-se de uma abordagem que prioriza as relações sociais. Serão observados, principalmente, os discursos dos atores sociais e esta abordagem permite a compreensão mais aprofundada dos campos sociais e seus sentidos (LEFÉVRE, LEFÉVRE e TEIXEIRA, 2000, apud OLIVEIRA, 2019).

Seguir-se-á a linha teórica socioconstrutivista, tendo em vista que esta é

Uma linha onde se procura a compreensão do mundo em que as pessoas envolvidas no estudo vivem e trabalham, desenvolvendo significados de experiências direcionados a certos objetos ou indivíduos. Os significados que surgirão durante a pesquisa podem ser variados, levando o pesquisador a procurar entender a complexidade dos pontos de vista, tentando não restringir seus diversos significados. (OLIVEIRA, 2019, p. 56).

Por fim, considerando as reflexões até aqui realizadas, considera-se que a pesquisa se caracteriza como tendo uma abordagem qualitativa, um caráter exploratório, uma linha teórica socioconstrutivista e a estratégia de pesquisa se caracteriza como uma pesquisa-intervenção. Tais características aqui abordadas podem ser percebidas e reafirmadas no referencial teórico e na posterior metodologia e tradução do percurso em campo.

5.2 Cartografia como Percurso Metodológico

Como já mencionado, a pesquisa consiste em um percurso cartográfico. A cartografia como percurso metodológico prevê a construção da metodologia da pesquisa em campo e considera a previsão metodológica como pistas a serem seguidas no caminho da pesquisa para a construção do plano comum (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015), que podem ser ajustadas pelos coautores durante a construção da pesquisa, “sim, pistas, se entendermos que não é possível, nem aconselhável, a definição de regras rígidas a serem seguidas nos processos investigativos” (BARROS E SILVA, 2016, p. 132).

O percurso, tomando como base as abordagens transversais explicitadas na revisão bibliográfica, é uma construção mútua, entre a designer e os coautores,

buscando experimentar ferramentas que possibilitem o mapeamento dos saberes e fazeres da comunidade.

Segundo Pozzana (2016, P. 59), “O pesquisador articulado vai a campo e move-se com ele para aprender; há um cultivo mútuo entre ele e aquilo que se faz presente no campo”; assim, ressalta-se o interesse no decorrer desta pesquisa de construí-la e moldá-la em campo, buscando a interação genuína dos coautores e a identificação dos mesmos com o percurso.

Desta forma, apresenta-se as pistas construídas para esta pesquisa, descritas no quadro a seguir:

Quadro 1 - Percurso Metodológico

ETAPA	MÉTODO	TÉCNICA
Realizar um estudo bibliográfico para entender e apresentar o estado da arte sobre design em comunidades tradicionais com processos horizontais e abordagens transversais	Revisão Bibliográfica	Pesquisa em bibliotecas e sites de universidades, revistas, anais e banco de dados de arquivos acadêmicos, livros
Realizar estudo bibliográfico sobre o Quilombo do Grilo em acervo bibliográfico e acervo da autora (fotos, diários de campo, vídeos e textos) sobre o Quilombo do Grilo	Revisão Bibliográfica	Pesquisa Documental Pesquisa Bibliográfica
Submissão da Pesquisa ao Comitê de Ética		
Compreender as vivências, experiências, percursos e lutas que fazem parte do percurso da Comunidade Quilombola Grilo por meio de imersão em campo	Pesquisa Etnográfica	Observação Assistemática, Observação Participante, Conversas Guiadas
Estruturar uma ferramenta para compreender o significado das vivências do percurso para os coautores	Construção de uma ferramenta de diálogo entre os coautores	Mapa Visual, Imagens construídas no percurso, Entrevista Semiestruturada
Traduzir o percurso em mapas	Construção de Mapas Cartográficos	Transcrição dos áudios, categorização das imagens e discursos,
Analisar o Percurso	Análise Documental	Análise por meio de teorias, percurso em campo e imagens e diálogos (áudios transcritos)

Fonte - Autora

A primeira pista caracteriza-se pela revisão bibliográfica, tópico apresentado no capítulo quatro deste trabalho, onde buscou-se levantar o estado da arte das atuais abordagens de design e sua interdisciplinaridade nas atuações em territórios, em pesquisas que foram e/ou estão sendo realizadas, ampliando também para áreas afins que contribuam para uma atuação colaborativa, horizontal e humanizada do design.

Serão considerados livros, artigos, monografias, dissertações e teses físicas e virtuais nesta etapa, sendo analisadas em bibliotecas e *sites* de universidades, revistas, anais e bancos de dados de arquivos acadêmicos como o *Google Acadêmico*, o *Research Gate*, o *Academia.edu*, entre outros.

A segunda pista refere-se a uma revisão bibliográfica, especificamente sobre o quilombo Grilo, em que se buscará entender o contexto do local e as possíveis formas de realizar o contato e a imersão em campo durante a pesquisa. As pesquisas serão realizadas em livros, artigos, monografias, dissertações, teses, vídeos e entrevistas que abordem o Quilombo do Grilo como temática principal, assim como o acervo pessoal da autora, incluindo imagens, vídeos, diários de campo e textos.

Em relação à pesquisa documental, percebeu-se o interesse da comunidade em práticas no local que evidenciem seu valor e a troca entre a comunidade e o ator externo, neste caso, tratando-se da pesquisadora. É perceptível também a importância de aderir a percursos que evidenciem a participação efetiva da comunidade, mantendo a autonomia do local e, também, para evitar situações incômodas e/ou que, após a saída da pesquisadora não sejam continuadas, como em alguns casos relatados pelos moradores. Por exemplo, houve uma oficina de reciclagem e costura, em que foi ensinada a fabricação de produtos diversos e, teoricamente, úteis para a comunidade; mas a sua prática não foi tão aceita, tendo como lembrança apenas algumas peças empoeiradas na casa de alguns dos que participaram.

Após a revisão bibliográfica, o Programa de Pós-Graduação em Design da UFCG solicita a submissão da pesquisa para a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Este Comitê solicita documentações como a Autorização Institucional para o departamento de Pós Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande (Apêndice I) e para a comunidade (Apêndice II), assim como a pesquisa delineada conforme o proposto no edital do órgão, contendo as

estruturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a Liberação do Uso de Imagem e Voz, para, então, após uma análise, obter a aprovação da pesquisa perante o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Ressalta-se a inadequação do processo em pesquisas das ciências humanas e sociais, não abrangendo em seus tópicos de estruturação de projetos as particularidades de uma pesquisa de natureza qualitativa e com abordagem transversal. Segundo Guerriero e Minayo (2013),

O cerne da questão está em que a Resolução nº 196/96 considera apenas a pesquisa biomédica e não dialoga com outras tradições de pesquisa. Entretanto, como seu âmbito de abrangência inclui todas as pesquisas com seres humanos, esse sistema a adota por referência e coloca questões inadequadas, que demonstram desconhecimento das metodologias qualitativas, muito utilizadas nas ciências sociais e humanas. (GUERRIERO e MINAYO, 2013, s/n)

A estrutura prevê a definição de etapas do percurso que não convêm a pesquisas qualitativas e, principalmente, ao método cartográfico, como a descrição de metodologias que devem seguir um percurso pré-definido em campo, a explicitação de possibilidades de resultados da pesquisa e a definição dos participantes conforme sua adequação à estrutura da pesquisa. Mas essa definição dos participantes é limitadora para as ciências sociais, pois “definir um participante de determinada pesquisa empírica a partir de sua vulnerabilidade retira o foco de suas potencialidades e dificulta o estabelecimento de relações não hierárquicas” (GUERRIERO e MINAYO, 2013, s/n), o que não convém à filosofia da pesquisa proposta.

Por isso, o projeto enviado e aprovado pelo CEP (Apêndice IV) teve adequações durante o percurso da pesquisa. Durante o caminho, busquei compreender os coautores envolvidos, entendendo suas individualidades e necessidades, para que houvesse o engajamento e a identificação dos coautores com a pesquisa. Desta forma, para atuar de forma ética, foi necessário moldar a pesquisa conforme as vivências em campo, como é previsto no percurso cartográfico e será explicitado nas próximas pistas.

A terceira pista consiste na imersão em campo, onde é traçado um plano comum, que “é o movimento que sustenta a construção de um mundo comum e heterogêneo” (KASTRUP e PASSOS, 2016, P. 16). Através do plano comum é possível atravessar as barreiras entre o sujeito e o objeto e atingir a transversalidade na pesquisa, onde todos se tornam coautores.

Para isso, é primordial imergir no caráter fluido da pesquisa, que molda-se no percurso e busca investigar a experiência a partir da própria experiência (PASSOS e KASTRUP, 2016), na qual prevê constantes análises e adaptações nas pistas metodológicas.

À luz dessas reflexões, a pesquisa em campo será caracterizada por uma observação assistemática e participante, objetivando a criação de sistemas que gerem diálogos em campo e também que possibilitem a percepção genuína do percurso. São utilizadas conversas guiadas, a participação e a observação do cotidiano ordinário dos atores sociais, além da captação de imagens. Nesta etapa, as trocas de conhecimento ocorrem de forma livre e espontânea, mas guiada, indiretamente, por meio de conversas conduzidas pela designer. De acordo com Manzini (2015),

Os instigadores de conversação são artefatos de comunicação destinados a facilitar a conversação social nas diferentes fases do processo de codesign. Por exemplo, eles podem ser destinados a ilustrar o estado das coisas (alternativas viáveis e não-viáveis) de uma forma mais acessível, ou para consolidar a saída e oferecer a possibilidade de replicá-la. (MANZINI, 2015, p.133, tradução da autora).

Segundo esta afirmação, o papel do designer como mediador nesta etapa etnográfica serve, também, para guiar e auxiliar as conversações, buscando manter ativo o diálogo e o fluxo da pesquisa. Nestas etapas, serão feitos registros textuais, fotográficos e gravações de áudios e vídeos que apresentem o que foi visto e vivido em campo. O uso de imagens, por exemplo, o uso da fotografia e do vídeo, “trazem, ao processo de construção de conhecimento, uma possibilidade de se construir outras formas de saberes, para além da observação direta e das entrevistas” (NORONHA, CAMPOS e CÂMARA, 2018, p. 3).

Nessa etapa, era prevista uma entrevista semiestruturada; no entanto, durante o percurso, foram delineados outros caminhos a serem seguidos na conversa, pois percebeu-se que os coautores ficavam mais abertos quando podiam ter o controle sobre os assuntos comentados,

O entrevistador não se colocava numa posição hierárquica de quem dirige, mas seguia linhas de conversa que eram traçadas conjuntamente com o entrevistado. O manejo não diretivo na entrevista era voltado para que ambos, entrevistador e entrevistado, confiassem na experiência, de forma que a própria entrevista fosse guiada (articulada) por um plano comum. (Sade, Ferraz e Rocha, 2016, P. 83 e 84)

Desta forma, o papel da designer subverteu-se em conduzir os diálogos tecidos em campo e fazer com que a entrevista se tornasse um momento horizontal, em que os coautores se sentissem confiantes.

A quarta pista ocorreu num entrelace com a terceira: ainda como parte do percurso em campo, buscou-se, numa atividade em grupo, experimentar ferramentas que acionassem o diálogo entre os coautores sobre o percurso.

Para isso, foi proposta a construção de um mapa visual, que foi utilizado para a análise e percepção conjunta dos sistemas e fluxos do território. Segundo França, Além e Pêgo (2019, p. 101), esta ferramenta "favorece o entendimento da complexa teia de relações e conexões entre as partes envolvidas"; as autoras ainda afirmam que a utilização da ferramenta possibilita uma visão holística dos processos, das relações, das atividades e dos atores que compõem o sistema abordado. Considera-se, então, que a realização do mapa de forma conjunta possibilita a percepção dos coautores em relação ao percurso, sua identificação com a pesquisa e ainda um estreitamento das relações entre os coautores e a designer.

A ferramenta conta com imagens construídas no percurso e na entrevista semiestruturada, como formas de guiar e acionar os diálogos durante a experiência. As imagens são de grande importância neste momento, como abordado por Cunha (2016),

Como um artefato cultural, imagens comunicam, representam, expressam memórias, fornecem um modo especial de relação com o mundo, onde seus aspectos icônicos, enquanto contornos que nos remetem a uma reflexão sobre seu referente, encobrem sua natureza também linguística, que tem uma retórica própria, formas que se articulam de maneira anacrônica, produzindo novos sentidos. São também modos de pensamento e do gesto, são produtos de relações, entre homens, entre imagens e entre ambos (CUNHA, 2016, p. 248).

Nesses papéis, as imagens fazem parte das formas em que constituímos o pensamento etnográfico, podendo ser usadas para criar representações de conhecimento, oferecendo forma de continuidade entre trabalho e campo (PINK, 2013). Em virtude desta afirmação, as imagens são selecionadas de acordo com a percepção de importância no decorrer da pesquisa, buscando o reconhecimento dos participantes perante as imagens abordadas e acionando as memórias relativas ao percurso.

Destacam-se ainda duas diretrizes primordiais do percurso cartográfico, a concepção de uma ação criadora de mundos e sujeitos e de uma atividade humana

(BARROS e SILVA, 2016). As diretrizes reiteram a importância da experiência e da experimentação durante o percurso, considerando a “constante reformulação e análise das aproximações a um determinado campo problemático” (BARROS e SILVA, 2016, P. 129). Portanto, há um reforço à moldagem, principalmente das pistas ‘três e quatro’, durante a imersão no campo e as experiências com os coautores, ocorrendo uma adaptação ao mundo da pesquisa e buscando atingir um plano comum.

A quinta pista consiste na tradução do percurso em mapas,

As cartografias surgem como forma de construir e sistematizar a informação obtida em campo, a partir da multiplicidade dos pontos de vistas – dos produtores, dos pesquisadores, dos mediadores, das cadeias produtivas (...). Enquanto forma visual, a cartografia caracteriza-se por múltiplas camadas de informação, sendo mídia privilegiada para a representação de discursos e práticas. (NORONHA, CAMPOS, CÂMARA, 2018, p. 5)

Desta forma, a tradução do percurso em cartografias caracteriza-se pela representação dos caminhos traçados e construídos em campo num mapa. Para isso, serão considerados os discursos e as práticas cultivados no processo em uma representação que apresente as diversas visões de mundo envolvidas no processo cartográfico.

A sexta pista compreende uma análise do percurso cartográfico com no uso do método da triangulação. A triangulação consiste em

(Uma) estratégia de aprimoramento dos estudos qualitativos envolvendo diferentes perspectivas, utilizada não só para aumentar a sua credibilidade, ao implicar a utilização de dois ou mais métodos, teorias, fontes de dados e pesquisadores, mas também possibilitar a apreensão do fenômeno sob diferentes níveis, considerando, desta forma, a complexidade dos objetos de estudo (problemas complexos e condições de vida complexas). (SANTOS et al, 2020, p. 2)

Para a análise, utilizo as reflexões, percepções e vivências sobre o percurso, as visões de mundo dos autores (a designer e coautores da pesquisa) e teorias. Neste momento, são trazidas à tona reflexões abordadas durante o percurso da pesquisa, contando com a percepção da designer e a visão de mundo dos coautores, à luz das teorias mencionadas no referencial teórico da pesquisa, buscando refletir sobre a efetividade da transversalidade durante o percurso, a possibilidade de uma designer branca construir um percurso transversal e um plano comum numa comunidade quilombola e o papel da designer nesse cenário.

Para isso, são utilizados os áudios transcritos e as imagens construídas na pesquisa, as percepções transcritas no diário de campo e as teorias do percurso

cartográfico, as práticas transversais, assim como as reflexões sobre o lugar da designer, que envolvem as questões coloniais que resultaram em estruturas hierárquicas que ainda prevalecem, já mencionadas no referencial bibliográfico.

O percurso em campo decorrido a partir das pistas acima mencionadas será traduzido a seguir.

6 PERCURSO DA PESQUISA: TRAÇANDO UM PLANO COMUM

O percurso em campo foi guiado pelos coautores, de forma assistemática, desde as vivências nas atividades à construção das imagens. A observação participante nas atividades do Quilombo do Grilo foram realizadas a partir de convites que partiram dos atores sociais, que demonstraram um desejo de apresentar a prática à designer. Apesar da revisão bibliográfica, eu não tinha conhecimento sobre o local, era um ambiente novo; então, nesse momento, os coautores foram guias na construção do percurso da pesquisa.

No percurso, foi possível vivenciar a prática da cerâmica, as atividades no roçado, a produção de farinha, os locais importantes para o Grilo e, conseqüentemente, o trabalho dos moradores nas construções da capela, dos caminhos de pedra, da festividade do São João; e foi também possível experimentar ferramentas que possibilitaram acionar diálogos entre os coautores sobre o caminho percorrido durante a pesquisa.

A experimentação, apesar de prevista nas pistas metodológicas apresentadas, também foi proposta pelos atores sociais em alguns momentos, quando sugeriram a junção dos três coautores para contar as histórias do Grilo. A aplicação da ferramenta, por contar com a idealização dos coautores, foi eficaz, pois além de contar com a proposta participativa que abordei, havia o engajamento dos coautores; além disso, as fotografias, que em sua maioria foram registradas em momentos solicitados por eles, proporcionou a experiência de pertencimento e orgulho.

O processo da pesquisa guiada pelos coautores teve como consequência um percurso fluido que caminhava pelas pistas metodológicas e formava o seu caminho, moldado no campo. As etapas não ocorreram de forma linear, tiveram a interferência do tempo (chuvas intensas), de agentes externos (pandemia), da disponibilidade dos coautores e da época de realização das atividades (a época da

produção de farinha, o tempo favorável à produção de louças, as datas de festividades, o tempo do roçado).

O percurso e a construção dos mapas serão traduzidos a seguir.

6.1 A Comunidade Quilombola Grilo

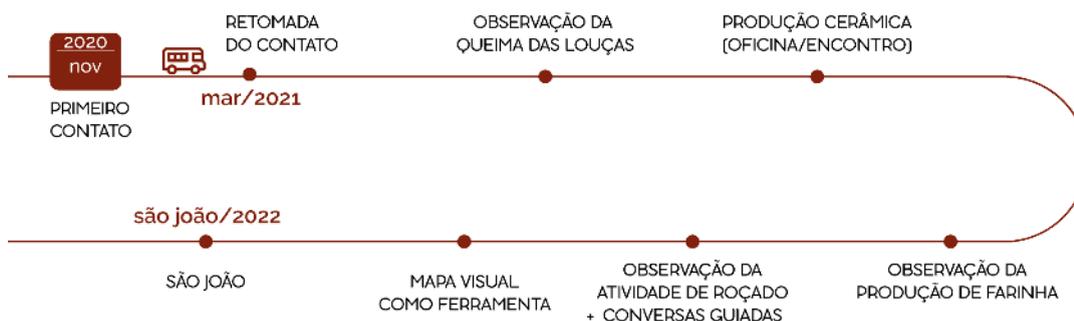
O percurso em campo desta pesquisa acontece na Comunidade Quilombola Grilo. Os caminhos da autora e da comunidade foram entrelaçados devido a uma atividade de disciplina do PPGDesign-UFCG e motivada por relatos dos moradores explicitando a necessidade de registros sobre a comunidade.

O primeiro contato com a comunidade ocorreu por intermédio de outro pesquisador que já a havia conhecido, Walisson Santos, autor da dissertação de mestrado “Dos saberes imateriais à concepção dos artefatos: uma etnografia do design vernacular em um quilombo da Paraíba” (SANTOS, 2020).

O quilombo Grilo, localizado no município Riachão de Bacamarte, na Paraíba, fica a 97 km de distância da capital do estado, João Pessoa. Para chegar ao local, eu tinha a possibilidade de ir de ônibus; a “Águia”, empresa responsável pela rota, cujo nome os moradores usam para denominar os ônibus que percorrem o trajeto, atua de segunda a sexta, com horários de ida para o Grilo pela tarde e retorno à cidade de Campina Grande pela manhã. A limitação do transporte trouxe-me impedimentos de ir ao Grilo em determinados momentos e de acompanhar alguns processos, que serão explicitados no decorrer deste capítulo.

Ao todo, aconteceram oito encontros no intervalo de um ano e três meses, iniciados em março de 2021, como apresentado na Figura X, quando foi retomado o contato com a comunidade após o primeiro encontro decorrente da atividade da disciplina; o último encontro relatado nesta pesquisa ocorreu no dia 23 de junho de 2022. Os primeiros encontros foram caracterizados como observação participativa e as ferramentas e entrevistas gravadas foram realizadas apenas após a liberação do comitê de Ética (Apêndice IV).

Figura 4 - Encontros em campo



Fonte: Autora

No primeiro encontro, ocorreu a retomada do contato, na qual foi possível conhecer o mundo do Grilo, apresentado por Seu Elias; no segundo, foi possível ver o processo da queima de louças; no terceiro, tivemos a participação num encontro de produção de louças realizado por Dona Lourdes e Dona Paquinha; no quarto encontro, houve um protagonismo da produção de farinha pela comunidade; no quinto, foi possível ir à fazenda com Seu Elias. É importante ressaltar que a experiência com o roçado já havia sido vivenciada pontualmente em outras visitas. O sexto encontro foi o momento da experiência com o mapa visual como uma ferramenta para acionar diálogos e o último encontro aqui relatado apresenta a festa de São João na casa de Seu Elias, à qual fui convidada.

Durante o percurso, houve entrevistas por meio de conversas guiadas entre a designer e os coautores, buscando perceber intrinsecamente suas visões de mundo de forma individual. Era prevista a adoção da entrevista semiestruturada; no entanto, foi percebido que os coautores não ficavam confortáveis com o método, que acaba se tornando similar ao adotado nas entrevistas das quais costumam participar para jornais e/ou pesquisas realizadas no local; a familiaridade com o formato trazia um distanciamento e respostas engessadas.

A adoção da conversa guiada proporcionou autonomia e a identificação dos coautores com a pesquisa, trazendo uma leveza no momento da troca. O tom de voz variou entre ser firme e com alguns pedidos de desculpas, principalmente causados por esquecimentos, e ser leve, com sorrisos; e o esquecimento se tornou um relato, onde a reclamação só surgia em situações em que diziam já ter solicitado o registro de tal situação para os mais jovens, que não o fazem.

Devido à análise das necessidades de cada ator social, levando em consideração o local e o formato de conversa em que eles se sentiriam mais aptos e

confortáveis, os áudios foram gravados pelo celular, que eram colocados sobre a superfície mais próxima a eles e aconteciam ao ar livre, em ambientes naturais do dia-a-dia, ou em suas casas.

As conversas ocorreram com cada coautor separadamente, em vivências de seu dia de rotina comum, durante a estadia da designer no local, no quarto encontro. Com Seu Elias, as conversas ocorreram na fazenda e em sua casa, enquanto fazíamos uma refeição. Nesse momento, foi possível notar a relação genuína de seu Elias com o roçado, tarefa na qual ele tem a ajuda de seu burrinho, que sempre traz risadas e conotações de orgulho por parte de Seu Elias; mas, também, há a sensação de medo que seu Elias tem de a história do Grilo cair no esquecimento, pois eles não detêm registros das etapas.

Este último fator trouxe uma reflexão à autora, pois há diversas pesquisas realizadas no local que registram a história; mas estas são relatadas apenas em situações pontuais, onde afirmam que recebem visitas de pessoas da universidade, mesmo havendo menções de afeto com alguns pesquisadores e até alusão à temática da pesquisa, o registro não é evidenciado.

Percebeu-se, então, no decorrer do percurso, que o registro mencionado por eles prevê uma coautoria da comunidade, principalmente dos jovens, que eles vêem como responsáveis pelo registro e pela possibilidade de perpetuação da história e da cultura do local, como notado na fala de Seu Elias, relativa à cantiga da produção de farinha: “(...) É porque quando uma pessoa vai gravar uma música, tem que ter uma pessoa ali. Agora, isso aí, já era pra ter instruído um menino desse aí, um adolescente desse aí, pra (registrar)... Porque tudo tem que ser registrado”.

A responsabilidade dos jovens pela perpetuação da história e da cultura do Grilo também foi notada nas conversas com dona Paquinha e dona Lourdes, porém com outros destaques. A conversa com dona Paquinha ocorreria no seu roçado, havíamos combinado de ir juntas, mas no dia ela teve alguns imprevistos com seus filhos e não ocorreu; quando a encontrei, apenas questionei se estava tudo bem e nos abraçamos.

No dia seguinte, enquanto ela estava sentada na calçada da casa amarela, que era a casa de seus pais, onde ela afirmou que gostava de sentar “porque é fresquinho”, ela me chamou para conversar. Na conversa foram abordadas informações pessoais, informações sobre o roçado e alguns comentários sobre a produção da cerâmica. Dona Paquinha relatou ter bastante apreço pelo roçado;

afirmou que poderia viver dele, se não fossem os imprevistos com as chuvas, que interferem na produção, e o baixo retorno financeiro da atividade, como relatado por ela: “Se eu pudesse, eu vivia do roçado. Dá pra comer e ainda ganhar um trocado, mas é muito pouco, ainda tem as chuvas, não tá tendo, ai tá dando quase nada.”.

O verão nesse ano foi bem intenso. Desde o mês de maio até meados de junho, houve uma baixíssima ocorrência de chuva no Quilombo do Grilo, o que dificultou a plantação no roçado e causou uma frustração nos moradores do local, que costumam plantar para vender e também se alimentar. Como mencionado, o retorno financeiro é pequeno, com a baixa produtividade, torna-se incabível. O baixo retorno também foi abordado por ela ao citar a prática da cerâmica, o qual, mesmo com a venda rápida de todas as peças para pessoas da comunidade e pessoas externas, não é uma grande quantia; mas ela afirma que, de qualquer forma, “tudo é uma ajuda”.

A conversa com Dona Lourdes reiterou os comentários tecidos sobre a prática da cerâmica. Dona Lourdes guiou a conversa principalmente para a prática da cerâmica; quanto ao roçado, ela afirmou ir lá olhar o seu todos os dias. Quanto à prática da cerâmica, ela afirmou ter retomado a prática desde a primeira visita que fiz e relatou que as encomendas não paravam. No dia em que conversamos, ela me levou a um quarto, onde as peças secam antes da queima, para mostrar a produção que estava fazendo; o quarto estava cheio de peças e ela afirmou que todas já estavam reservadas.

Dona Lourdes e dona Paquinha são as pessoas que detêm o saber-fazer da prática da cerâmica hoje no Grilo e tentam perpassar a prática para as gerações mais novas. Antes de eu ir ao Grilo, elas afirmaram estar pensando em parar com a produção, mas, depois que fomos e realizamos a prática com elas, o que gerou grande interação com as outras gerações, principalmente com as crianças, elas retomaram a prática, adaptando a produção aos seus fazeres, sem periodicidade fixa.

Além da observação participativa da prática da cerâmica com as autoras, o registro feito de forma participativa com elas, assim como em todo o processo da pesquisa com os coautores, que afirmavam momentos e objetos que deveriam ser registrados, gerou o reconhecimento e a integração das mesmas ao processo.

O fato foi evidenciado quando, no decorrer da pesquisa em campo, dona Lourdes recebeu convite da Secretaria de Cultura do Estado para participar de um

edital de bolsas direcionadas a artesãs e artesãos. No momento em que recebeu o convite e soube da necessidade de apresentar imagens dela pediu que o representante da secretaria entrasse em contato comigo para que eu enviasse as imagens que construímos em campo, mesmo com registros feitos por outros pesquisadores, que até geraram um livro sobre a prática, que tem a dona Lourdes na capa.

As reflexões e os diálogos construídos nas observações participativas e conversas guiadas realizadas serão entrelaçadas às demais pistas desse percurso, que nos levaram ao plano comum, e serão melhor dissertadas na tradução do percurso apresentada posteriormente.

O percurso foi traduzido em seis mapas. O primeiro representa o entrelace da coautoria deste trabalho, apresentando os três coautores que guiaram o caminho do percurso da pesquisa: Seu Elias, dona Paquinha e dona Lourdes, que foram as pessoas a receber-me na comunidade desde o início e que detêm o conhecimento das práticas locais.

O segundo mapa apresenta o Quilombo do Grilo e os caminhos considerados importantes pelos coautores, sendo caminhos importantes para a representação histórica de luta e autonomia da comunidade. O mapa apresenta o encontro que consolidou a retomada do contato com a comunidade, em que foi feito um convite por parte da comunidade para que eu e a Emmanuelle Leão pudéssemos ver a queima das louças. No entanto, ao chegar lá, por causa da ocorrência de chuvas, a queima seria adiada para alguns dias; depois, então, seu Elias nos levou a vários caminhos para conhecer o Grilo.

O terceiro mapa traduz a atividade do roçado. O mapa foi construído a partir de diversas visitas, tendo um enfoque maior no momento em que Seu Elias guiou-me à fazenda, que é um espaço de terra com plantações compartilhadas entre a comunidade, onde foi possível observar, ouvir e participar da atividade no roçado. Os discursos sobre o roçado também foram amplamente abordados na aplicação da ferramenta com os coautores.

O quarto mapa representa o saber-fazer cerâmico, que foi guiado, principalmente, por Dona Paquinha e Dona Lourdes, tendo auxílios e participações pontuais de outros membros da comunidade. Atualmente, elas são as principais detentoras do conhecimento da prática na comunidade.

No quinto mapa é possível observar o processo de produção de farinha pela Comunidade Quilombola do Grilo. O processo foi observado durante uma visita e teve duração de 24 horas, com alguns moradores passando um tempo ainda maior na produção na Casa de Farinha. Neste percurso, não pude acompanhar de perto alguns processos, devido a momentos em que havia apenas homens na Casa de Farinha e, por isso, as mulheres não se sentiam confortáveis de estar lá. Enquanto estive presente, tive a narração dos processos que não pude vivenciar e a maior parte deles pude ver quando fui até a Casa de Farinha. O percurso está traduzido no Mapa 6.

O sexto mapa representa o São João, festividade de grande importância para a comunidade, quando a maioria dos moradores se reúnem com suas famílias em suas casas para celebrar. Todas as traduções dos percursos tiveram grande contribuição dos diálogos vivenciados durante a aplicação da ferramenta baseada no mapa visual, onde foi possível ter o debate entre os coautores e ativar memórias e afetos a partir das imagens apresentadas.

6.2 Mapa visual como meio para acionar diálogos

A conversa em grupo aconteceu na Associação. Foi utilizada como base a ferramenta do design sistêmico, para a construção do mapa visual. Para isso, foram impressas imagens do local que foram construídas durante o percurso, sendo percebidas no caminho guiado, e/ou discursos dos coautores. As imagens foram divididas em cinco categorias que, na verdade, se cruzam, como pode ser visto na Figura 5.

Figura 5 - Imagens acionadas em campo



Fonte: Autora

As categorias foram “Roçado”, com imagens da fazenda, dos coautores indo ao local de plantio e da atividade sendo realizada, “Acontecimentos e Locais Importantes”, que incluem o roçado, os lajedos, a igreja, o dia da titularização das terras do Grilo e a Casa de Farinha, sendo esta última também uma categoria que apresenta o processo de produção da farinha no local; a “Cerâmica”, que apresenta os processos de produção das louças e imagens das artesãs e os “Costumes e Vivências”, que, além de abordar todas as categorias anteriores, apresentam festividades e os coautores em suas atividades diárias.

Delineei tais categorias a partir do percurso de campo, buscando ativar memórias e discursos dos coautores e compreender a representação de cada um desses para os coautores de maneira individual, mas possibilitando o diálogo entre eles guiado por mim.

Dentre as imagens selecionadas, havia três que não eram da minha autoria, sendo a de Seu Elias na Pedra de Maria Patrícia e a imagem da igreja, que foram imagens obtidas em Santos (2020), e a imagem de dona Paquinha com a documentação da titularização das terras do Grilo, que são de autoria do site “Quilombos da Paraíba”². As imagens foram utilizadas pois eu não possuía tais registros, que foram pontuados diversas vezes nos discursos dos coautores.

Antes de iniciar a gravação, foi feita a introdução da atividade, falando que seria uma conversa sobre eles e o Grilo, utilizando as imagens para voltar às memórias e falas de alguns momentos que vivenciamos, assim como imagens de outros pesquisadores com registros de momentos em que não estive presente, mas que foram bastante mencionados por eles e, por fim, confirmando a permissão para gravar o áudio.

Ao apresentar as imagens, foi percebido que cada um teve uma imagem que lhe chamou mais atenção. Dona Lourdes logo se encantou com as imagens do processo de produção da Cerâmica. Dona Paquinha relatou que a imagem dela segurando a documentação de reconhecimento do Quilombo do Grilo e de direito às terras era a sua preferida; afirmou que “amava a foto”. Já seu Elias ficou muito feliz ao ver as fotos da Casa de Farinha, apresentando o processo de produção e, principalmente, do seu burrinho, que o auxilia e acompanha nas tarefas diárias no roçado.

² Disponível em: <https://quilombosdaparaiba.blogspot.com/2016/03/?m=0>.

Para iniciar a atividade, perguntei aos coautores sobre o nome com que chamam o Quilombo do Grilo, pois, em outros momentos do percurso, Seu Elias havia evidenciado a necessidade de adotar o nome correto, principalmente em documentos, para que haja a identificação por parte dos órgãos públicos e, principalmente, da comunidade.

Neste momento dona Paquinha respondeu, afirmando apenas que era “Quilombo do Grilo”; porém, a preocupação de Seu Elias foi reforçada em outro momento do encontro, enquanto falávamos das festividades comemoradas entre o quilombo e os municípios de Riachão de Bacamarte e Serra Rajada,

(...)Mas assim, tem a divisão, até os documentos da gente, um documento que a gente vai tirar, tem que ser com o dado do Grilo. Não posso tirar, dizer que moro em Serra Rajada, porque se eu tirar um documento meu, botar o nome de Serra Rajada, eu sou de Serra Rajada, não sou do Grilo. Aí quando acontecer um caso, vir uma situação, porque é, assim, em PSF (Posto de Saúde da Família), em qualquer repartição do município, que for procurar alguma coisa da gente, algum documento da gente, tem que ser com o dado do Grilo.

(...) Eu tenho que botar. ‘Você é de onde?’, ‘sou do Grilo’. Lá na Secretaria de Educação, de Saúde, ou secretaria de qualquer coisa que for, eu tenho que chegar lá e botar meu nome, eu sou do Grilo, porque se for, eu tô participando irregular. Se eu disser que sou de Serra Rajada, sendo do Grilo. Assim, a gente tem que ver tudo isso, que é pra poder não... (Seu Elias)

A identificação como Quilombo do Grilo foi importante para aumentar a familiaridade e diminuir a austeridade do preenchimento da documentação solicitada pelo Comitê de Ética. Ao ver que preenchi os dados do local como “Quilombo do Grilo”, os coautores afirmaram que poderiam guardar e, se necessário, utilizar a documentação, já que estava com o “nome correto”.

Na continuação, instiguei os coautores, trazendo à tona uma das imagens que representavam a Pedra de Maria Patrícia, onde o primeiro casal de escravos a chegar ao local se escondeu, buscando acionar diálogos que trouxessem a representação da história do Grilo para os coautores. Ao vê-la, seu Elias ressaltou ser um “casal de jovens de escravos” e, quando dona Paquinha comentou ser um “(casal) de gente que veio para aqui”, ele continuou a reafirmar:

Pode dizer escravo, porque era escravo mesmo, que chama. A gente não pode botar aí casal de gente porque nossa história é uma história de lembranças com o... não é isso? **É uma história de um povo negro, de uma resistência de um povo negro**, então tem que começar assim... como era um... foi para um casal de jovens que chegou aqui jovens, mais sim escravos, né? Que essa que é a história que a gente que a gente tem. (Seu Elias)

Pude perceber nos apontamentos do Seu Elias que, hoje, ser do Grilo e ser negro é motivo de orgulho, carrega uma história de vitória e, como apontado por ele, de resistência. Em contrapartida, para Dona Paquinha, ser negra e quilombola está atrelado a um peso que, apesar de menor com o passar dos tempos e avanços em sua luta perante a preconceituosos e racistas, ainda a incomoda.

As individualidades perante à percepção do ser negro e quilombola, assim como as vivências com pessoas brancas, foram percebidas ainda no primeiro encontro que tive com eles. Na minha primeira visita, dona Paquinha relatou sobre experiências de racismo que havia vivenciado na escola, que incluíam violências físicas e psicológicas; e acrescentou que essas vivências a fizeram ter receio da presença de pessoas brancas por muitos anos.

No momento deste relato de Dona Paquinha, ainda durante o nosso primeiro encontro, Seu Elias havia pedido que ela não falasse daquela forma sobre pessoas brancas, com a justificativa de que aquela situação era antiga e que havia muitas pessoas (brancas) que queriam ajudar. Naquele momento e no decorrer do percurso, precisei me atentar para pontuar e dialogar de forma que eles ficassem à vontade para falar de seus medos, receios e opiniões sobre racismo e pessoas brancas, para mim, uma mulher branca.

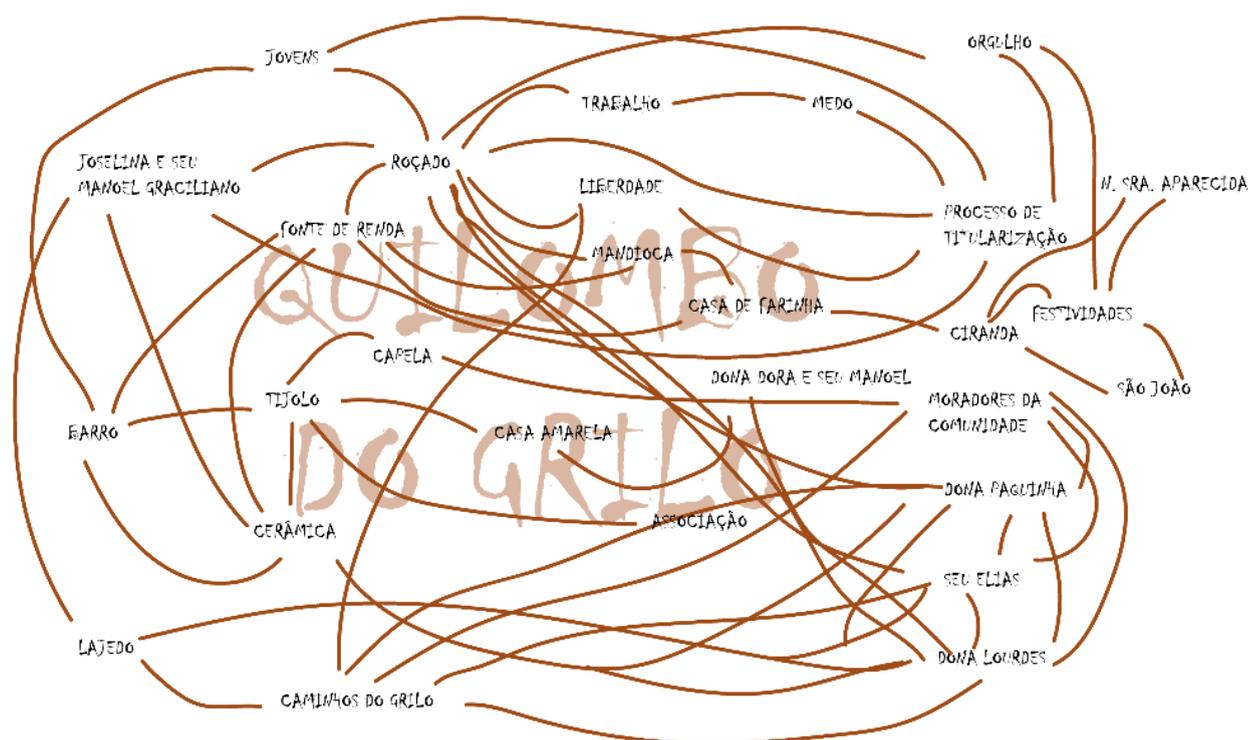
O processo foi natural enquanto os laços de afeto e confiança foram construídos no caminho. Dona Paquinha, dona Lourdes e, inclusive, seu Elias teceram diversos relatos sobre seus receios perante a 'branquitude' e vivências que percorreram, cada um em sua individualidade de percepção e reação. Os relatos ocorreram durante nossas vivências no dia a dia e, principalmente, durante esse encontro de construção do mapa visual, e foram momentos de atonia; eram assuntos com grande peso e a conversa devia continuar. Questionei-me: Devo induzir à mudança de assunto para evitar desconforto para os coautores? Devo manter o assunto para que se sintam acolhidos ao abordar essas situações? Ouvir e falar da dor do outro é complexo e a bibliografia não nos prepara para agir perante as individualidades.

Durante o percurso, decidi acolhê-los, demonstrando afeição, mas aboli os questionamentos, partindo de mim, que buscassem aprofundar ou contornar o tema durante os relatos sobre 'branquitude' e racismo; deixei-os à vontade para relatar e/ou mudar para outro assunto quando necessário.

Ainda sobre o relato que causou um incômodo em dona Paquinha, o assunto foi contornado após aquele momento, voltando-se para o casal de escravos, Josefa e Manoel Graciliano, que foram, de fato, a base de toda a teia que forma a história do Grilo. A partir da imagem do lajedo foram tecidas redes que iam do 'roçado' ao 'fazer cerâmico'. Josefa era sogra de dona Lourdes e foi quem repassou a ela os conhecimentos sobre o 'saber-fazer cerâmico'. Manoel, junto de sua esposa, foram os precursores da atividade do roçado no local, que, na época, ainda era um trabalho, conforme relato, análogo à escravidão.

A conversa, então, não seguiu uma linearidade de fatos e ou temas, mas foram traçadas teias de assuntos que se interligavam e percorriam e retornavam ao diálogo, como representado na Figura 6, tendo as imagens como uma ferramenta para acionar temáticas e memórias.

Figura 6 - Fluxos do Quilombo do Grilo



Fonte: Autora

As tramas construídas entre os diálogos possibilitaram que os coautores revisitassem suas memórias e, para além das imagens, a troca entre eles trouxe à tona recordações quase esquecidas. Dona Lourdes, ao comentar sobre dona Josefa e seu Manoel, destacou que tratava-se de sua sogra, fato que seu Elias não recordava; porém, ao ouvir os relatos, também teve lembranças acionadas.

Dona Lourdes continuou a fala afirmando que ainda conviveu com sua sogra e “Pai Manoel”, como ela o chamava, e que eles chegaram a morar na capela que existia no território que hoje é o Quilombo do Grilo. Com o assunto da Capela, dona Lourdes interligou o assunto ao momento em que o Padre Luís, já conhecido por ela na igreja, foi ao território para propor a eles a busca pela titularização e reconhecimento do local como um quilombo.

O processo de reconhecimento do território como um quilombo foi influenciado pelo padre Luís, que, atualmente, não é mais padre, como afirmado por dona Lourdes ao tecer comentários sobre o momento em que o conheceu, “Eu conheci padre Luiz, sabe? Na morte de Margarida. Foi a última vez que ele foi padre, aí depois ele casou”. Apesar dele não ser mais padre, eles ainda o denominam assim, como visto na fala dela. E ao perguntar sobre o processo de titularização, eles o citam:

Seu Elias: - Começou o processo em 2004, não foi, Paquinha? Eu quero dizer o processo, foi quando o padre Luis apareceu, que tinha, que entrou em contato com ela (dona Lourdes). Assim...

Alice: - Foi o padre Luís que ajudou vocês no processo?

Seu Elias: - Todo o processo aqui foi começado por ele, né? É porque quando a gente não era reconhecido como quilombola, ninguém sabia, é... não digo que ninguém sabia, né?

Alice: - Sim...

Seu Elias: - Mas não sabia, não era reconhecido de nada e ele chegou aqui, um certo dia aqui, comadre Lourdes encontrou ele, e ele apareceu aqui, não foi?

(...)

Alice: - Aí junto com ele, foram vocês três que levaram para a frente esse processo?

Seu Elias: - É, quando a gente começou... Quando ele chegou aqui, que começou a falar, procurar, alinhar, como ele já trabalhava a um tempo, né? Já vinha de outro mundo, que já tinha sido reconhecido; no caso de Senhor do Bonfim, Pedra D'Água também foi primeiro que aqui, e outras comunidades que já tinham sido reconhecidas. Bom, reconhecidas só tinha sido Senhor do Bonfim na época, tinha já tinha sido. E depois Pedra D'Água, mas tava no processo também, sabe? Só que o processo de Pedra D'Água, de início para ser reconhecido em quilombola, foi primeiro do que aqui. Aí de lá pra cá foi que deram informação, eles procuram saber, onde tem mais quilombo e tal, onde a podia ser, onde podia defender quilombola, então ele, foi quando ele chegou até aqui, quando ele chegou aqui com comadre Lourdes, nem conhecia ele mais, não foi?

Além de citá-lo quando falam do processo, consideram que o início do processo ocorreu no momento em que ele foi à comunidade conversar com dona Lourdes sobre a titulação quilombola para o Grilo. O assunto causava receio nos moradores do local, que tinham medo do que poderia acontecer durante o processo

de reconhecimento das terras; por isso, o processo foi liderado, principalmente, por dona Paquinha, Seu Elias e dona Lourdes, que, mesmo com receio, foram à luta.

Seu Elias: - Tem uma história que é assim, é uma história de medo, sabe?

Dona Lourdes: - É, medo!

Seu Elias: - História de medo da reação do que o pessoal, além de achar, de dizer que ele devia ser vendido, ou podia ser...

(...)

Seu Elias: - Agora isso, Alice, era assim, eles, se fosse só o pessoal de fora, esses que falou, que não é da comunidade, ele mora fora da comunidade. Mas se fosse só ele que falasse alguma coisa, que fosse contra assim, inclusive... os outros não era contra, ele tinha medo, sabe como é? Tinha medo. Os que vivia aqui dentro, dentro da comunidade, que tinha certeza que ele tinha que participar também, ele tinha medo. Porque dizia que ia morrer, que não sei o que... Que coisa que eles não podiam, mas encaramos até o final e graças a Deus deu tudo certo!

O medo era consolidado em momentos em que os moradores do Grilo recebiam ameaças de fazendeiros e pessoas de fora da comunidade, que falavam que o processo acarretaria algumas mortes de moradores. Além das pessoas que causavam o temor, o processo não era agradável aos moradores, que precisavam lutar pelo reconhecimento com a apresentação de diversos documentos, prestando depoimentos e, como eles falam, era como um julgamento.

Alice: - Era quase um julgamento?

Seu Elias: - Isso! Quase um julgamento.

Dona Lourdes: - Era um julgamento! Era quase não, era um julgamento!

Seu Elias: - E isso foi a semana todinha. A gente passou a semana todinha lá, não foi? Nessa conversa.

Dona Lourdes: - Essa conversa, eles, negócio, eles conversam que nem um juiz, aqueles homens, uma coisa, né? Assim, um julgamento.

O processo foi intimidador, longo e exaustivo, mas o principal benefício que eles viram foi a liberdade advinda do reconhecimento das terras do Quilombo do Grilo. Antes da titulação, o uso das terras era sinônimo do medo, consequente do trabalho análogo à escravidão realizado no local por várias gerações. O roçado, antes do processo de titulação, era fruto de trabalho e eles não tinham acesso à sua produção; caso o dono das terras percebesse o consumo de algum fruto, isso era motivo de represália.

Hoje, ter acesso às terras é sinônimo de liberdade, eles podem plantar quando e onde quiserem e, principalmente, podem colher o que plantam, sem medo. O sentimento retratado por eles em relação às terras do roçado é o de liberdade. O mapa visual trilhou caminhos ainda sobre temas do roçado, o que eles plantam e como destinam a produção; sobre a venda e o uso como matéria-prima, como no caso da mandioca, que se destina à venda e, também, à produção de

farinha; o barro, que destina-se à produção de tijolos e cerâmicas e, no meio do processo, foram tecidos comentários sobre a vivência dos quilombolas enquanto pessoas negras e a sua relação com pessoas brancas.

O mapa visual construído (Figura 7) apresenta imagens, alguns textos em tópicos e linhas que os interligam. Os tópicos tratados foram tratados de forma mais ampla na tradução dos mapas, o que justifica a introdução do assunto da ferramenta fora da ordem cronológica. Relembro aqui que o momento do mapa visual foi vivenciado durante o sexto encontro, antes do mapa do São João.

Figura 7 - Mapa Visual



Fonte: Autora

O mapa visual permitiu entender de forma genuína as visões de mundo dos coautores sobre o percurso e as experiências vivenciadas, assim como um melhor entendimento dos fluxos do Quilombo do Grilo, as relações entre os saberes, fazeres, costumes e a história e o significado de cada prática atual para os quilombolas, o que possibilitou uma melhor tradução do percurso nos mapas descritos a seguir.

6.3 Cartografando: traçando fluxos, imagens, discursos e percursos

A utilização do mapa visual como uma ferramenta permitiu a revisitação do percurso com os coautores. As imagens acionaram diálogos e nos levaram a caminhar pelo mundo do Grilo, a perceber seus fluxos e a compreender

intrinsecamente os sistemas, relacionados aos seres vivos e não vivos, envolvidos no quilombo.

O mapa visual proporcionou também uma etapa de análise e transformação da percepção. Antes de realizar a imersão em campo, eu havia realizado a etapa de revisão bibliográfica sobre o Quilombo do Grilo; no entanto, as concepções foram (re)construídas em campo, o que permitiu analisar o percurso durante o processo, e passaram mais uma vez por transformações durante o mapa visual. Eram complementos que, juntos, construíram o percurso no Quilombo do Grilo. Como apontado por Barros e Barros (2016), “a atitude da análise acompanha todo o processo, permitindo que essa compreensão inicial passe por transformações” (BARROS e BARROS, 2016, p. 182).

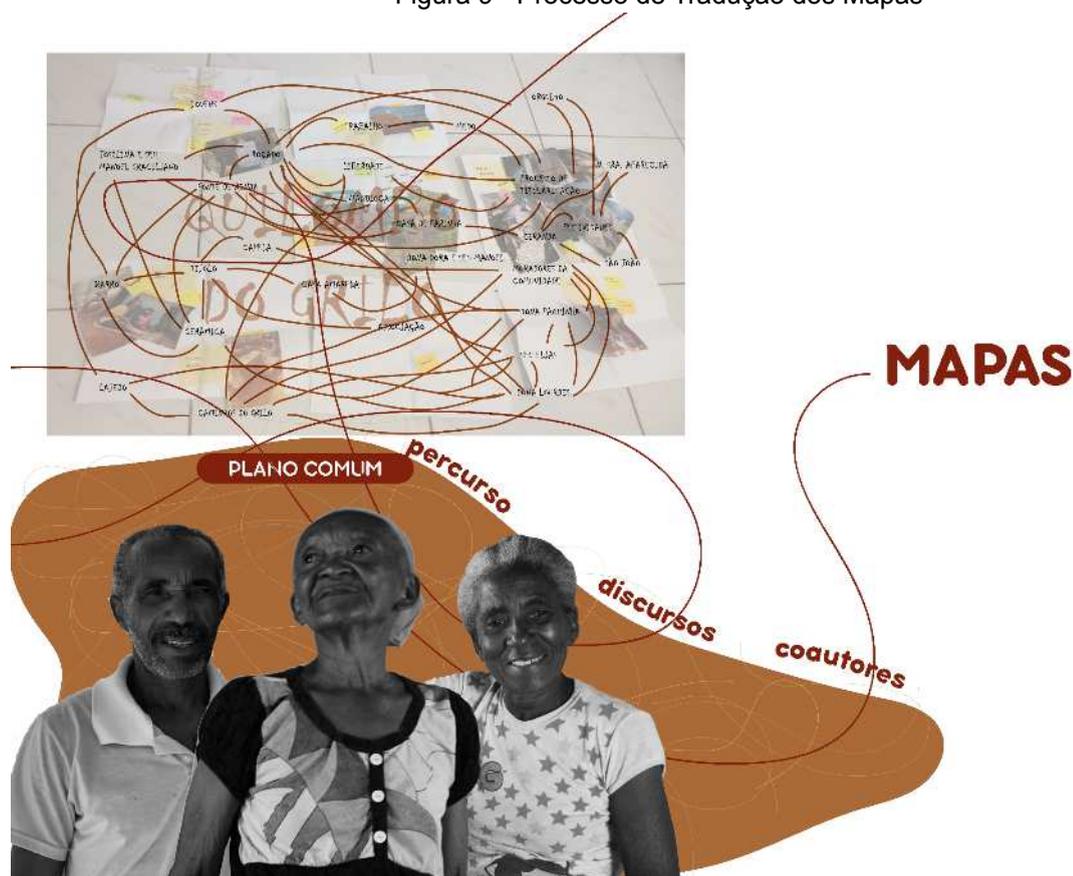
Desta forma, para a construção dos mapas, considerou-se o percurso da pesquisa, os discursos dos coautores, as experiências vivenciadas, as imagens construídas e os demais fluxos envolvidos no processo. A pesquisa foi construída no percurso, e os mapas devem traduzir o caminho percorrido, evidenciando a autoria coletiva da designer e dos coautores. O processo de tradução envolve uma atenção e integridade quanto ao percurso, “acessar a experiência corresponde a ‘tomar o dado como ele nos é dado, sem fazer uma divisão preliminar entre o aparente e o real’ (WAHL, 1932, p. 129 apud BARROS e BARROS, 2016). Não cabe a mim, designer e pesquisadora, delimitar verdades ou selecionar sozinha imagens e discursos. Como apontado por Bakhtin,

A palavra na linguagem pertence parcialmente a outra pessoa. Ela se torna “palavra própria” quando o falante a povoa com a sua própria intenção, seu próprio sotaque, quando se apropria da palavra, adaptando-a a sua própria intenção semântica e expressiva. Antes deste momento de apropriação, a palavra não existe em uma linguagem impessoal e neutra (afinal, não é de um dicionário que o falante tira suas palavras), mas existe na boca de outras pessoas, nos contextos concretos de outras pessoas, servindo às intenções de outras pessoas: é daí que se pode apreender uma palavra e fazer dela sua própria palavra. (BAKHTIN, 1981, apud WERTSCH; SMOLKA, 1995, p. 129-130).

A construção dos mapas é uma linha tênue entre a tradução do percurso e a narração do percurso com as palavras da pesquisadora. Não se deve desconsiderar a afirmativa de que a construção possui também o ponto de vista da pesquisadora, mas é importante utilizar ferramentas que possibilitem a construção por meio de todos os coautores. Para isso, nesta pesquisa, o percurso foi dialogado pelos coautores por meio do mapa visual, onde foram apresentadas todas as imagens

E a tradução dos mapas foi uma construção entre o mapa visual construído em campo, que traduziu e trouxe a visão dos coautores em relação ao percurso em campo, em união com os discursos acionados também durante a ferramenta, que complementou, trazendo a palavra, sem necessidade de tradução, apenas transcrita com fidelidade, trazendo a voz dos coautores para os mapas (Figura 9).

Figura 9 - Processo de Tradução dos Mapas



Fonte: Autora

O processo de construção da cartografia abrange a tradução do percurso em mapas, que apresentam diversos níveis informativos e diferentes formas de apresentação das informações, possibilitando a apresentação de diálogos, imagens, ícones e demais recursos que possibilitem a tradução genuína do percurso, assim como apresentado nos mapas a seguir.

6.3.1 Mapa 1: CoAutores

O percurso cartográfico prevê os atores sociais como coautores da pesquisa; desta forma, os coautores são apresentados no Mapa 1, para a familiaridade e o entendimento dos nomes citados no decorrer da pesquisa.

Nesse percurso, a designer contou com a intermediação do Walisson Santos, para ter o contato com a Comunidade Quilombola do Grilo, como já mencionado anteriormente. No Quilombo do Grilo, o percurso teve a intervenção de diversos atores, mas Elias Graciliano Tenório (Seu Elias), Maria de Lourdes Tenório Cândido (dona Lourdes) e Leonilda Coelho Tenório dos Santos (Paquinha), foram os coautores que guiaram e moldaram o percurso da pesquisa.

Seu Elias, dona Paquinha e dona Lourdes, apesar de não serem mais, oficialmente, os conselheiros e/ou responsáveis pela comunidade, têm o respeito de todos, sendo eles sempre solicitados nas tomadas de decisões na comunidade. Para além, percebe-se a importância de suas 'expertises', desde o entendimento sobre o Quilombo do Grilo, às práticas no roçado, praticada pelos três e as atividades artesanais, como a cerâmica, praticada pela dona Paquinha e por dona Lourdes.

O mapa 1 (Figura 10) apresenta os coautores e representa o entrelace entre as experiências e visões de mundo, assim como os laços formados durante a pesquisa, que foram de suma importância para a abordagem transversal.

Figura 10 - Mapa 1: Coautores



Fonte: Autora

Os coautores guiaram-me no Quilombo do Grilo, ou no mundo do Grilo, como costumam falar, desde a primeira visita à comunidade e, juntos, construímos esta pesquisa, traçando um plano comum que possibilitou o mapeamento dos saberes e fazeres do Quilombo do Grilo a partir das suas visões de mundo.

6.3.2 Mapa 2: O mundo do Grilo

No primeiro encontro, o qual estava marcado para participarmos da queima da cerâmica, tivemos os imprevistos da chuva; como o forno ficou molhado, precisou ser adiado. Seu Elias, então, nos convidou para conhecer o mundo do Grilo. O percurso iniciou-se em frente à sua casa, na casa amarela, que era de seus pais. A casa foi construída em um dos primeiros terrenos adquiridos pela comunidade. O terreno foi comprado pelo pai de Seu Elias, Seu Manoel, que, na época, foi julgado como rico pelo seu empregador, com tom pejorativo, por causa de sua aquisição.

Seu Elias: - Mas tinha o quê? Uns vinte a vinte e cinco anos que morava aqui, aí quando o pai falou com ele, que tinha comprado esse pedacinho de terra, pra fazer uma casinha... já tinha feito a casa, pai comprou a terra... Se ele sabia, ninguém sabe, né? Se ele já sabia por boca de alguém, mas pai foi falar pra ele, já pra sair de lá pra cá, teve que falar com ele e entregar a casa lá a ele e que a gente tinha uma casa pra morar, lá e tal. Aí ele olhou assim, ele olhou, ele olhou assim, olhou, olhou e depois ele foi falar assim, que ele pensava logo, aí disse 'É, Manoel, tu agora tá rico' porque o cara comprou um pedacinho de terra pra fazer uma casa pra morar. Quer dizer, um cara... porque quando a gente morava na terra dele lá, era sujeito a fazer o que ele quisesse, né? Era do jeito que ele quisesse. Quando a gente entrou em liberdade, quer dizer, **uma parte da liberdade**, aí ele disse que a gente tava rico.

A compra da terra exprimiu um pedaço da liberdade, pois, naquele momento, apesar de continuar trabalhando para o fazendeiro, agora tinham sua própria morada. A casa foi construída pelo seu Manoel e seus filhos, o tijolo é feito do barro do Grilo e as madeiras da casa também foram retiradas de árvores locais. O tijolo era bastante usado na época. Seu Elias disse que não precisavam comprar o material; hoje, a 'expertise' ainda é utilizada pontualmente, como em parte de sua casa e no forno de produção de cerâmica.

Alice: E esse tijolinho, que o senhor fez pra reforma do forno? Vocês usam nas construções aqui?

Seu Elias: - Não... Essa casa aqui por exemplo, essa casa aqui, foi com esse tijolinho.

Alice: - Essa aqui, a associação?

Seu Elias: - É. A associação, minha casa ali, tem uma parte dele, a gente usava pra fazer casa naquele tempo. Ninguém comprava tijolo naquela época não, tudo era esse.

Dona Paquinha: - E eu vou bater! Pra subir aquilo ali assim, olha. Eu vou bater o tijolo.

Alice: - E é com o barro daqui, né?

Seu Elias: - É, com esse barro. Agora não é toda terra que dá certo não. Esse barro daqui a gente pega ele, aí bate assim, molha ele bem molhado pra fazer esse processo nele, como fazer uma massa pra reboco, pra uma coisa. Aí, depois que ele tá bem molhado mesmo, aí que vira quase uma goma, aí faz isso.

A 'expertise' do 'saber-fazer tijolo', utilizada nas principais construções do local, é passada de geração em geração. Seu Elias, aprendeu com seus pais, tendo a representação do saber-fazer passado pelas gerações; por exemplo, na construção da casa, que foi construída com a ajuda da família, tendo a participação de Seu Manoel, dona Dora, dona Paquinha e dona Lourdes, assim como dos demais membros da família.

Desde o falecimento de seus pais, seu Elias, dona Paquinha e dona Lourdes têm a vontade de transformar o local num 'museu do Grilo', onde possam ser expostos registros da história e da cultura local. A ideia teve o apoio de alguns pesquisadores, porém, Seu Elias relatou que, principalmente por conta da pandemia, que afastou algumas visitas, ainda não teve a oportunidade de ser realizada.

Seguimos o percurso para a Associação, que fica a duas casas da Casa Amarela. Seu Elias contou que a Associação, que também é a Escola de Ensino Fundamental do local, denominada Escola Manoel Cândido Tenório, tem esse nome em homenagem a seu pai, devido ao respeito e benfeitorias do Seu Manoel à comunidade, que na época ainda não era reconhecida como um quilombo.

Assim como a Casa Amarela, a Associação também foi construída por eles e originalmente com matéria prima local. Atualmente, já passou por algumas reformas, utilizando-se de materiais comprados; porém, a mão de obra continua sendo a dos moradores, que se reúnem para realizar melhorias no local.

Por contemplar a escola, local para reuniões e, também, local em que costumam receber visitas, a associação dispõe de um grande salão, onde ocorrem as reuniões e aulas, uma cozinha, utilizada pela escola e também para visitas que se hospedam no local, um cômodo com computadores, utilizado para imprimir materiais de interesse da comunidade, incluindo a escola, e, por último, está em construção mais um quarto no local, que conta com a reunião dos moradores para a sua execução.

O percurso continuou até a capela, que fica ao lado da Associação. A capela é da igreja católica, com a realização de missas e reuniões para a leitura bíblica todos os dias. Apesar de serem bastante religiosos, o que pode ser notado em suas falas durante o percurso que envolve o cunho religioso, as missas e reuniões do Quilombo do Grilo costumam não ter muita gente, variando, geralmente, de três a cinco pessoas.

A capela, assim como a casa amarela e a associação, foram construídas pela comunidade local após a indicação e a benção do padre no local, conforme relatado pelos coautores,

Dona Paquinha: - O bispo não foi? Não falou assim da capelinha?

Dona Lourdes: - Foi não. Não foi Padre Sérgio? Lembra não, não?

Dona Paquinha:- Me lembro, que ele veio...

Dona Lourdes: - Ele ainda foi celebrar a missa lá em casa, aí ele disse que tava, que aqui merecia uma capelinha. Foi lá em casa. Aí 'Eu quero que seja de Nossa Senhora Aparecida'.

Dona Paquinha: - Nossa Senhora Aparecida. Isso aqui era uma capelinha. A gente viemos em romaria pra cá e aqui ele jogou água benta, foi marcado aqui mesmo. Aí ele disse e pronto. Mas ele não caiu com nada, aí a gente ia começar a bater tijolo, comadre deu o resto do material.

Dona Lourdes: - Bater tijolo, aí eu comprei uma pazinha, comprei por setecentos, Paquinha arrumou a máquina com seu Paulo lá e os meninos que levantaram. Compadre Lóia (Seu Elias), Ieba, Marcelo, ...

Dona Paquinha: - Nós somos uma comunidade, né? Mas não foi todo mundo da comunidade lá não.

A capela, apesar de ter recebido a benção do padre, não teve o auxílio de pessoas externas para a sua construção, sendo idealizada, organizada e construída pelos moradores. Atualmente, recebe visitas de um padre que celebra as missas semanalmente; as leituras bíblicas são guiadas por moradores locais.

O percurso seguiu em direção aos lajedos; o primeiro pelo qual passamos rapidamente fica entre a associação e a igreja (Figura 11). Em seguida fomos para um determinado 'lajedo', que seu Elias relatou como sendo o caminho que eles tinham para entrar no Grilo, antes da construção dos caminhos de pedra. Assim que chegamos, ele nos conduziu por aquele caminho, afirmando que eu deveria conhecer como era feito o percurso antes de haver o caminho novo: "hoje tem o caminho, fica mais fácil subir ali, mas antes a gente subia era aqui, todo dia".

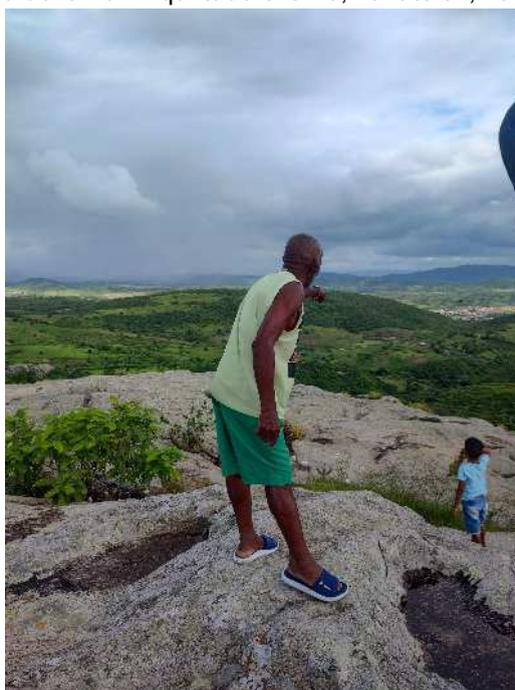
Figura 11 - Lajedo



Fonte: Autora

A subida é íngreme e, em alguns momentos, é possível escorregar, necessitando que se tenha bastante cuidado. Lá de cima, é possível observar todo o Grilo (Figura 12), o que possibilitou a seu Elias apresentar o roçado lá de cima e os limites do Grilo, afirmando “Aqui tudo é Grilo, vai até ali, naquele verde do roçado”. Ele apontou para uma grande extensão verde, demarcada por uma alteração nos tons, que indicavam a ausência dos roçados dos quilombolas e o início de outras terras.

Figura 12 - Delimitação do Grilo: “Aqui tudo é Grilo, vai até ali, naquele verde do roçado”



Fonte: Autora

Lá do alto da subida, foi possível acompanhar o percurso do Grilo desde a chegada do primeiro casal ali. De lá, seu Elias apontou a pedra em que se esconderam, a primeira casa em que moraram, a fazenda do Grilo, que antes era o local de trabalho de alguns moradores e a extensa área de roçado disponível, que ele mostra com muito orgulho.

As pedras do lajedo foram utilizadas para construir o caminho do Grilo, que era um sonho de dona Paquinha.

Dona Paquinha: - Aí o último foi o caminho, né? Eu tava trabalhando lá na torre, lá no convento, lugar ruim da moléstia. Eu e Marcelo. Eu vim pra casa, eu tinha um sonho de ali, um sonho, aí eu disse 'Eu vou abrir esse caminho, pra poder passar pelo menos de moto, mãe. Quem sabe assim, de moto, não, mas pelo menos com o burro até o outro lado', aí mãe disse 'Tu tá ficando doida, menina?', eu disse 'Não, mãe, eu acho que vai dar certo, porque eu tenho um sonho e vou fazer isso, conversar com meus irmãos, com todo mundo, pra gente fazer isso aí'. Aí foi isso, um não aceitou, outro aceitou, e tá aí o caminho. Só foi isso que ela disse que nunca chegava. Ela disse 'Se eu morro', e ela morreu no mesmo ano. Ela morreu no mesmo ano, chegou nem ver a gente fazer o serviço. Ela viu a gente comprando a lenha, mas ela não era contra, né? Mas ela dizia 'Não vai dar certo não, minha filha, porque...'

Seu Elias: - Aquela pedra de frente da minha casa ali, ela ainda viu.

Dona Paquinha: - Ela viu? Eu quebrava pedra à noite. Dizia 'Venha pela manhã', e eu quebrando lá, meia noite. E depois ela viu, aí ela dizia 'Aqui tá certo, mas ali vocês não faz não'.

(risos)

Dona Paquinha: - E depois ela viu, aí ela dizia 'Aqui tá certo, mas ali vocês não faz não'. Mas ela ainda viu eu subindo com a pedra pra ali, mas daqui pra cima ela não viu não. Não deu tempo não. Realmente quando a gente quebrou aqui tudinho, ali foi demorado.

Dona Lourdes: - Aquelas pedras foi na casa de (inaudível).

Dona Paquinha: - Foi quase pra desistir, porque não tinha como quebrar não, só de olhar pro lagedo... Aí um dia a gente tava, juntou todo mundo da comunidade, compramos uns tora, compadre Lóia, compramos uns toras, dos grossos, aí embolamos as pedras, aí ficou uma brechinha de nada pra gente passar melhorzinho, mas olha a altura lá debaixo, um metro e noventa pra gente passar lá debaixo. Aí foi quando eu fui lá pra, trabalhar lá na comunidade, que apareceu uma coisa pra eu fazer, aí achamos uma pessoa pra quebrar a pedra manual, aí foi quando foi quebrar, aí quebrou, que deu certo. Aí depois de quebrada, com um mês seguido, mais na frente, foi um mês, dois meses, que eu fui pra Brasília, não foi?

Conforme relatado, foi um trabalho árduo, mas que garantiu um melhor acesso à comunidade. Os caminhos propiciaram uma via da comunidade até Serra Rajada, facilitando o deslocamento e o acesso dos moradores a outros locais, assim como aos seus trabalhos, que também são realizados fora da comunidade; posteriormente, houve o acesso a postos de saúde, que foram construídos no local, e a escolas também.

Figura 13 - Mapa 2: O mundo do Grilo



Fonte: Autora

Neste percurso, foi possível perceber a autonomia do local, tendo suas principais construções idealizadas e realizadas pelos moradores com matéria prima do Quilombo do Grilo, o que evidencia também a 'expertise' dos quilombolas, que souberam aproveitar o material e aplicá-lo. As construções, até hoje, estão em boas condições; apenas a madeira da casa precisa ser reestruturada. E os caminhos ainda possibilitam o percurso no Grilo.

6.3.3 Mapa 3: Roçado - do medo à liberdade

O roçado sempre esteve presente no percurso histórico do Quilombo do Grilo. Antes de ser reconhecido como um quilombo, os moradores trabalhavam nas terras para outras pessoas. Essa época é um sinônimo de medo, luta e sofrimento para os coautores, que afirmam que trabalhavam nas terras com o pai deles desde crianças.

Seu Elias: - Eu era pequenininho assim, pai me levava pra ajudar.

Dona Paquinha: - Era pedra demais, era muita pedra, era.

Seu Elias: - Eu juntava as pedras com pai pra poder, pra arrumar um dinheirinho a mais, porque os terreiros que ele trabalhava não dava pra pagar tudo. Tinha mais um, eu só fazia com meu pai. Ele não fazia com os

outros nenhum, porque os outros, ele mesmo dizia, 'Manoel, dos morador que eu tenho aqui, o que mais eu tenho ascensão é você', porque aí era um caba direito, não gostava fazer, pegar no pé dos outros e de mexer e nem a gente mesmo tinha direito a chegar perto de uma coisa dele, ave maria do céu, pai avisava logo, quando ele chegou ali, naquele sítio que tu foi mais a gente lá, tinha banana, coco, de tudo tinha ali, aí a gente, eu que trabalhava mais ele.

(...)

Dona Paquinha: - E a fome? E a fome que era grande? A fome era grande, ainda alcancei a fome ainda.

Seu Elias: - Mas se mexesse, levava uma pisa.

Como mencionado por Dona Paquinha, mesmo com fome, não podiam ter acesso ao que colhiam para seus empregadores. O quilombo só teve o reconhecimento e a possibilidade de desapropriação das terras em 2016; até esse ano, o trabalho deles consistia em trabalhar no roçado dos donos das terras e fazendas para ganhar um salário que mal servia para alimentar a família. A época foi de muita luta, em alguns momentos chegavam a não ter condições de manter uma boa alimentação e uma qualidade de vida adequada. Hoje, ter a possibilidade de usar a terra para o roçado de forma livre é um motivo de orgulho e emoção,

Seu Elias: - Mas era assim, foi uma vida sofrida. Tem hora que eu tô sozinho, vou ali sozinho naquela mata, me sento num canto e fico imaginando, fico pensando como era a vida da gente aqui dentro. E o pessoal hoje 'Ah, mas essa terra foi desapropriada pra que?', não sabe ter consideração, não sabe ter amor, não tem amor por ninguém, são um povo sem amor. Aí diz 'Aqui é terra desapropriada por esses negros, para esses negros', aí me lembro do que eles falavam, do que eles dizem. Hoje não, já não falaram mais, mas falavam no início. E eu vendo o que foi que a gente sofreu ali, o que era que a gente passava, aí eu fico lembrando lá um bocado de tempo, chega me dá assim uma emoção muito grande. Ai...

Dona Lourdes: - Quem diz que, tem uma lá em João, que diz que "Não adianta juntar tesouro aqui na Terra, porque alguém depois vai tomar de conta desse tesouro. Quem nunca pensou em tomar conta daquele tesouro, vai tomar conta.". Eu gosto muito de ler esse evangelho. Porque quem pensava, né? Ninguém pensava que ia pra gente. Agora, deu tudo pra gente pra largar de ser besta.

(risos)

Seu Elias: - Agora, isso vai ser da gente até o final? Não, porque a vida da gente tá em Deus. A gente tá em Deus, mas fica uma história na vida da gente assim, como que fosse um, tô dizendo a vocês da emoção que eu sinto quando eu tô parado lá dentro, é por causa disso. Pelo sofrimento que a gente teve ali dentro. Por uma história de sofrimento, uma história que a gente viveu ali, angustiado, sem poder, passando fome, passando necessidade, sem poder fazer nada.

Olhar para o quilombo traz a eles a ideia de superação, ao lembrarem que um dia já estiveram ali com os passos controlados, não podendo nem "bater a porteira com força" ou fazer algo sem permissão. Pelos relatos, os trabalhos eram análogos aos da escravidão, com baixos salários, controle e punições aos que desobedecessem as regras, e a qualidade de vida era precária; eles podiam usar

apenas espaços ruins do roçado, quando isso era autorizado. Hoje eles têm a liberdade.

Dona Paquinha: - E a liberdade, né? E a liberdade...

Seu Elias: - Eu tô falando de tudo, né?

Dona Paquinha: - A liberdade. Ninguém podia passar pra canto nenhum, ninguém podia bater porteira com força, ninguém podia passar pro outro lado, tinha que ser com permissão. Aí agora... Que pena que eu já tô velha e os jovens não querem mais nada com a vida, mas se os jovens quisessem alguma coisa, era pra gente viver uma vida mais... poder comprar uma carne melhor, poder tomar um remédio, que ainda tá um sufoco ainda, que o aperto ainda é grande. Apesar de ser aposentado ainda, mas ter uma aposentadoria, você sabe que, um salário mínimo é muito bom, mas quando chega minha idade, um salário mínimo não é nadinha. Porque se você for ver quanto tá a cesta básica hoje, a cesta básica que a gente comprava antigamente de duzentos e cinquenta (reais), tá comprando agora por quatrocentos e cinquenta (reais) e uma cesta básica numa casa como a minha não dá pra tirar o mês. Não dá não, porque são seis pessoas, aí não dá, de jeito nenhum. E a vida, a gente vive numa comunidade, uma hora a gente tira um pacote de arroz, um café, mas é isso, ainda não tá bom ainda não. Tá bem melhor do que tava.

(...)

Seu Elias: - Falando da comunidade, o que a gente pode falar que tem agora é da liberdade que a gente tem.

Dona Paquinha: - Da liberdade, mas o aperto, não é como naquela época, mas ainda é meio cansado ainda, né? Tem um filho, aí tem um neto...

Seu Elias:- Vamos dizer assim, que hoje a gente não tá podendo trabalhar mais, mas a gente chega ali, vou botar meu roçado e antes não tinha essa liberdade. Era falar com ele, era falar, pegar naquele tempo certo e o lugar pior que tinha.

Apesar da representatividade da prática do roçado e da disponibilidade de terras para a realização da atividade, foi comentado que, das pessoas da comunidade, apenas Seu Elias, dona Paquinha e dona Lourdes têm o costume de ir ao roçado. Mesmo na fazenda, que seria um local de trabalho e cultivo comum a todos, no qual, teoricamente, existe uma rotatividade entre os moradores que fariam a manutenção do cultivo, os demais moradores costumam faltar ou não se comprometer com a responsabilidade.

Foi percebido durante o percurso que alguns moradores aproveitam apenas a melhor época da plantação, quando está chovendo, por não achar vantajoso a dificuldade intrínseca ao processo no período mais seco. Já os coautores, em qualquer época do ano, fazem um esforço para manter a prática.

Atualmente, a agricultura na comunidade, além de servir para o consumo próprio, garante um retorno financeiro a quem cultiva o roçado. A comunidade possui parcerias com vendedores ambulantes que buscam as colheitas no local e revendem, retornando parte do valor. Além das chuvas, um outro impacto na prática foi o aumento do preço da gasolina e, conseqüentemente, dos serviços desses

parceiros. Dona Paquinha relatou que “às vezes nem compensa mais vender”, pois o lucro serve apenas para pagar o custo do serviço.

O primeiro trimestre de 2022, até o início do segundo, foi um período marcado pela ausência de chuvas na Paraíba, o que causou um impacto direto na agricultura da Comunidade Quilombola Grilo e, conseqüentemente, um custo maior de vida para a comunidade, que precisou comprar todos os seus alimentos; tal ausência de chuvas também dificultou a vivência efetiva da prática durante o percurso.

Durante o primeiro encontro, da retomada do contato, e quinto encontro na comunidade, tive a oportunidade de ir ao roçado com Seu Elias. No primeiro momento, houve o percurso para conhecer o mundo do Grilo, onde ele apresentou o trabalho do seu burro e onde foi possível observar o processo de se fazer as carreiras a para plantação (Figura 14).

Figura 14 - Seu Elias e o burro inteligente



Fonte: Autora

No segundo momento, na fazenda, ainda estávamos no período sem chuvas. Seu Elias ia até lá para regar as plantações que, com a ausência de chuvas e as altas temperaturas, necessitavam de uma rega diária. A rega é feita com o auxílio de um balde e de água de ‘reuso’, obtida numa cisterna (Figuras 15 e 16). Apesar do auxílio de uma mangueira, para o acesso à água na fazenda, o processo é

trabalhoso e demorado, pois é necessário encher o balde diversas vezes e ir e vir para molhar todo o roçado.

Figuras 15 e 16 - Rega do roçado



Fonte: Autora

Além da ausência de água, o clima nesta época causa o aumento de lagartas nas plantações (Figura 17), que comem as folhas e raízes, afetando o resultado.

Figura 17 - Lagartas nas plantações



Fonte: Autora

Para Seu Elias, a lagarta não é capaz de prejudicar a plantação; ele afirmou que elas não comem tudo, com exceção das lagartas na plantação de algodão, o que torna necessário que se faça a plantação de outros vegetais ali perto, como feijão e milho, para protegê-la.

Seu Elias: - Aí a gente põe assim, por exemplo, seis carreiras. Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, aí mudamos. Aí aqui botava... uma, duas de milho. Uma, duas de feijão. Aí daqui pra frente começava sempre ir mudando. Aquela mudança é pra o inseto que vir, não prejudicar o algodão. Aí vem, fica inseto também no feijão e no milho, mas também não pode aguar nem o milho nem o feijão”

Alice: - Aí perde? O feijão e o milho?

Seu Elias: - Não, não perde não porque também não mata tudo não. Dá uma lagartinha, uma coisa, mas não come tudo não. É só pra proteger o algodão, porque o algodão que a lagarta vai querer, o inseto, qualquer tipo de inseto, vai querer prejudicar o algodão. Que tem um bicho chamado bicudo, que ele fura o... ainda bem que não tem mais, acabou aqui, né? Mas é o medo de por exemplo o bicudo atacar e atacar o algodão. Aí eles vêm e ficam, por exemplo, naquela planta, no feijão e no milho.

Devido às dificuldades, os demais moradores da comunidade não têm muito interesse em plantar o algodão, que é sempre disponibilizado pelo Padre Luís para o plantio; ele faz a compra da colheita pelo valor de dois reais o quilo, sendo necessária a limpeza e a separação do algodão por parte dos quilombolas. No decorrer da conversa, o seu Elias também comentou, em alguns momentos, sobre o fato de o trabalho do plantio do algodão não compensar. O processo, principalmente da limpeza, acarreta em muito tempo de trabalho, o que não dá para alguém realizar sozinho; mais uma vez, ele ressalta a necessidade da união da comunidade para a realização das atividades e o crescimento de oportunidades.

Na fazenda, enquanto regava o roçado, seu Elias teceu a reclamação de que, naquela semana, só ele havia ido realizar a rega, sendo que era um trabalho a ser dividido; e, apesar de haver outros responsáveis pelo trabalho, naquele momento, apenas o seu filho, Rodrigo, o estava auxiliando. Ele falou que essa era uma situação frequente, os envolvidos raramente apareciam, vinham apenas para a colheita. Naquele roçado, a colheita seria de laranjas e de feijão; ele relatou ter dificuldades no processo da colheita das laranjas.

As laranjas haviam sido plantadas por solicitação do padre, que havia levado mudas e pediu que tentassem novamente. Durante a conversa com os coautores sobre o que costumam plantar, foi percebido que elas não foram citadas, assim como a mandioca, mas que, no decorrer da conversa, essa última foi percebida como algo pontual, por ter as particularidades do plantio para a produção de farinha, que serão mencionados mais à frente.

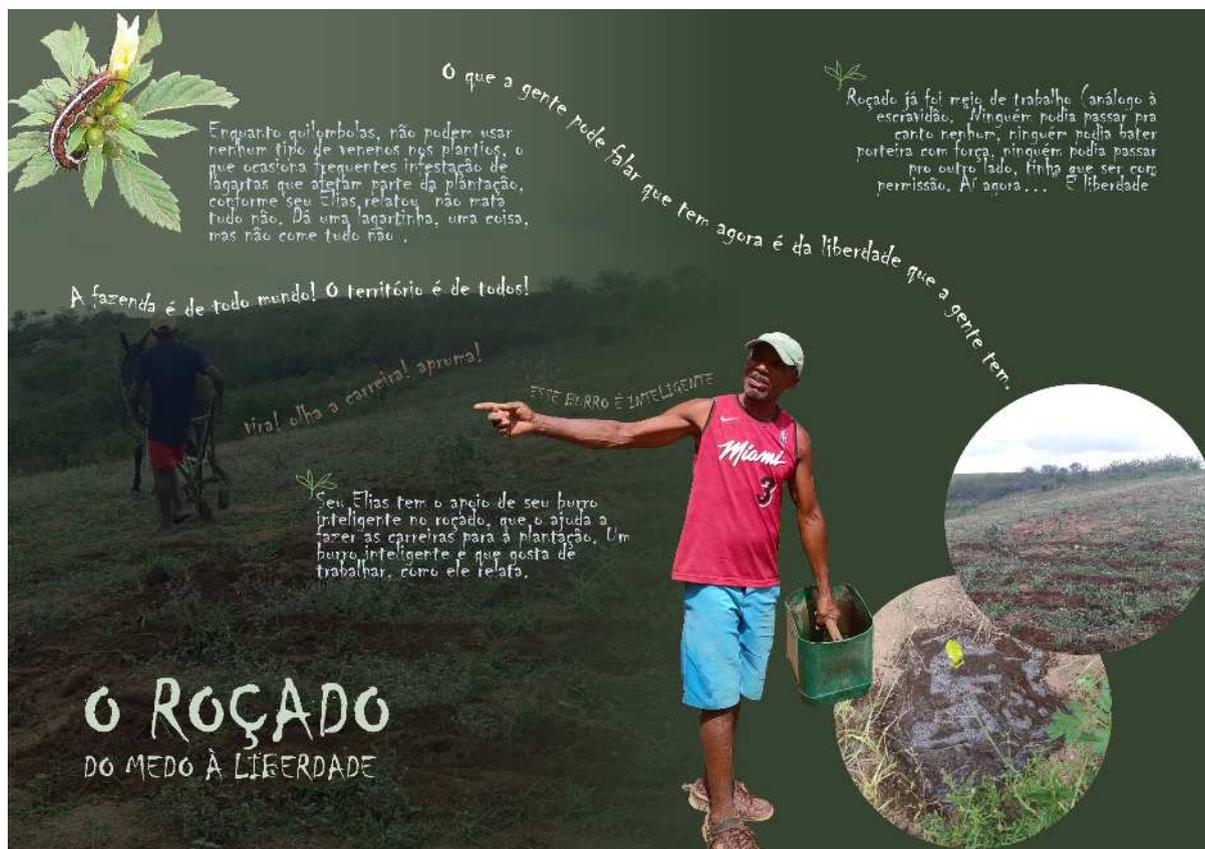
No questionamento, também foi percebido que o plantio não é unânime na comunidade; como exposto, seu Elias e dona Paquinha têm diferentes plantas em seu roçado:

Alice: E vocês têm costume de plantar o que por aqui?
 Dona Paquinha: Jerimum, quiabo, coentro, maxixe, chuchuzinho, é... cabaço, jiló, tudo eu planto. Ainda tem mais ainda, tem outro que eu plantei agora, é, que eu plantei a primeira semente, cenoura, salsinha.
 Alice: Todo mundo planta as mesmas coisas?
 Dona Paquinha: Não. Esses quem planta mais aqui é eu.
 Seu Elias: Eu fico mais no setor de feijão, milho, fava, essas coisas assim. Eu não tenho muita coisa pra horta não, porque justamente...
 Dona Paquinha: É muito trabalho.
 Seu Elias: Não é muito trabalho, é por causa da água.
 Dona Paquinha: E a água... Não adianta sem água não

E, então, mais uma vez foi ressaltada a problemática da água, que, como podemos perceber, tem fator fundamental no roçado. Eles produzem e vão ao roçado em qualquer época, mas os resultados são influenciados diretamente pelo clima e pelas chuvas e, para eles, apesar da luta contínua, como seu Elias sempre afirma, estar no roçado hoje tem o significado da liberdade, do bem-estar, da geração de comida e possível renda extra, resposta à luta e à resistência do que um dia já foi medo e fome.

O percurso foi traduzido no Mapa 3, apresentado na Figura 18.

Figura 18 - Mapa 3: Roçado - do medo à liberdade



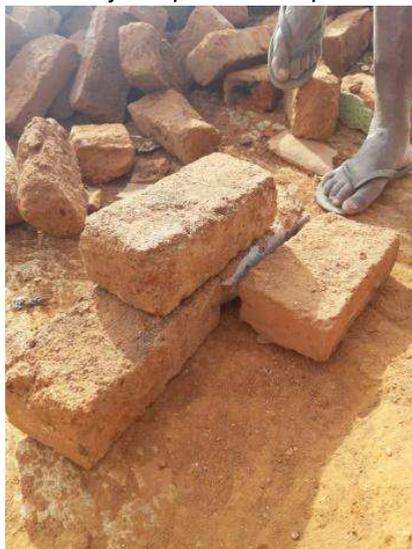
Fonte: Autora

6.3.4 Mapa 4: Saber-Fazer Cerâmico

O 'saber-fazer cerâmico' atualmente é praticado pelas coautoras e artesãs dona Lourdes e dona Paquinha. O saber foi aprendido com a sogra de dona Lourdes, a qual chamam de "tia Zefa", referindo-se à primeira mulher a chegar na comunidade, a qual estava fugindo com o marido e seus filhos do trabalho escravo.

O processo da cerâmica foi observado de forma não linear, não seguindo a ordem natural da produção e foi dividido em três visitas diferentes. Na primeira, ainda durante a disciplina do mestrado, como já comentado, observou-se o forno em processo de manutenção; na segunda, viu-se o tijolo utilizado por seu Elias (Figura 19) na reforma e, então, o processo de queima; na terceira foi possível observar o processo de modelagem e a produção das louças.

Figura 19 – Tijolos produzidos pelo seu Elias



Fonte: Autora

Seu Elias apresentou o que estava sendo feito para a recuperação do forno, mostrando o assentamento de tijolos para reconstruí-lo. Seu Elias afirmou que o tijolo utilizado no forno não necessita de queima, porém é queimado durante a queima das louças. O coautor afirmou que a queima não influencia na qualidade do tijolo, que, como é feito do barro, aguenta o processo. Na Figura 20, em que seu Elias apresenta a recuperação do forno, é possível observar a parte interna que está queimada e a parte da frente, que é a parte recuperada, ainda sem queima.

Figura 20 – Recuperação do forno



Fonte: Autora

Nesse dia, em que observamos a recuperação do forno, deveria ter ocorrido a queima. No entanto, o forno estava molhado devido à ocorrência de chuva. Voltamos dois dias depois, com o forno seco, para observar a queima. O processo é realizado pelas ceramistas; nesse dia, estava ali apenas dona Lourdes, que contava com o auxílio de moradores da comunidade para acender o fogo.

A queima é realizada no forno fabricado pelos moradores, como pode ser visto na figura 21, com o uso de galhos da plantação de macaxeiras como lenha. As peças são organizadas dentro do forno e a queima depende da ausência de chuva durante, pelo menos, 24h, para que o forno esteja seco e garanta o melhor aproveitamento da fornada; na maioria das vezes, não ocorre estouro das peças, havendo um aproveitamento de todas as peças, seja para venda ou uso próprio. As peças que estouram ou ficam queimadas, sendo a minoria, são geralmente utilizadas para um apoio de organização das peças no forno ou são descartadas.

Figura 21 – Etapa de queima da louça



Fonte: Autora

O processo dura em torno de 24 horas, tempo necessário para que o fogo apague sozinho e, então, as louças esfriem para serem retiradas. Essa etapa, assim como a queima, teve auxílio do marido da ceramista Lourdes, que, no dia posterior à queima, retirou o material que cobre o forno e retirou as peças juntamente comigo, Emmanuelle, discente do PPGDesign-UFCG que estava acompanhando a atividade, e dona Lourdes.

As peças eram retiradas do forno e levadas para um quarto na casa de dona Lourdes, onde ficariam guardadas. Perguntamos sobre a finalidade das peças, se poderíamos adquirir algumas. Dona Lourdes respondeu positivamente, porém disse que a maioria já estava reservada para compradores da comunidade e pessoas externas, que encomendam grandes quantidades de peças, como foi possível notar também nas falas de dona Paquinha

Dona Paquinha: - Tô com o barro ali pra fazer, mas eu tô pra fazer aquelas louças ali mais ela

Alice: - E esse já é de encomenda? Pra venda? Ou pra vocês mesmo?

Dona Paquinha: - Rapaz, eu tô com uma encomenda tão grande, minha filha, tão grande... Que se eu fosse fazer, eu ia ficar sem roçado

Alice: - E tem época específica pra produção de cerâmica?

Dona Paquinha: - Não, a época que você quiser fazer você faz. Eu fui na secretaria essa semana, o povo encomendou louça e gentão, visse? Aquele povo tudo quer louça. Por que? Porque descobriu uma doença aí agora, que o câncer aumentou cinco por cento por causa da panela de alumínio, né? Aí o povo tão tudo doido. Aquele pessoal do Riachão, tá 'Olha, aqui tá querendo louça' (risos). Aí diz que é cinco por cento que aumentou o câncer por causa da panela, principalmente o de intestino.

(...)

Dona Paquinha: - Mas sabe o que estão fazendo em João Pessoa? Eles tão comprando aquele de lenha, não é mais que isso não, assim olha. Cortadinho deste tamaninho. Tão comprando.

As encomendas são também realizadas por moradores da comunidade, que ainda preferem o uso da panela de barro, principalmente para o uso no fogão a lenha, ainda bastante utilizado no local, principalmente com o aumento do preço do gás. Foi possível perceber que as peças destinam-se à venda para moradores, turistas e pessoas de cidades próximas, como Campina Grande, Riachão de Bacamarte e Ingá. Além disso, destinam-se também para o uso pessoal e para a doação de pequenas peças para as crianças da comunidade brincarem, pois, apesar de os moradores locais não demonstrarem interesse em aprender a prática, valorizam a peça cerâmica.

Ao questionarmos sobre o uso e a durabilidade das peças, dona Lourdes relatou que são peças bastante resistentes, suportam o cozimento de alimentos direto no fogo e têm boa qualidade; conseqüentemente, têm uma boa durabilidade.

Sempre reafirmando a qualidade do barro do Grilo, que já vem limpo, ela fez uma comparação com peças vendidas na feira de Campina Grande, destacando os preços altos e a impossibilidade de expô-las a temperaturas elevadas.

Neste dia, enquanto observamos a produção, dona Lourdes e dona Paquinha realizaram um convite para produzirmos peças juntas; confirmamos e compartilhamos o convite com os demais moradores da comunidade, o que acarretou em algumas visitas durante o dia da produção. Percebemos, então, que 'o barro do Grilo' não tem uma época específica para o uso e produção das louças, variando apenas devido à disponibilidade e à necessidade das ceramistas.

Alice: - E tem época específica pra produção de cerâmica?

Dona Lourdes: - Não, a época que você quiser fazer você faz.

Apesar de o barro não sofrer influência do tempo, os demais processos sofrem uma influência direta do clima e da frequência de chuvas, como o forno para a queima, já mencionado, e o processo de secagem, que será mencionado posteriormente.

Embora o forno tenha sido um fator primordial para o início da produção de cerâmica, o processo se inicia bem antes da queima. A primeira etapa é a extração e a coleta da matéria prima, o barro, realizada pelas próprias ceramistas ou por membros da comunidade que fazem essa tarefa voluntariamente para elas, quando solicitados, sendo esse o único momento em que há a participação dos outros membros, que não demonstram tanto interesse em dar continuidade à a prática; essa falta de interesse deles é algo de que reclamam as ceramistas.

O barro é encontrado no território do Quilombo Grilo e levado ao local de produção escolhido pelas ceramistas com ajuda de uma carroça, devido ao peso. Quando retornamos à comunidade para fazer o acompanhamento, o barro já havia sido coletado por parentes de dona Lourdes, e ela relatou que havia sido trazido na carroça, por conta do peso.

O barro foi transportado por Dona Lourdes, com o uso de um pano apoiado na cabeça até a Associação (Figura 22), onde as artesãs dariam andamento à produção. A produção estava encabeçada por Dona Lourdes e Dona Paquinha e o processo teve a participação de crianças da comunidade, que demonstram uma curiosidade e vontade de produzir peças, principalmente para brincarem depois. Houve também a presença da professora Julia Teles, orientadora deste trabalho, e de Emmanuelle Leão, discente do Programa de Pós-Graduação em Design da

Universidade Federal de Campina Grande, que participou da atividade realizada na comunidade.

Figura 22 – Dona Lourdes transportando o barro



Fonte: Autora

Após a obtenção da matéria prima, ocorre a limpeza do barro, que é uma etapa rápida, feita no momento da modelagem, ou, conforme o ciclo de vida do produto, no início da etapa de fabricação, pois, conforme relatado pelas artesãs, o barro do Grilo não necessita de limpeza, sendo retiradas apenas algumas pedrinhas maiores. Então, é realizada a modelagem de forma manual pelas artesãs, que já possuem uma destreza para a modelagem de diversos modelos de objetos de cerâmica (Figuras 23 e 24). No processo observado, obteve-se panelas, vasos para plantas com e sem suportes, cuscuzeiras, fornos a lenha, pratos, tigelas, travessas e potes.

Figuras 23 e 24 - Modelagem da louça



Fonte: Autora

Ao vermos que elas realizavam a tarefa com tanta destreza e facilidade, pareceu-nos fácil o processo e tivemos a ideia de modelar panelas; no entanto, modelar o barro requer 'expertise' e habilidade. Eu e a Emmanuelle fizemos apenas algumas tigelas com o auxílio das artesãs. Posteriormente à modelagem, fizemos o acabamento das peças, sendo utilizados pedaços de pedras para o detalhamento ou a retirada de alguma impureza encontrada no barro após a modelagem ou até mesmo alguma marca da ponta dos dedos das ceramistas nos acabamentos (Figura 25). Entre a etapa da modelagem e o acabamento, pode ocorrer uma primeira secagem das peças, quando ocorre o excesso de água no barro. Foi percebido que as artesãs possuem a 'expertise' para a quantidade exata, mesmo sem medição, e seus produtos secavam logo, precisando apenas do tempo para a modelagem entre uma peça e outra.

Figura 25 – Detalhes da peça cerâmica



Fonte: Autora

Após as peças finalizadas, ocorre o processo de secagem, em que as peças são deixadas em um quarto na casa da artesã Dona Lourdes; é um ambiente coberto, para que possam secar sem a interferência do sol ou da chuva, de uma forma natural para a matéria prima, a fim de evitar rachaduras ou outras danificações. O processo de secagem dura pelo menos 30 dias, é intercalado com a produção das demais peças, que não são produzidas num só dia, e varia conforme a umidade natural do ar e conforme a temperatura ambiente. A chuva interfere em todo o processo de produção, desde o período de secagem e, também, na possibilidade de queima, como já relatado.

Ao finalizarmos, as coautoras reiteraram o convite para vermos nossas peças serem queimadas e ver o resultado de nossa produção. Foi percebido que, nesse dia, as artesãs, além de estimularem confiança na designer, também ficaram felizes pelo seu interesse no processo cerâmico. No fim do dia, foi possível observar a produção de diversas tigelas e de algumas panelas produzidas pelas artesãs (Figura 26); voltamos para observar a queima delas posteriormente.

Figura 26 - Peças produzidas pelas designers e artesãs

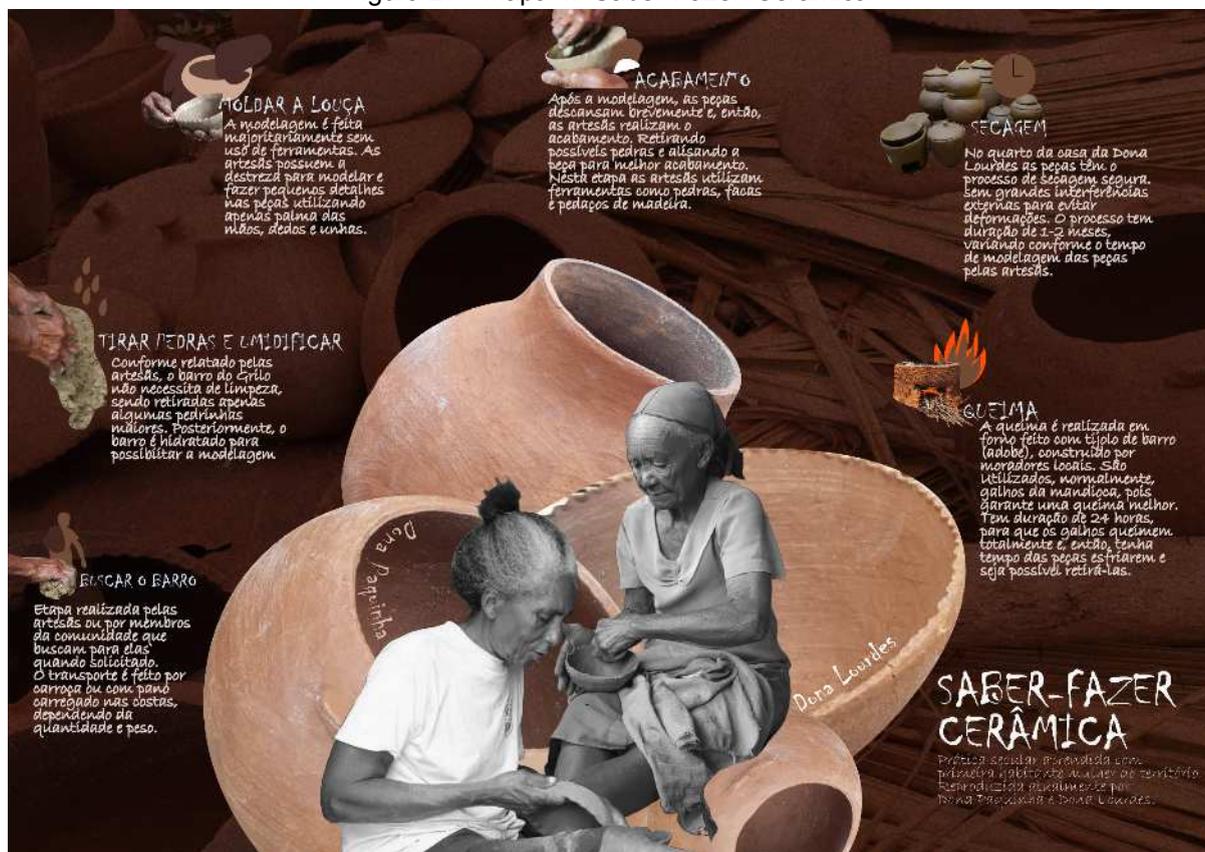


Fonte: Autora

O percurso no processo de cerâmica representou a criação dos laços entre os coautores e eu. De início, dona Lourdes teve receio em ligar para mim e realizar o convite para que eu visse a produção das louças; o convite para ver a queima foi feito apenas quando eu fiz o contato. No percurso, foi-se criando confiança entre nós, e, então, foi realizado o convite para a produção de louças junto a dona Paquinha e dona Lourdes, por iniciativa delas; e os convites para ver suas produções se tornaram frequentes durante o percurso.

Percebeu-se ainda que, apesar de não participarem do processo de produção, os membros da comunidade valorizam as louças e os produtos da prática, sendo bastante encomendados até mesmo pelos membros mais jovens e pelas crianças, que pedem copos, pratos e até pequenas panelas para brincar. Em contrapartida, apesar do consumo, o 'saber-fazer' corre o risco de ser perdido pelas próximas gerações, por não terem interesse em aprender; e, assim, a prática talvez deixe de ser reproduzida.

Figura 27 - Mapa 4: 'Saber-Fazer' Cerâmica



Fonte: Autora

6.3.5 Mapa 5: 'Saber-Fazer' Farinha

A prática da produção de Farinha se inicia com a colheita da plantaço de mandioca. A produção é local e reúnem-se à colheita diversos moradores; o trabalho coletivo está presente durante todo o processo de produção. A plantaço da mandioca para a farinha ocorre dois anos antes da colheita, segundo Seu Elias “É porque a roça pra fazer farinha é assim, ela é dois anos. Você não pode arrancar esse ano, por exemplo, planta agora em maio, aí tem maio, São João, Santana, Agosto, né? Não dá pra gente plantar esse ano, pra farinha, o ano que vem. Se for pra venda assim, no caso, macaxeira, pra venda pra consumo.” Dessa forma, é necessária uma organização e um planejamento para a produção de farinha, e isso requer o auxílio de muitos quilombolas do Grilo.

“A farinha é assim, como, a gente vai fazer um enterro, por exemplo, morre uma pessoa, a gente enterra aquela pessoa. Não tem que se organizar pra fazer? Mesma coisa é a farinha. Você não consegue fazer a farinha, seja

ela do tamanho que for, sozinho, de maneira alguma, você não faz sozinho. Aí tem que ter bastante gente...” (Seu Elias - recorte da entrevista cedida à autora)

A produção ocorre normalmente em meados do segundo semestre do ano, tendo uma relação direta com as chuvas, o tempo e o resultado das plantações. Segundo Seu Elias e Dona Paquinha, a produção deve ser feita entre agosto e novembro, preferencialmente no mês de setembro, pois, conforme relatou Dona Paquinha, “Ela fica até com uma cor, quando a gente faz ela no mês de setembro, ela fica bem alvinha. Quando você passa a fazer fora daquele tempo, ela fica amarelada”. Percebe-se, dessa forma, além da organização na produção, a ‘expertise’ e os saberes empíricos da comunidade, que vão desde a plantação até o tempo de produção para a obtenção de diferentes resultados.

O convite para acompanhar o processo de produção ocorreu 48 horas antes do início; quando cheguei ao local, a colheita já havia sido realizada e as mulheres estavam no processo de limpar e descascar as mandiocas; algumas remessas já haviam sido levadas para a Casa de Farinha. Neste momento, foi percebida a comoção local, pois a maioria das pessoas estava trabalhando na produção da farinha, em suas diferentes etapas e atividades.

A Casa de Farinha fica localizada no Grilo de Baixo, um local mais distante do “centro do Grilo”, onde a maioria da comunidade reside (considere o Centro do Grilo o local onde localiza-se a Associação, a Igreja e o monte, que é um ponto turístico tanto para pessoas externas quanto para a comunidade, que apreciam tirar fotos e ver o pôr do sol no local). Após a colheita, a mandioca é agrupada num local, sendo majoritariamente na Casa Amarela (antiga casa de Dona Dora e Seu Manoel) ou na Associação, onde as pessoas se reúnem para limpar e descascar. A limpeza consiste na retirada das raízes e terras da mandioca, sendo um processo feito no momento de descascar. Foi observado que a etapa é feita prioritariamente por mulheres; nesse momento, os homens estavam na Casa de Farinha, organizando as ferramentas e/ou iniciando as próximas etapas.

As mandiocas descascadas são transportadas à Casa de Farinha, sendo uma tarefa realizada por pessoas que estejam disponíveis e que tenham meios de locomoção como um carro, uma moto e/ou carroças. O processo na Casa de Farinha dura de 24 a 48 horas, havendo pessoas que ficam no local do início ao fim. Há uma refeição ali para quem está na produção, sendo preparada no local por

mulheres vizinhas, parentes ou esposas das pessoas da produção e/ou levada pelos moradores aos trabalhadores. Além da vontade de terminar mais rápido, devido ao cansaço da tarefa e o impedimento de realizar outras demandas, o processo precisa ser acelerado, pois, conforme relatado por seu Elias, após três dias a mandioca pode azedar e ficar inutilizável para o fim necessário.

A mandioca que chega no local é triturada, sendo um processo realizado na máquina trituradora (Figura 28), para que a mandioca fique moída o suficiente para haver pouco material desperdiçado no momento de peneirar. Dessa trituradora sai uma massa úmida (Figura 29), que é ensacada em sacos de fibra e colocada na prensa, para a retirada da umidade.

Figura 28 - Máquina trituradora



Fonte: Autora

Figura 29 - Massa úmida triturada



Fonte: Autora

O trabalho na prensa é um trabalho que exige bastante força, sendo realizado por pelo menos dois homens (Figuras 30 e 31), que giram a máquina para que a mandioca ensacada seja prensada o máximo possível, assim eliminando a maior quantidade de água. Após a prensa, a mandioca é retirada dos sacos e colocada em um reservatório (Figura 32), onde descansa por um curto período de tempo para secar e, em seguida, ser peneirada.

Figuras 30 e 31 - Prensa



Fonte: Autora

Figura 32 - Reservatório para peneirar



Fonte: Autora

A última etapa é a torra. É feita num grande forno redondo, cimentado com uma brasa enorme que o esquenta (Figura 33). A “colher” utilizada é uma ferramenta em forma de rodo, que serve para girar e mexer a farinha no forno, já que é impossível a colocação das mãos diretamente no forno, devido à alta temperatura. Apesar disso, foi observado que, em alguns momentos, a farinha era mexida rapidamente com as mãos; a isso se seguia uma reclamação de dores.

Figura 33 - Torra da farinha



Fonte: Autora

Além da farinha, eles produzem a tapioca. O coco ralado é colocado na etapa da peneiragem e o cozimento acontece no mesmo forno, sendo feito em formatos redondos, irregulares, devido à ausência de molde. Os resultados são divididos entre todos aqueles da comunidade que contribuíram em todo o processo ou numa parte dele, seja fornecendo matéria prima, mão de obra ou refeições para os trabalhadores.

A Casa de Farinha e os materiais utilizados nesse processo são frutos da mão de obra da comunidade, com exceção da trituradora, que é um material elétrico. A prensa, a peneira, os reservatórios e o forno foram construídos pelos moradores da comunidade numa tarefa coletiva e a Casa de Farinha não possui um dono, é do Grilo.

Em relação ao tempo das atividades, com exceção da duração do processo por completo, os tempos são subjetivos e acompanhados de forma natural. “Quando ela acabar ali, já vai ter dado o tempo de peneirar” foi uma das respostas que recebi ao questionar o tempo de espera entre a prensagem e o processo de peneirar. É

uma 'expertise' empírica e que é naturalmente acompanhada por todos, com sincronicidade, como uma dança.

Na Casa de Farinha, em alguns momentos, o processo é realizado e acompanhado majoritariamente por homens, fator percebido pela autora logo no início, pois quando questionado o momento em que iríamos para a Casa de Farinha, era relatado que seria melhor no final da tarde, quando todos iriam levar o jantar e olhar a finalização do trabalho, pois, naquele momento, só havia homens ali e não seria confortável.

Os questionamentos sobre a presença feminina em ambientes masculinos surgiam de mulheres que haviam acabado de chegar ao local ou em momentos de discussão entre elas sobre o horário da ida, e a confirmação do desconforto na ida era unânime. Nesse momento é possível refletir sobre esse comportamento, que diz respeito à resistência de hábitos antigos, em que mulheres casadas e/ou "de família" não devem frequentar lugares habitados apenas por homens, principalmente sozinhas, e, também, à insegurança que as mulheres sentem em estar nesses ambientes, mesmo, em teoria, sendo um local seguro por se tratar de parentes e pessoas de convívio habitual.

Apesar de os homens serem a maioria na casa de farinha, em alguns momentos é também percebida a presença de mulheres. Mas essa separação acaba sendo natural pelo fato de que, em alguns momentos, há uma maioria de homens e as mulheres evitam e/ou saem do local, apesar de as atividades, na teoria, não serem delimitadas por gênero; apenas algumas que exigem mais força, como a prensagem e a torra, é que são normalmente demandadas aos homens.

Dentre as atividades realizadas por homens e mulheres, destaca-se a dança da farinha. É uma dança típica do local, com canções criadas na comunidade que remetem à prática. A tradição consiste em dançar num círculo, com as pessoas que estiverem na casa de farinha; todos cantam e dançam juntos, como sendo um ritual para iniciar o processo. Fui apresentada à prática por uma criança da comunidade: assim que cheguei, ela estava cantarolando: "Vem Alice, vem Alice, vamos fazer farinha". A música é cantada na Casa de Farinha e também pelos que estão na comunidade. Percebeu-se a alegria das pessoas ao cantar e dançar a música tradicional. A criança chamava todos para a roda e vi dona Paquinha e os demais moradores com alegria seguirem o ritmo.

Figura 34 - Mapa 5: Saber-Fazer Farinha



Fonte: Autora

6.3.6 Mapa 6: São João

O São João no Quilombo do Grilo é comemorado às vésperas do dia 24 de junho, que é o dia oficial em que se comemora a data. Recebi o convite por intermédio da filha e da esposa de seu Elias, que me convidaram e solicitaram que levasse meu companheiro, o qual eles sempre quiseram conhecer.

No Grilo, tem-se bastante apreço pela família e apresentá-la a eles significa sair, de fato, da relação entre pesquisador e pesquisados e construir uma relação de afeto. Sempre perguntam sobre meus pais, mesmo sabendo que não moram na Paraíba.

Fomos ao quilombo no dia 23 de junho para a festividade; quando chegamos, os preparativos já haviam começado. Encontramos seu Elias, dona Josefa, sua esposa, e alguns de seus filhos reunidos nas preparações dos milhos, descascando-os, para dividir entre os milhos que seriam assados na fogueira e os que seriam ralados para fazer pamonha.

Sentamos na roda e ajudamos na realização da tarefa. Ao ver que meu parceiro estava lá, seu Elias agradeceu por eu tê-lo levado e, em seguida,

“apresentou-me”, afirmou que eu já era “da casa” e, comentando sobre a tarefa do milho, disse que eu sempre os ajudava, enfatizando que não havia apresentado reclamações nas atividades que vivenciei na comunidade. “Ela, com certeza, tem vivência no campo, não é como aquele pessoal da cidade”- enfatizou seu Elias.

Dona Paquinha e Dona Lourdes também passaram por lá quando viram que eu havia chegado e logo agradeceram a presença do meu companheiro, afirmando que ele devia voltar mais vezes e, assim como seu Elias, me apresentando como uma pessoa por quem têm afeto e com quem gostam de conversar. Os termos “pesquisa” e “universidade” não foram utilizados pelos coautores em suas descrições.

Nesse encontro, percebi que o nosso percurso foi construído para a transversalidade. Aqui uso “construído para” e não “percurso transversal” pois quase no fim dos mapas, e após analisar o percurso, vejo que, quando cheguei no local, a percepção que tinham de mim ainda era de uma ‘expert’, “pessoa da universidade”, como eles chamam, indo pesquisar no quilombo; mas, ao longo do trajeto, construímos uma relação transversal, que foi percebida no encontro da festa de São João, em que pude, por fim, sair de “pesquisadora da universidade” para uma pessoa “da casa”.

Seu Elias apresentou o Mundo do Grilo para o convidado, que estava lá pela primeira vez, e, no percurso, pude perceber que eram poucas as casas que não estavam preparando milho para fazer pamonha e que não tinham uma fogueira no terreiro. Havia fogueiras que estavam preparadas há mais de uma semana, incluindo a do seu Elias.

Durante o dia, todos estavam nos preparativos, para que, à noite, todos estivessem prontos para ver as fogueiras pegando brasa e comer milho e pamonha. Cada um no seu terreiro, reunidos com suas famílias, reunindo gerações.

Figura 35 - Mapa 6: São João



Fonte: Autora

O São João é uma festividade de grande importância para o local, sendo inclusive, como costumam chamar, o mês de Junho. Os meses no Grilo são: janeiro, fevereiro, março, abril, maio, São João, Santana, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.

Notei as titulações quando fui convidada para uma comemoração no local, que ocorrerá em meados de "Santana" ou agosto. Os nomes fazem alusão ao São João, que comemora-se em junho, e à Senhora Santana, padroeira das avós, comemorada no dia 26 de julho. Ressalta-se que o mesmo não ocorre com a padroeira do Quilombo do Grilo, que é Nossa Senhora Aparecida. Em comemoração à padroeira, ocorrem nove dias de festa no Quilombo do Grilo,

Alice: - E como é o Dia de Nossa Senhora Aparecida aqui?

Seu Elias: - Foram nove dias de festa, não foi?

Dona Paquinha: - Foi.

Seu Elias: - Teve nove noites de festa, aí quando foi na noite aí, teve a ciranda, teve um sanfoneiro aí, que é da torre, aí foi chamado pra animar a festa, comemorar o final da festa.

As festividades do quilombo são de grande importância e fazem parte da cultura local e a descontinuação de algumas comemorações preocupam os

coautores, que afirmam ter receio de como os jovens estão se comportando nas festas e de que forma ainda serão realizadas.

A preocupação advém do consumo de bebidas alcoólicas e do uso de drogas por algumas pessoas da nova geração, que preocupa e amedronta os mais velhos. Há também relatos de alguns jovens que se tornam violentos ou atrapalham a continuidade das comemorações, o que desestimula a realização das festividades.

A atenção e o receio em relação à nova geração está presente em outros aspectos. Como já mencionado, o desinteresse pelo roçado, pela cerâmica e por outras atividades típicas do local aflige os coautores. A questão traz algumas reflexões que serão abordadas mais à frente.

6.4 Análise do percurso: entre discursos, caminhos e teorias

Durante o percurso, foi possível perceber as ‘expertises’ dos coautores que perpassam de geração em geração e a luta intrínseca à sua história e vivências, que têm dois principais vieses: as dificuldades da vida e os reflexos da colonialidade, ainda visto nas hierarquias de poder, que mencionam raça, classe e gênero. Quanto à relação entre a designer e os coautores, pudemos perceber a construção de um plano comum ao longo do percurso.

A imersão em campo por meio da observação participativa e conversas guiadas possibilitou a aproximação e a familiarização com os coautores, assim como a ferramenta de construção do mapa visual nos possibilitou acionar os diálogos, que os fez, também, refletir sobre o percurso e suas práticas, assim como possibilitou à designer o processo de reflexão.

Cartografar nos permite refletir e problematizar o percurso que vivenciamos, o processo de traduzir em mapas o percurso da pesquisa possibilita a análise dos diálogos, caminhos e de todos os fluxos envolvidos no processo de pesquisa. Noronha (2017, p. 131) afirma que “o processo de aproximação e distanciamento com o próprio conhecimento nos ajudam a problematizar e ver de forma mais ampla a realidade na qual estamos imersos.” (NORONHA, 2017, P. 131).

Traduzir o percurso nesta pesquisa possibilitou constantes reflexões sobre os caminhos traçados, o que tornou oportuna a execução contínua do objetivo da pesquisa, de investigar a atuação da designer em comunidades tradicionais, analisando a possibilidade da atuação transversal de uma designer branca numa comunidade quilombola, em específico o Quilombo Grilo, para o mapeamento da

história, cultura e saberes. A tradução dos mapas trouxe a percepção do processo de construção do plano comum e da pesquisa para a transversalidade.

À luz desta informação, apresento aqui as reflexões acerca do percurso e da construção do plano comum com base na triangulação entre as vivências, os discursos dos coautores e as teorias que auxiliam e embasam as reflexões abordadas. O plano comum tem como base a transversalidade, que prevê as individualidades dos envolvidos na pesquisa, mas opera uma comunicação neste plano que é pré-individual e coletivo, sem a fronteira que distingue saberes e atores, pesquisadores e pesquisados (KASTRUP e PASSOS, 2016).

A análise do percurso será feita com base nesse conceito, utilizando-se dos discursos dos coautores no decorrer da pesquisa, da percepção sobre as vivências e do embasamento com base nas teorias que refletem sobre hierarquias do ser, saber e poder. Início a análise diferenciando a designer, mulher, branca, graduada e com mestrado em andamento e os coautores, sendo um homem e duas mulheres, negros, que não tiveram acesso ao ensino superior. As escolaridades ainda não haviam sido evidenciadas durante este trabalho, mas durante o percurso foi percebido o impacto que as hierarquias do saber têm no processo da pesquisa.

No início do percurso, no primeiro contato realizado para a atividade de disciplina do mestrado, foi imprescindível a denominação de “pessoas da universidade”, referindo-se a mim e a Emmanuelle, assim como a constante preocupação em falar sobre as atividades e os costumes da comunidade em tom de explicação e pedido de desculpas, principalmente ao relatarmos sobre atividades e instrumentos descontinuados e/ou não mais usados; também havia o receio em relatarmos seus medos e repulsas em relação a situações vividas com pessoas brancas, como foi relatado por Dona Paquinha durante o percurso,

Dona Paquinha: (...) - Riachão tinha raiva da gente. Riachão, a cidade, tinha, de antigamente. Tinha sim.

Alice: - Mas por quê?

Dona Paquinha: - Eu digo que tinha raiva por causa da cor, da pobreza e tudo, nós não tinha experiência de nada, né? Não tinha, não tinha. Riachão era peso pra gente, a cidade. Há dez anos, quinze anos atrás. Há vinte anos atrás, no tempo que a gente começou o trabalho. Era uma raiva danada. Hoje não. Hoje eles, quando vê a gente é um sorriso só, porque sabe da fortaleza que o quilombo tem, né?

Dona Lourdes: - Oxe, oxe, é por isso que eu cantava (cantarola batendo palmas) ‘Quero ver, eu quero ver, quero ver quilombo não ter valor. Quero ver, eu quero ver, quero ver quilombo não ter valor.’

Dona Paquinha: - Mas eu acho que é o seguinte, porque você nunca viu, é muito difícil você ver numa comunidade um negro professor, um negro enfermeiro, um negro bombeiro, dentro da comunidade não tinha. Por quê?

Não tinha espaço. Espaço não tinha mesmo. Não tinha espaço e a gente tinha medo. A gente também tinha medo. Tinha medo do pessoal, do pessoal branquinho que estudava, a gente tinha medo demais. Eu tinha medo sim. **Eu comecei pra cá, foi dos vinte anos pra cá, que eu comecei a me libertar do medo da pobreza, do medo da cor, do medo de tudo. Mas antigamente era isso, porque se alguém, um pessoal diferente chegasse, tinha medo de tudo.**

Falas como essa, referindo-se a violências sofridas advindas de práticas racistas e preconceituosas, que advêm das hierarquias coloniais, foram tecidas durante todo o percurso da pesquisa. O apontamento foi de encontro a reflexões apontadas por Hooks (2019), que reflete sobre os olhares negros como uma forma de constante luta e resistência; ela aponta que o negro olhar para pessoas brancas era algo proibido e, para os negros, doloroso, o que por anos foi evitado.

O processo de resistência foi percebido na fala de dona Paquinha, a qual relata o processo de se libertar do medo da pobreza, da cor, de tudo. Os medos de dona Paquinha são reflexos da colonialidade, do poder, do ser e do saber sofridos por ela enquanto mulher negra e quilombola. As mulheres negras são consideradas as vítimas mais fortes do colonialismo (BERNARDINO-COSTA, 2018; QUIJANO, 2005; HOOKS, 2019).

A luta constante do quilombo, desde a chegada, na titulação e manutenção do território até os dias atuais evidenciam as dificuldades e obstáculos que os quilombolas do Grilo têm para (sobre)viver. Inicio a análise pela forma de tratar esses relatos em campo, que necessitavam da sutileza entre o orgulho e a não romantização. Como Ribeiro (2019) menciona,

Muitas vezes, casos de pessoas negras que enfrentam grandes dificuldades para obter um diploma ou passar em um concurso público são romantizados. Entretanto, ainda que seja bastante admirável que pessoas consigam superar grandes obstáculos, naturalizar essas violências e usá-las como exemplos que justifiquem estruturas desiguais é não só cruel, como também uma inversão de valores. (RIBEIRO, 2019, P. 23)

Desta forma, reconhecer e não diminuir as lutas e as vitórias dos quilombolas, não significa que deve-se romantizar. Ouvir, compadecer e destacar que as vivências que são frutos de pensamentos coloniais não são merecidas foi fundamental para a construção do plano comum na comunidade quilombola.

O relato do medo de pessoas novas foi contado ainda no primeiro dia e, nesse momento, seu Elias pediu que dona Paquinha não falasse daquela forma, com a justificativa de que existiam pessoas com boas intenções.

Nesse dia, mesmo com as diversas aberturas e sensibilidades das designers, que buscaram proporcionar um ambiente confortável para os coautores, onde se sentissem confiantes e à vontade, ainda foi percebido que eles deixavam o controle da situação em nossas mãos, tanto no momento de guiar os diálogos, quanto nos registros a serem feitos. Ainda assim, foi feito o convite para que retornássemos, sem data marcada; apenas pediram que mantivéssemos o contato.

Devido à situação da pandemia na época, passamos algumas semanas sem retornar e o contato da parte deles também não aconteceu. Assim que houve melhorias, entramos em contato novamente, e foi quando o convite para vivenciar a queima das louças aconteceu; então, retomamos o contato. Ao chegar lá, houve surpresa dos coautores por termos ido e cumprido com o dia e horário prometidos, complementaram os tons de surpresa afirmando que, naquele momento, haviam percebido que éramos de confiança.

Nesse momento foi percebido que, apesar da atuação transversal das designers, buscando tirá-los da perspectiva de objetos de pesquisa e trazê-los para o campo projetual como coautores, o mesmo não era percebido por eles. No primeiro encontro, ainda estávamos na posição de pesquisadores em estudo de um objeto.

A confiança foi um ponto primordial para atravessar a fronteira das hierarquias em campo; no momento em que confiaram na designer, as relações se tornaram mais leves e demos um passo na construção do plano comum. Segundo Gusmán (2020),

Ao colocar a confiança nos encontros está se criando esse terceiro espaço que o pesquisador Thomas Binder (2016) nomeia como espaço social. Nele, as colaboradoras do laboratório criam um espaço de aprendizagem mútua, no qual as diferenças entre a designer e as artesãs são ao mesmo tempo parte dos dispositivos de conversação, já que essas diferenças os alimentam. (GUZMÁN, 2020, p. 174)

Já neste segundo encontro, quando mostraram que não seria possível realizar a queima por conta da chuva, dona Lourdes ainda demonstrou uma preocupação, por achar que teríamos perdido tempo; já Seu Elias, de forma descontraída, nos mostrou seus saberes em relação à produção de tijolos para a reforma do forno e nos convidou para conhecer o Mundo do Grilo.

Seu Elias entrou no meio projetual e, desta forma, podemos ver a exemplificação da coautoria, onde ele guiou a designer durante o percurso da pesquisa. A observação da queima foi remarcada e, no momento da prática, onde

pudemos realizar uma observação participante no processo, estreitamos os laços com dona Lourdes. A realização da queima e a retirada das peças do forno, acionou diálogos entre as coautoras. Dona Lourdes, então, iniciou-se no meio projetual, percebendo também a sua autoria no processo, o que a levou a nos convidar para uma oficina de fazer cerâmica, que contaria com a presença dela e de dona Paquinha.

O 'fazer cerâmica' possibilitou o ato da correspondência entre as coautoras, que tinham diálogos acionados pelo estar em campo e por realizar a prática, sendo este 'fazer cerâmico' como um ponto de encontro dos saberes, o que possibilita o entrelace das ocorrências, sentido em que o conhecimento é gerado (INGOLD, 2011), com trocas e falas em fluxo, que fluíam entre a temática do 'saber-fazer cerâmico' e a possibilidade das coautores tecerem suas visões de mundo e se conhecerem.

Todas juntas, sentadas ao chão, e elas na liderança do ensinar. Eu estava sendo guiada e inserida à prática, na qual eram '*experts*'; as barreiras das hierarquias do saber foram dissolvidas durante a prática e elas se perceberam como autoras no meio projetual. Não era mais a designer '*expert*' guiando a pesquisa, era uma troca, e as vivências eram mapeadas e guiadas pelas coautoras.

Os encontros, que antes eram marcados pela designer, agora eram da iniciativa dos coautores, que guiavam o que devia ser vivenciado, dialogado e registrado por meio de imagens. O papel da designer nesse momento tornou-se apenas o de mediadora no meio projetual, guiando as conversas e sendo guiada às vivências.

A transversalidade e o estar no plano comum foram exemplificados no sexto e sétimo encontro. No sexto, enquanto construimos o mapa visual, foi percebido que os autores se identificavam e reconheciam as imagens, não somente por estarem representados nelas e reconhecerem os processos, mas por serem registros que eles solicitaram no percurso da pesquisa.

Eles viram quais momentos e experiências de importância para eles foram considerados e trazidos para o momento da experimentação com o mapa visual; isso os deixou felizes, como foi percebido pela atitude dos coautores de escolher para visualizarem primeiro e tecerem comentários sobre as imagens em que apareciam e que representavam seu foco no registro.

Ter percebido, no discurso de dona Paquinha, a importância do processo de titularização da terra foi primordial, pois mesmo que a imagem não houvesse sido construída no campo por se tratar de um evento acontecido anteriormente, proporcionou que ela notasse com atenção as suas falas, assim como que ela relatasse que aquela era sua imagem preferida.

O plano comum também foi exemplificado quando os coautores, utilizando-se das imagens, propostas pela autora para acionar os diálogos do percurso, guiavam os tópicos a serem mencionados. Foi uma atividade que propôs a troca e os diálogos, não se caracterizando como uma sequência de perguntas e respostas, como o tipo de entrevista que as pesquisas realizadas com a separação entre pesquisados e pesquisadores propõe. A construção do mapa visual se deu por meio de uma conversa guiada por todos os coautores, que se manteve de forma fluida e sem a necessidade de hierarquização de saberes.

No último encontro, os momentos de troca foram evidenciados quando os coautores apresentaram a designer para uma outra pessoa, mesmo sendo conhecida pela designer. A apresentação dos coautores evidenciou que a pesquisa não se tratou apenas de um mapeamento dos saberes e do fazer da comunidade, mas que, com a perspectiva do design multidisciplinar trazendo formas de estar em campo, à luz de teorias da antropologia e das ciências sociais, possibilitou essa troca, onde eles também puderam guiar conversas para saber sobre a designer e “mapear seus saberes e fazeres”.

As fronteiras da transversalidade foram atravessadas e, juntos, construímos um plano comum. Construir este tipo de plano requer uma atenção às individualidades de cada um, a percepção de suas vivências e formas de trazê-los ao meio projetual de forma leve. As individualidades são evidenciadas quando percebemos, na análise, que os coautores imergiram no meio projetual de forma gradativa e a seus modos.

A prática, aliada aos diálogos e a formas de condução das vivências em campo possibilitam a construção do plano comum, como pôde ser observado no decorrer da pesquisa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cartografia como um percurso e um método de pesquisa apresenta a transversalidade como uma forma de lida entre o pesquisador e os atores sociais do

campo, a qual, inversa à verticalidade e além da horizontalidade, proporciona a criação de um plano comum entre os envolvidos na pesquisa. A transversalidade é construída no estar em campo e atravessa as fronteiras do pesquisador tradicional, que não deve envolver-se emocionalmente na pesquisa; a construção da transversalidade envolve confiança e afeto.

Entender, sensibilizar e corresponder (INGOLD, 2016) é primordial para a construção do plano comum. Nesta pesquisa, foi possível perceber a construção do plano comum no decorrer das vivências em campo, quando os coautores passaram a se perceber como parte do meio projetual e não apenas como objetos de pesquisa ou pesquisados. Como apontado por Farbiarz e Ripper,

Fazer Design em Parceria é compreender e comunicar que é indispensável ser responsável por aquilo que se constrói a partir da fala partilhada, da troca e da relação, pois se os enunciados/objetos sistemas de informação particulares e individuais são escolhidos e definidos a partir de “modelos” relativamente estáveis, de elos que compõem a cadeia de comunicação, a atividade do designer é uma atividade de re-significação constante, ouso dizer, considerando uso, tempo e meio pela perspectiva bakhtiniana, uma atividade de significação constante. (FARBIARZ e RIPPER, 2011)

Fazer design em uma perspectiva transversal requer uma (re)construção contínua da pesquisa e da atuação do designer, a transversalidade não permite o uso de metodologias prontas e inflexíveis, os coautores devem fazer parte do todo. Para continuar os apontamentos, aproveito para retomar as questões que orientam a pesquisa, as quais tiveram reflexões iniciadas na análise do percurso: É possível uma designer branca construir um percurso transversal numa comunidade quilombola? Qual é o papel da designer? Como construir um plano comum?

Nesta pesquisa, foi possível analisar que criar um plano comum na pesquisa é a base para uma pesquisa mais transversal; porém, foi possível perceber que, para alcançar a transversalidade em campo, torna-se primordial o estudo e o alinhamento de posição social dos indivíduos. No caso desta pesquisa, a pesquisadora é mulher, branca, “da universidade” e os atores sociais são homens e mulheres, negras(os), quilombolas, que não tiveram acesso às mesmas condições de estudos.

Enquanto mulher, tem-se vulnerabilidades e lutas perante à sociedade, porém, deve-se considerar que, enquanto branca e de classe econômica diferente à que estão habituados, é importante analisar as possibilidades de medo, devido às vivências e vulnerabilidades dos atores sociais, e/ou à percepção natural de hierarquias. A criação do plano comum, para que seja efetiva, deve considerar e

analisar a complexidade do campo, neste caso envolvendo quilombos, classes sociais, vivências, classificações de saberes e raças diferentes, que podem causar uma dificuldade na efetividade do plano na pesquisa.

Durante o percurso no mestrado, ouvi de membros do corpo docente questionamentos do que eu iria ensinar a eles, onde estava o "papel do designer" (em um caráter tradicional, com designer no papel de profissional e pesquisador, sendo único autor da pesquisa), e aqui retomo a questão estrutural do problema. Eu estar em campo com filosofias projetuais que vão contra a colonialidade não extingue as hierarquias existentes fora dele. Durante o percurso, foi possível construir uma atuação transversal, mas ela estava constantemente impactada pelas estruturas e hierarquias convencionais que valorizavam 'expertises' tradicionais (pesquisadores e profissionais), poder aquisitivo (com a distinção entre as classes) e raça (na pesquisa, acentuada pela designer branca e os coautores negros).

Desta forma, respondendo também às questões, enfatizo a necessidade de refletir nos campos acadêmicos, profissionais e até mesmo pessoais de nossas vivências antes de estar no campo, é nestas que devemos repensar as estruturas. Um percurso integralmente transversal necessita de maiores mudanças, num campo estrutural da sociedade.

Afirmar que é possível realizar a pesquisa de maneira transversal no contexto complexo explicitado, é como afirmar que é possível exterminar o racismo e todo o histórico intrínseco à nossa sociedade no momento da pesquisa, o que não será possível mesmo executando práticas antirracistas; como pessoa branca, considero a condição estrutural da prática.

Reitera-se ainda que, apesar de práticas estruturais implícitas, principalmente nas atitudes de pessoas brancas, é importante a autoanálise e buscar cada vez mais reproduzir atitudes antirracistas, sendo imprescindível combater a estrutura excludente. É importante utilizarmos de nossa posição privilegiada, enquanto pessoas brancas, para combatermos o racismo e os reflexos da colonialidade em situações a que temos o acesso facilitado. Para além da pesquisa e academia, em nosso dia-a-dia. Essa prática também faz parte do papel da designer branca.

À luz destas reflexões e do percurso desta pesquisa, trago algumas perspectivas que foram vivenciadas em campo e são viáveis de um maior aprofundamento. As questões envolvem reflexões a curto e longo prazo, sendo de

perspectivas para futuras pesquisas em design e território ou, necessariamente, no Quilombo do Grilo, as quais apresento a seguir:

1. O relato dos coautores em transformar a casa amarela, que era de seus pais e foi construída pela família, em um museu que registre e conserve a história, cultura e saberes do Quilombo do Grilo. A prática, para além dos limites do Design, envolve questões multidisciplinares, como a reestruturação da casa, que, apesar de bastante conservada, contém algumas madeiras apodrecidas e, no que tange à sua estrutura, requer a análise de um profissional da Engenharia.

Quanto ao registro, vê-se como importante a inclusão efetiva dos moradores da comunidade, principalmente os mais jovens, na construção destes. Foi percebido em campo que, para além de realizar trabalhos em comunidades tradicionais, viu-se a importância do delineamento da pesquisa com e para eles, pois mesmo com diversas pesquisas realizadas no local, os coautores ainda ressaltam a ausência de registro.

No percurso foi visto, principalmente no momento em que enfatizam a necessidade de os jovens o fazerem, que, para a melhor percepção da efetividade da pesquisa por parte deles, vê-se a necessidade de realizá-las, colocando-os como coautores e realizadores de todas as etapas do registro, para além dos registros acadêmicos, como monografias, dissertações, teses e artigos.

Para isso, a autora viu a possibilidade do uso das cartografias como ferramentas em campo, em oficinas que objetivam a construção dos registros com a participação dos moradores da comunidade. Para a restauração da casa, conversou-se com engenheiros, que se disponibilizaram a analisar e a participar do processo de reforma. Desta forma, nota-se também as perspectivas futuras da autora em relação a essa pesquisa.

2. Propõe-se ainda como possibilidade de uma pesquisa na comunidade, a análise do afastamento dos jovens em relação ao quilombo e suas práticas (no processo de farinha, onde havia poucos, e, principalmente, na cerâmica e no roçado), buscando entender sua perspectiva e motivações.

Durante a pesquisa, foi possível notar o distanciamento das práticas pelos jovens, assim como foi relatada a preferência em dizer que moram em um dos municípios próximos, ao invés de afirmarem que são quilombolas do Grilo. A análise é complexa, envolvendo fatores como as questões que dificultam o reconhecimento e a identificação com o quilombo, devido ao fato de este acarretar em situações de

racismo e preconceito, chegando a práticas de violência psicológica e/ou física; há uma ambiguidade entre a possibilidade de descontinuação de práticas do Quilombo do Grilo e a retenção dos jovens ao trabalho intrínseco ao Grilo, o que afeta diretamente os estudos e o alcance dos novos trabalhos fora da comunidade; há também o contexto dos jovens que buscam estudos superiores e inserir-se no mercado de trabalho e se deparam com as dificuldades do mercado de trabalho para a comunidade negra. São questões que precisam das visões de mundo dos jovens, para que possamos compreender melhor a complexidade da questão como um todo; por isso, propõe-se a realização de uma pesquisa para o entendimento da questão, que afeta diversas gerações do Quilombo do Grilo e a perpetuação de sua história e saberes.

3. Para o design em território, propõe-se uma atuação participativa que respeite o tempo e a individualidade dos coautores. Vê-los para além da coautoria, mas como humanos, possibilita uma melhor aproximação e confiança; entender sentimentos e necessidades foi primordial para a construção do plano comum. Para além de um processo de autoria coletivo, vê-se como primordial entender se eles querem, precisam e estão à vontade com a realização da pesquisa, e, mesmo se as respostas forem afirmativas, devem ser mantidas em aberto durante todo o percurso da pesquisa.

Em alguns momentos, nesta pesquisa, ocorreram algumas situações com atravessamentos de questões pessoais e delicadas, que não foram retratadas neste trabalho, pois vai além das barreiras da preservação da identidade e informações pessoais dos coautores. Estas questões são passíveis de aprofundamento, pois assuntos delicados e que atravessam a privacidade dos coautores chegam até os designers e impactam o percurso, assim como a forma de lida dos designer com os coautores.

Vê-se como fundamental buscar reflexões sobre questões como: Quais os limites da tradução das vivências do campo para a pesquisa? Como o designer, em práticas colaborativas, deve se portar em situações que permeiam a privacidade dos coautores? Complementa-se ainda com a reflexão de que a atuação do Design não deve envolver mudanças nos processos de comunidades e/ou grupos, como no caso apresentado, em que a 'expertise' e as formas de trabalho já contemplam as necessidades dos atores sociais. Portanto, considera-se a reflexão também para as

possibilidades de atuação do Design para refletir e valorizar as práticas, sem a necessidade de alterações nos processos já existentes.

4. Para a academia, propõe-se trazer a possibilidade da horizontalidade para além do campo, buscando refletir sobre raça, gênero e classe e contribuir com a luta contra os reflexos da colonialidade. Entender que, para a atuação com abordagem qualitativa em territórios que envolvam pessoas, torna-se fundamental que eles sejam coautores da pesquisa e, de fato, se sintam representados, o que possibilita que a pesquisa tenha resultados significativos para eles e não só para pessoas da academia e/ou público externo.

O percurso de pesquisas está diretamente ligado a questões estruturais muitas vezes reforçadas no âmbito acadêmico. Por isso, considera-se importante que as atuações no campo do Design continuem a abordar e a se aprofundar nas metodologias participativas e nas construções de afeto durante pesquisas com viés qualitativo e participativo.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016. 264 p.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 64 p.
- ALMEIDA, Silvio Luiz. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- AMARAL, Elane Cristina do. **Subindo a serra, descendo a história**: memória e identidade cultural na comunidade remanescente de Quilombo Grilo-PB(1930-2010). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.Campina Grande, 2011.131 p.
- ANASTASSAKIS, Zoe; SZANIECKI, Bárbara. Conversation Dispositifs: towards a transdisciplinary design anthropological approach. In: SMITH et al (orgs.). **Design Anthropological Futures**: exploring emergence, intervention and formation. 1ed London, New York: Bloomsbury, 2016, v.1, p. 21-138.
- BARROS, Rejane da Silva. **Tradição e modernidade**: os moradores da comunidade do Grilo como protagonista social. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.
- BARROS, Maria Elizabeth Barros de; SILVA, Fábio Hebert. Pista da Atividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana. **Pistas do método da Cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- BASTONE, Petra. Raça e representação no pensamento de Bell Hooks. **Revista de Filosofia Kalagatos**. V. 19, N. 1, 2022. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/8320/6922>>
- BERNARDINO-COSTA, Joaze. Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. **Soc. estado.**, Brasília , v. 33, n. 1, 2018 . P. 117-135.
- BISTAGNINO, Luigi. **Design sistêmico**: Progettare la sostenibilità produttiva e ambientale. Bra, Slow Food, 2011. 310 p.
- BISTAGNINO, Luigi. **Design Sistêmico: uma abordagem interdisciplinar para a inovação**. In: Moraes, Dijon; Krucken, Lia. Caderno de Estudos Avançados em Design: Sustentabilidade II. Barbacena, MG: EdUEMG, 2009. p. 13-30.
- BORGES, Adélia. **Design + Artesanato**: o caminho brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, pág. 160. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 25 de mai de 2020.

BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 de novembro de 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012. Brasília, **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, 21 de novembro de 2012, Seção 1, p. 26.

CARDOSO, Rafael. **Design para um Mundo Complexo**, Cosac Naify. São Paulo: 2012.

CUNHA, Edgar Teodoro da. A intermitência das imagens: exercício para uma possível memória visual Bororo. In: BARBOSA, Andréa [et al]. **A experiência da imagem na etnografia**. Terceiro Nome. São Paulo: 2016.

ELLO-RODGE, Reni. **Por que não converso mais com pessoas brancas sobre raça**. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2019. 214p. (Ebook)

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño**. La realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016. 281p.

FARBIARZ, Jackeline; RIPPER, José Luiz. Design em Parceria: visitando a metodologia sob a perspectiva do Laboratório de Investigação em Living Design da PUC-Rio. In: Luiz Antonio L. Coelho; Denise Westin. (Org.). **Estudo e Prática em Metodologia em Design nos cursos de pós-graduação**. Teresópolis: Novas Ideias, 2011. p.186-213.

FRANÇA, Rodrigo; ALEM, Thais; PÊGO, Kátia. A aplicação da abordagem sistêmica no âmbito de um empreendimento existente, por meio do workshop 'Design Sistêmico Loading... A construção de um modelo econômico-produtivo sustentável. In: **Mix Sustentável**, v. 5, n. 5. Florianópolis. 2019. P. 95-108.

GUERRIERO, Iara Coelho Zito; MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio de revisar aspectos éticos das pesquisas em ciências sociais e humanas: a necessidade de diretrizes específicas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. 2013.

GUZMÁN, Zita Caroline González. **Correspondências para um design autônomo Tzeltal**: práticas num laboratório de design para criadoras de tecidos em Chiapas. Dissertação (Mestrado em Design), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

HOOKE, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p.

INGOLD, Tim. On human Correspondence. **Journal of the Royal Anthropological Institute**. 23 (1), 9-27. 2016.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. São Paulo: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. **Making**: Anthropology, archaeology, art and architecture. London, New York: Routledge, 2013.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal**: Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 263- 280, 2013.

KRUCKEN, Lia. **Design e Território**: valorização de identidades e produtos locais. 1ª Ed. São Paulo: Studio Nobel. 2009. 126 p.

LIMA, Guilherme Amsterdam Correia; AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta de. Paisagem, Territorialidade e Práticas Culturais no Quilombo Grilo – PB. In: **Revista GeoSertões**. Unageo/CFP-UFCG. vol. 2, n. 4. Campina Grande – PB, 2017. P. 74-100.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la decolonialidade del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica mas allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007. P. 127-167.

MANZINI, Ezio. **Design quando todos fazem design**: uma introdução ao design para inovação social. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

MARACAJÁ, Maria Salomé Lopes; RODRIGUES, Maria de Fátima Ferreira. Comunidade quilombola Grilo, Paraíba: Narrativa sobre a construção do território e da territorialidade. In: **Cadernos Imbondeiro**. Vol. 4, n.1. João Pessoa, 2015. P. 58-69.

MARACAJÁ, Maria Salomé Lopes; RODRIGUES, Maria de Fátima Ferreira. Territorialidade e identidade da comunidade quilombola Grilo - Paraíba - Brasil: marco legal e resistência camponesa. In: **Anais do XV Encuentro de Geógrafos de América Latina**. 2015. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/39.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2020.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MORAES, Dijon de. **Análise do design brasileiro**: entre mímese e mestiçagem. Editora: Edgard Blucher, 2006.

NORONHA, Raquel; CAMPOS, Alice; CAMARA, Larissa. Cartografando intercâmbios de saberes com grupos artesanais da Baixada Maranhense e Alcântara. In: **Anais do 13o Congresso Pesquisa e Desenvolvimento em Design (2018)**. São Paulo: Blucher, 2018. P. 1525-1538

NORONHA, Raquel. O designer orgânico: reflexões sobre a produção do conhecimento entre designers e louceiras em Itamatatiua – MA. In: **Ecovisões projetuais**: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil. São Paulo: Blucher, 2017. P. 277 -294.

NORONHA, Raquel. Do centro ao meio: um novo lugar para o designer. São Luís: **Anais do P&D**, 2012.

OLIVEIRA, Mariana Santana de. **A identidade da atividade artesanal e sua relação com a produção em couro da cooperativa Arteza**. Dissertação (Mestrado em Design), Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana. **Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervação e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana. **Pistas do método da Cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

PATROCÍNIO, G. Design e Desenvolvimento: 40 anos depois. In: PATROCÍNIO, G. **Design e os países em desenvolvimento: a dialética entre o design para a necessidade e o design para o desenvolvimento**. São Paulo: Blucher, 2015. P. 55-75.

PÊGO, Kátia.; OLIVEIRA, Paulo. Design Sistêmico: relações entre território, cultura e ambiente no âmbito da Estrada Real. In: **Strategic Design Research Journal**, Rio Grande do Sul, 2014. P. 101-109.

PINK, Sarah. **Doing visual ethnography**. Images, media and representation in research, Sage. London: 2013.

PORTELA, Raiama. **Correspondências por meio de ferramentas de design: artesanato e empoderamento (ou aprisionamento?)**. Dissertação (Mestrado em Design), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

POZZANA, Laura. Pista da Formação. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana. **Pistas do método da Cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, 2005. P. 117-142.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 136p.

ROCHA, Marisa Lopes da e AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicol. cienc. prof. [online]**. Vol.23, n.4, pp, 2003.

SADE, Christian; FERRAZ, Gustavo; ROCHA, Jerusa. Pista da Confiança. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana. **Pistas do método da Cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

SANTOS, Aguinaldo dos. (org). **Seleção do Método de Pesquisa: guia para pós-graduandos em design e áreas afins**. Curitiba: Insight, 2018. 230p.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significados**. INCTI-UNB: Brasília, 2015. 148 p.

SANTOS, Karine; RIBEIRO, Mara; QUEIROGA, Danlyne; SILVA, Ivisson; FERREIRA, Sonia. O uso de triangulação múltipla como estratégia de validação em um estudo qualitativo. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/kvr3D7Q3vsYjrFGLNprpttS/?lang=pt>>

SANTOS, Walísson Adalberto dos. **Dos saberes imateriais à concepção dos artefatos**: uma etnografia do design vernacular em um quilombo da Paraíba. Dissertação (Mestrado em Design), Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020.

SILVA, Julia Teles da; FARBIARZ, Jackeline Lima. **A pesquisa experimental para o desenvolvimento de técnicas em harmonia com o meio ambiente físico e social**. Rio de Janeiro, 2015. 184p. Tese de doutorado. Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SOUSA, Ferdinan Silva. **Mediando Processos de Design**: uma análise do uso de ferramentas em campo. Monografia (Graduação em Design), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

SPINUZZI, Clay. **The methodology of participatory design**. Society for Technical Communication, 2005. P. 163-174.

SZANIECKI, Barbara. Design-antropofagia:só me interessa o que não é meu. **Poiésis**, Niterói, v. 20, n. 33. 2019. P. 183-200

ZAPPELINI, M. B.; FEUERSCHÜTTE, S. G.. O USO DA TRIANGULAÇÃO NA PESQUISA CIENTÍFICA BRASILEIRA EM ADMINISTRAÇÃO. **Administração: Ensino E Pesquisa**, 2015, 16(2). P. 241-273.

WERTSCH, J. V.; SMOLKA, A. L. B. Continuando o diálogo: Vygotsky, Bakhtin e Lotman. In Daniels, H. (Org.). **Vygotsky em foco**: pressupostos e desdobramentos. Campinas: Papirus. 1995. p. 50-121.

APÊNDICE I - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
Centro de Ciências e Tecnologia
Unidade Acadêmica de Design
Programa de Pós-Graduação em Design
Mestrado em Design



AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Eu, Prof. Dr. Itamar Ferreira da Silva, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande, tendo lido e estando de acordo com a metodologia proposta, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada APREENSÃO DE SABERES POR MEIO DE FERRAMENTAS DE DESIGN: percurso cartográfico para registro da história, cultura e saberes do Quilombo Grilo que será realizada pela pesquisadora coordenadora Profa. Dra Julia Teles da Silva e orientanda Alice Campos Silva.

Destaco que é de responsabilidade do pesquisador a realização de todo e qualquer procedimento metodológico, bem como o cumprimento da Resolução 466/12, sendo necessário, após o término da pesquisa, o encaminhamento de uma cópia para a instituição.

Campina Grande, 4 de outubro de 2021.

Prof. Dr. Itamar Ferreira da Silva
Coordenador da Pós-Graduação em Design
CCT/UFCG

APÊNDICE II - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COMUNIDADE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
Centro de Ciências e Tecnologia
Unidade Acadêmica de Design
Programa de Pós-Graduação em Design
Mestrado em Design

**AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO**

Eu, EDUARDO GRACILIANO TENÓRIO, representante da Comunidade Quilombola Grilo, tendo lido e estando de acordo com a metodologia proposta, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada APREENSÃO DE SABERES POR MEIO DE FERRAMENTAS DE DESIGN: percurso cartográfico para registro da história, cultura e saberes do Quilombo Grilo que será realizada pela pesquisadora coordenadora Profa. Dra Julia Teles da Silva e orientanda Alice Campos Silva.

Destaco que é de responsabilidade do pesquisador a realização de todo e qualquer procedimento metodológico, bem como o cumprimento da Resolução 466/12, sendo necessário, após o término da pesquisa, o encaminhamento de uma cópia para a instituição.

Campina Grande, 28 de outubro de 2021.

Eduardo Graciliano Tenório
Representante da Comunidade Quilombola Grilo

APÊNDICE III - TERMO DE COMPROMISSO DOS PESQUISADORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
 Centro de Ciências e Tecnologia
 Unidade Acadêmica de Design
 Programa de Pós-Graduação em Design
 Mestrado em Design



TERMO DE COMPROMISSO DO(S) PESQUISADOR(ES)

Por este termo de responsabilidade, nós abaixo-assinados, Julia Teles da Silva e Alice Campos Silva respectivamente, da pesquisa intitulada “APREENSÃO DE SABERES POR MEIO DE FERRAMENTAS DE DESIGN: percurso cartográfico para registro da história, cultura e saberes do Quilombo Grilo”, assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde/ MS e suas Complementares, homologada nos termos do Decreto de delegação de competências de 12 de novembro de 1991, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

Reafirmamos, outros sim, nossa responsabilidade indelegável e intransferível, mantendo em arquivo todas as informações inerentes a presente pesquisa, respeitando a confidencialidade e sigilo das fichas correspondentes a cada sujeito incluído na pesquisa, por um período de 5 (cinco) anos após o término desta.

Apresentaremos sempre que solicitado pelas instâncias envolvidas no presente estudo, relatório sobre o andamento da mesma, assumindo o compromisso de:

- Preservar a privacidade dos participantes da pesquisa cujos dados serão coletados;
- Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto em questão;
- Assegurar que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;
- Assegurar que as informações somente serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o sujeito da pesquisa;
- Assegurar que os resultados da pesquisa serão encaminhados para a publicação, com os devidos créditos aos autores.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
Centro de Ciências e Tecnologia
Unidade Acadêmica de Design
Programa de Pós-Graduação em Design
Mestrado em Design



Em cumprimento às normas regulamentadoras, declaramos que a coleta de dados do referido projeto não foi iniciada e que somente após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, do Hospital Universitário Alcides Carneiro da Universidade Federal de Campina Grande (CEPUFCG), os dados serão coletados.

Campina Grande, 1 de outubro de 2021.

Julia Teles da Silva

Profª Dra. Julia Teles da Silva
Orientadora

Alice Campos Silva

Alice Campos Silva
Orientanda

APÊNDICE IV - APROVAÇÃO PELO CEP

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: APREENSÃO DE SABERES POR MEIO DE FERRAMENTAS DE DESIGN: percurso cartográfico para registro da história, cultura e saberes do Quilombo Grilo

Pesquisador: ALICE CAMPOS SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 52975021.3.0000.5182

Instituição Proponente: Centro de Ciências e Tecnologia

Patrocinador Principal: Capes Coordenação Aperf Pessoal Nível Superior

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.155.930

Apresentação do Projeto:

De acordo com o pesquisador desde o fim do século XX, foi possível observar autores e estudiosos que questionaram a forma de atuação do design e o lugar do profissional em projetos e pesquisas, buscando uma perspectiva mais humanística. Destas reflexões e questionamentos surgiram diversos vieses para o design, dentre eles a atuação do design para a valorização territorial, desprendendo-se da visão capitalista e industrial em que surgiu e valorizando a atividade manual e conhecimentos empíricos. Percebeu-se o design para além da resolução de problemas, mas na perspectiva da mediação de processos, ouvindo e inserindo os atores sociais nos processos e construção dos objetivos. O presente trabalho de mestrado é uma investigação acerca da atuação da designer em comunidades tradicionais, analisando os impactos percebidos pelos atores sociais na atuação da designer mediando um processo de registro da história, cultura e saberes do Quilombo Grilo. Intersecciona-se a áreas do design e antropologia apropriando-se de abordagens qualitativas e da interdisciplinaridade e dinamicidade do design para responder à questão: Quais os impactos da atuação do designer enquanto mediador de processos em comunidades tradicionais quilombolas visando dar voz e registrar a história, cultura e saberes do local? Para isso, utilizar-se-á a cartografia como percurso projetual e da perspectiva do designer como mediador como filosofia de projeto, visando ainda ter uma abordagem decolonial e antirracista. As

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 5.155.930

etapas da pesquisa consistem em uma etapa etnográfica, com observação participativa aliado a uma entrevista semiestruturada, em seguida uso de ferramentas do design participativo aliado ao design sistêmico para trocas e construção dos elementos e informações do registro e, por fim, a análise da pesquisa por meio da triangulação de informações para percepção dos impactos percebidos e da efetividade da atuação da designer visando mediar sem intervir.

Objetivo da Pesquisa:

O pesquisador elenca como objetivos:

Objetivo Primário:

Analisar os impactos e a efetividade na atuação da designer como mediadora de processos em comunidades tradicionais quilombolas, em específico o quilombo Grilo, para construção gráfica da história, cultura e saberes.

Objetivo Secundário:

- Mapear práticas de design que visem a decolonialidade, interação e colaboração como filosofias do percurso de pesquisa;
- Compreender as vivências, experiências, percursos e lutas que compõem a história, cultura, saberes e práticas do quilombo;
- Estruturar imersão em campo com base em ferramentas de design com uso de imagens que busque acionar diálogos e práticas colaborativas entre a pesquisadora e atores sociais com utilização de recursos para registro da história, cultura e saberes do local;
- Analisar como a atuação do designer como mediador de processos é realizada e percebida pelos atores sociais
- Identificar o impacto da atuação do designer no território para construção do registro da história, cultura e saberes pela perspectiva dos atores sociais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador elenca como riscos e benefícios:

Riscos:

De acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, toda pesquisa que envolve seres humanos de forma direta ou indireta pode apresentar riscos imediatos ou tardios aos

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 5.155.930

voluntários. No caso desta pesquisa, os riscos aos quais os atores sociais podem estar expostos tangem a exposição ou constrangimento no momento da imersão em campo. Os atores sociais podem sentir-se intimidados ou constrangidos no momento da interação com a designer. Para minimizar este risco, considera-se a abordagem de metodologias que permitem a adaptação conforme necessidades e realidades dos atores sociais. Ainda reitera-se que os mesmos podem desistir da participação do percurso da pesquisa em qualquer momento sem quaisquer danos ou prejuízos. Devido ainda à pesquisa seguir metodologias que adaptam-se ao contexto dos cocriadores, abordando seu habitat natural e práticas cotidianas, consideram-se ínfimas as possibilidades de danos, lesões ou riscos corporais ou que envolvam a saúde dos mesmos. Mesmo que a possibilidade de qualquer risco seja mínima, caso ocorra algum dano não previsível decorrente da pesquisa, a pesquisadora se compromete a dar suporte aos atores sociais para sanar o dano ocorrido. Considera-se ainda possíveis riscos relativos ao vírus da COVID-19 durante a pesquisa em campo. Mesmo sendo considerado um risco não tão grande devido à vacinação, baixa na taxa de transmissão do vírus e constantes melhorias relativas à pandemia, serão consideradas algumas medidas para que possa minimizar ainda mais este risco. Para isso, serão seguidos os protocolos e recomendações da OMS (Organização Mundial de Saúde), como uso de máscaras, álcool em gel, evitar aglomerações de pessoas e distanciamento entre os participantes da pesquisa. Reitera-se ainda a realização da atividade em campo extenso e aberto, com grande circulação de ar e o compromisso da pesquisadora de manter os cuidados não somente durante a pesquisa de campo, mas também em sua vida pessoal. Por fim, enfatiza-se o compromisso da pesquisadora em arcar com todo e qualquer dano decorrente da pesquisa, assim como a possibilidade de desistência dos atores sociais de participarem da pesquisa em qualquer momento sem gerar qualquer prejuízo ao mesmo.

Benefícios:

Espera-se que a pesquisa contribua para reflexões e desenvolvimentos de pesquisas e projetos na área do Design, Metodologias participativas e decoloniais e Comunidades Tradicionais Quilombolas. Espera-se ainda que esse estudo favoreça a disseminação dos saberes e valores dos atores sociais e o conhecimento e reconhecimento da história, cultura e saberes do Quilombo Grilo, tanto do ponto de vista interno, pelos próprios moradores da comunidade, quanto do ponto de vista externo, por visitantes, turistas e público em geral que possa ter acesso à pesquisa e à representação gráfica de seu percurso.

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 5.155.930

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa denota relevância científica e social por buscar subsidiar debates e reflexões sobre a atuação do design enquanto potencial multidisciplinar, dinâmico e social visando sua possibilidade de atuação em comunidades tradicionais quilombolas abordando perspectivas e metodologias decoloniais que visem o reconhecimento e valorização das comunidades e dos habitantes

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram anexados ao sistema::

- Folha de rosto
- Projeto completo
- Termo de compromisso dos pesquisadores
- Termo de consentimento livre e esclarecido
- Cronograma
- Orçamento
- Instrumentos de coleta de dados
- Termo de Anuência Institucional
- Termo de autorização de uso de imagem e depoimento

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existem inadequações éticas para o início da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1837636.pdf	23/11/2021 16:06:32		Aceito
Outros	ENTREVISTA_SEMI_ESTRUTURADA.pdf	23/11/2021 16:03:56	ALICE CAMPOS SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_CEP_ALICE.pdf	23/11/2021 16:03:41	ALICE CAMPOS SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ATORES_SOCIAIS.pdf	30/10/2021 17:26:54	ALICE CAMPOS SILVA	Aceito

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 5.155.930

Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTORIZACAO_DA_INSTITUICAO_CO MUNIDADE.pdf	30/10/2021 16:51:56	ALICE CAMPOS SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_ALICE.pdf	05/10/2021 11:23:14	ALICE CAMPOS SILVA	Aceito
Outros	ENTREVISTA_SEMI_ESTRUTURADA_ANALISE.pdf	04/10/2021 17:14:24	ALICE CAMPOS SILVA	Aceito
Outros	ENTREVISTA_SEMI_ESTRUTURADA_GRUPO.pdf	04/10/2021 17:14:12	ALICE CAMPOS SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_AUTORIZACAO_IMAGEM_E_DEPOIMENTOS.pdf	04/10/2021 17:11:49	ALICE CAMPOS SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DOS_PESQUISADORES.pdf	04/10/2021 17:09:40	ALICE CAMPOS SILVA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTORIZACAO_DA_INSTITUICAO.pdf	04/10/2021 17:08:58	ALICE CAMPOS SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 09 de Dezembro de 2021

Assinado por:
Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

APÊNDICE V - CATEGORIZAÇÃO DOS DISCURSOS

CATEGORIZAÇÃO DOS DISCURSOS	
ROÇADO	<p>Dona Paquinha: Se eu pudesse, eu vivia do roçado. Dá pra comer e ainda ganhar um trocado, mas é muito pouco, ainda tem as chuvas, não tá tendo, ai tá dando quase nada. Hoje tá assim, viu? Do jeito que tá não dá pra plantar nada. A gente bota um hectare de roçado, pelo mesmo <i>(inaudível)</i>, o quilo. Pior que eu nunca deixo de plantar, nunca. E esse ano... não deu de ser, só tem o milho. Tive que comprar tudo. Aí hoje eu fui a tarde todinha, seu <i>(nome incompreensível)</i> pediu pra levar, eu digo “leva, leva, leva, esses bujão” ele levou.</p> <p>Alice “É... E quem mais vai pro roçado daqui é o senhor, Dona Paquinha e dona Lourdes, né? E o pessoal daqui, seus filhos... Não vi o povo descendo muito não...”</p> <p>Seu Elias “É... Eduardo às vezes vai também, um irmão meu... Mas tem uns que também não liga, né? Mas daqui mesmo, dessa região, só tem eu, cumade Paquinha e cumade Lourdes, mesmo que vai...”</p> <p>Alice “A fazenda é como se fosse a área comum de plantação? Pra todo mundo cuidar? Aí cada um tem seu setor e a fazenda é de todo mundo?”</p> <p>Elias “Não, a fazenda é de todo mundo, é o... todo território aqui, por enquanto, é de todos.”</p> <p>Alice “E na hora de plantar? Cada um tem seu roçado?”</p> <p>Elias “Aí na hora de plantar ele vai pro roçado dele, eu vou separar o meu, cada um separa o seu, mas ali não tem... ninguém é dono daquilo ali, sabe?”</p> <p>Alice: “Sim...”</p>

	<p>Elias: “Aí no ano que vem se o outro quiser plantar... Por exemplo, eu boto meu roçado aqui, vamos supor que aqui é meu roçado, aí eu botei assim, olha... se uma outra pessoa quiser botar aqui, para o ano que vem, bota. Não tem... Como diz, a terra não tem dono. Por enquanto não tem dono.</p> <p>Dona Paquinha: Eu mesma tô achando bom, se o inverno esse ano for grande, o inverno tá sendo bom, a barreira tá cheia d’água...</p> <p>Alice: E vocês têm costume de plantar o que por aqui?</p> <p>Dona Paquinha: Jerimum, quiabo, coentro, maxixe, chuchuzinho, é... cabaço, jiló, tudo eu planto. Ainda tem mais ainda, tem outro que eu plantei agora, é, que eu plantei a primeira semente, cenoura, salsinha.</p> <p>Alice: Todo mundo planta as mesmas coisas?</p> <p>Dona Paquinha: Não. Esses quem planta mais aqui é eu.</p> <p>Seu Elias: Eu fico mais no setor de feijão, milho, fava, essas coisas assim. Eu não tenho muita coisa pra horta não, porque justamente...</p> <p>Dona Paquinha: É muito trabalho.</p> <p>Seu Elias: Não é muito trabalho, é por causa da água.</p> <p>Dona Paquinha: E a água... Não adianta sem água não.</p> <p>Alice: É verdade. Mas aqui vocês plantam a mandioca também, né?</p> <p>Seu Elias: É! A mandioca</p> <p>Dona Paquinha: Sim, a mandioca vou começar o plantio próxima semana se Deus quiser.</p>
ROÇADO COMO TRABALHO	<p>Seu Elias: É, é só que assim, nenhuma pessoa de fora da comunidade não pode, que tá fora da comunidade, que não tá dentro do quilombo, eles não podem botar pra trabalhar lá, sabe?</p> <p>Alice: Vocês não podem botar ninguém de fora pra trabalhar aqui no roçado?</p> <p>Seu Elias: Não, não pode não. Eles faziam antes de ser desapropriado, porque ainda tava no comando do proprietário.</p> <p>Alice: Aí antes vocês trabalhavam aqui?</p> <p>Seu Elias: É, a gente trabalhava lá, a gente também trabalhava e tinha muito esses que estão, que eram bem uns quinze na época, né?</p>

Dona Paquinha: É, é.

Seu Elias: Esses foram, como eu disse a você, que o INCRA tirou, né? Que foi desapropriado. Falou que ele não podia ficar no meio do Quilombo, entendeu como é? Mas a gente antes já trabalhava e ele também trabalhava, mas só que depois que foi desapropriada e só a gente podia ficar porque era do Grilo. Justamente as terras do quilombo.

Alice: Então o roçado no início era trabalho na terra ainda considerada de outros proprietários?

Seu Elias: É...Hoje ele não é de permissão ir no roçado pra trabalhar não.

Dona Paquinha: E era difícil para poder pegar um roçado, viu? Porque era chegar lá e marcar não, era difícil demais. Era todo mundo doido, correndo atrás de roçado.

(Todos falando juntos - áudio inaudível)

Seu Elias: Eu como sou atrevido, fui lá procurar saber com o cara (risos) É umas conversas que teve aí, que o cara disse que ia pra lá, porque a gente ia ter que pagar, eu digo, eu vou lá saber, disseram que o (áudio inaudível) ia mandar me matar, eu digo eu vou lá saber é agora. Aí eu fui lá e 'nada, rapaz, que é isso', não sei o que, é, mas você disse (áudio inaudível)

Dona Paquinha: É...

Dona Lourdes: Aquele não mata ninguém, coitado. Mata nem ele, que já tá morto.

Dona Paquinha: E quando a gente ia atrás de roçado, tinha não, tinha pra gente não. Era muito difícil de a gente ter roçado, porque o povo pegava, né? Os outros pegaram os roçados tudinho bom e a gente ficava sem. A gente nunca trabalhou em roçado de campo, que é grande o campo, que era pra trabalhar e ia apagar o fogo e aí a gente corria logo para pagar o fogo e ia na frente pra poder pegar o roçado.

Seu Elias: E aqueles cara, eles tinham, aquela pessoa, tu sabe o jeito como é, né? Não vou dizer assim, mas tu sabe que o rico ele não vai se apropriar com o caba do jeito de nós. Ele vai procurar gente da altura dele, do tamanho dele. Aí que ele fazia, ele tinha aqueles camaradas, que eles tinham um pedacinho de terra, um boi, tinha uma coisa, eles pegavam o pedaço melhor e dava para eles, e a gente...

Alice: Os que tiveram todo o trabalho, tinha que lutar e ficava só com a área ruim.

Dona Paquinha: Era! Era. E a gente ainda ficava doido de contente.

Seu Elias: Eu era pequenininho assim, pai me levava pra ajudar.

Dona Paquinha: Era pedra demais, era muita pedra, era.

Seu Elias: Eu juntava as pedras com pai pra poder, pra arrumar um dinheirinho a mais, porque os terreiros que ele trabalhava não dava pra pagar tudo. Tinha mais um, eu só fazia com meu pai. Ele não fazia com os outros nenhum, porque os outros, ele mesmo dizia, 'Manoel, dos morador que eu tenho aqui, o que mais eu tenho ascensão é você', porque aí era um caba direito, não gostava fazer, pegar no pé dos outros e de mexer e nem a gente mesmo tinha direito a chegar perto de uma coisa dele, ave maria do céu, pai avisava logo, quando ele chegou ali, naquele sítio que tu foi mais a gente lá, tinha banana, coco, de tudo tinha ali, aí a gente, eu que trabalhava mais ele. Paquinha não, porque se Paquinha já era nascida, ainda era pequena.

Dona Paquinha: Não alcancei não.

Seu Elias: Aí ele chegava assim, banana madura, cada cacho de banana madura, porque era muita. Madura assim, sabe, aí comendo as bananas lá e pai dizia 'tá vendo aqui, olha', ele levava a gente lá pra mostrar, 'tá vendo aí, olha, quando você passar aqui, vocês fecham o olho, faço que não tão vendo nada, porque se mexer'

Dona Paquinha: E a fome? E a fome que era grande? A fome era grande, ainda alcancei a fome ainda.

Seu Elias: Mas se mexesse, levava uma pisa.

Alice: Era plantaço do trabalho de vocês, aí olhava e não podia mexer?

Seu Elias: Era. Porque se não levava uma pisa, que ele dava uma pisa e se o homem soubesse lá, pronto... Um caso triste!

Dona Paquinha: A fome era grande. A fome eu ainda alcancei ainda. Não era fome grande de não comer, mas era partir um tiquinho pra mais de dez.

Seu Elias: Essa história dessa fazenda ser desapropriada pra Comunidade do Grilo, hoje, pra gente foi um, não vamos falar que não vale tanta coisa assim, mas pra gente foi uma história como um enriquecimento, posso dizer assim. Um enriquecimento, porque pela situação que a gente passava aqui. Tá aí ela, que é a mais velha, sabe de tudo que a gente passou aí...

Dona Lourdes: Pai trabalhava cinco dias, quatro, só tinha a sexta e o sábado pra trabalhar. Aí quando foi na época que mãe

Seu Elias: Tu não te lembra quando, tu tá deixando coisa pra trás... Eu ainda me lembro que no sábado,

ele não trabalhava no sábado e no domingo, mas no sábado ele ainda tinha que ir buscar a feira dele em Serra Redonda.

Dona Lourdes: É. Em Serra Redonda.

(áudio inaudível)

Seu Elias: Depois que ele chegava da feira, já meio dia e pouca, era que ele ia juntar as coisas, pra trabalhar no roçado.

Alice: E ele recebia pagamento por esse trabalho?

Dona Paquinha: Era quase... nada, né?

Dona Lourdes: Plantar roça na terra dos outros, a sorte é que, Deus proteja, Manoel Bastos, tinha terra pra plantar, cadê que ele dava pra plantar roça. Trabalhava na terra dos outros e morava na terra dele pra ser cativo.

Dona Paquinha: Eu ainda me lembro ainda, os meninos tudo, cinco anos, seis anos, sete a oito anos, era dormindo tudo na palha de coco, com a tristeza, uma fome de cão.

Seu Elias: Ele não podia, nem ele e nenhum morador. Se aparecer uma, como eu disse, tinha aqueles vizinhos que tinha uma terrinha, entendeu, que tinha um, não trabalhava a lado dele, mas tinha, era amigo, era compadre dele, se a pessoa fosse precisar, se, por exemplo, um camarada daquele chamasse um morador para trabalhar, para pagar um dia mais aí, tinha que consultar com ele primeiro pra poder ir. Se ele disse vai, aí vai, mas se ele dissesse não vai... Era tipo escravo, era escravo. Mas o cara chegasse a ele, compadre dele, né? “Compade, me dá um trabalhador? Pra mim, hoje fazer lá meu roçado, que eu tô apertado lá pra fazer tudinho”, aí se ele dissesse vai, vai. Aí o trabalhador tinha que ir, mas se ele dissesse não, não.

Alice: Praticamente trabalho escravo...

Seu Elias: É! Fazia tudo que ele quisesse.

Dona Lourdes: Ser governado pelos outros é...

Seu Elias: Tem o pior da história ainda. Tem o meu irmão mais velho, era Vitorino, ele chegou um tempo, tava com 16 anos na época, aí ele chegou disse ‘Mané’, chegou lá onde estavam conversando, estavam o morador conversando, disse ‘Mané, aquele tem um menino já trabalha, né? Já tá bom de trabalhar, tá bom de tu botar ele para trabalhar. Traz ele para trabalhar mais vocês aqui que eu que eu pago o mesmo valor que eu pago a vocês, pago a ele’, aí ele ficou um tempo, até que pai disse ‘tá, seu Américo, eu posso trabalhar até os sete dias se o senhor quiser, agora

	<p>meu filho com dezesseis anos, vou botar para trabalhar, não', ah, aí ele pegou um ar. Foi. Pegou um ar. 'Ah, não pode criar assim não' 'Não tô criando assim não, eu não quero que ele trabalhe, que ele faça o que eu estou fazendo com o senhor, porque ele não tem obrigação, eu tenho obrigação, mas ele não'. Aí ele não gostou não. Gostou de jeito nenhum porque pai disse isso na cara dele, ele não gostou nao, porque pra ele era como se fosse um desfazimento dele, um...</p> <p>¶ Foi percebido certo desconforto de paquinha no assunto. Ela é quem mais tem traumas com pessoas brancas, principalmente quando criança. Dona Paquinha: Mas só que naquela época, os invernos era bom demais. Era muita chuva ali naquela grota que eu tava hoje, ali dava muito, tudo que você plantava dava de muito, ninguém botava muito, podia botar muito roçado não que a casa enchia. Hoje não, hoje é diferente por causa da chuva, né?</p>
PLANTAÇÃO DE ALGODÃO	<p>Seu Elias: Ai a gente põe assim, por exemplo, seis carreiras. Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, aí mudamos. Aí aqui botava... uma, duas de milho. Uma, duas de feijão. Aí daqui pra frente começava sempre ir mudando. Aquela mudança é pra o inseto que vir, não prejudicar o algodão. Aí vem, fica inseto também no feijão e no milho, mas também não pode aguar nem o milho nem o feijão”</p> <p>Alice: Aí perde? O feijão e o milho?</p> <p>Seu Elias: Não, não perde não porque também não mata tudo não. Dá uma lagartinha, uma coisa, mas não come tudo não. É só pra proteger o algodão, porque o algodão que a lagarta vai querer, o inseto, qualquer tipo de inseto, vai querer prejudicar o algodão. Que tem um bicho chamado bicudo, que ele fura o... ainda bem que não tem mais, acabou aqui, né? Mas é o medo de por exemplo o bicudo atacar e atacar o algodão. Aí eles vem e ficam por exemplo naquela planta, no gergelim, o</p>

	<p>feijão e o milho. Ele planta como eu disse a tu, seis carreiras de algodão, duas de milho, duas de feijão. Mas ao redor do algodão todinho, assim duas braças do contorno, até chegar na lavoura, é plantado de gergelim. Porque o inseto vem, fica no gergelim e não passa pras outras plantas. É um negócio impressionante... mas o povo não tá querendo plantar porque dá trabalho...</p>
<p>ROÇADO COMO FONTE DE RENDA</p>	<p>Alice: Como funciona esse serviço? Vocês marcam ou eles vem até aqui em dia certo já?</p> <p>Dona Paquinha: Como eu digo... Tem uma que passa hoje, se você tivesse hoje, tava com um dinheiro. o negócio é que a gente não tem...</p> <p>Tem uns meninos daqui, que é lá do Ligeiro, que é da casa de... dos meninos dali, que ficam no meio da feira, não é aquela feira pra lá não, é pra cá, descendo aqueles sacos, tudo é garantido.</p> <p>Alice: “Eita...E quando planta, vocês fazem o que com esse algodão?”</p> <p>Elias: “Vende... Eles compram a três reais e cinquenta (R\$3,50) o quilo, mas só a pluma, sabe? A pluma é o que? Só a lã. Eles vão e levam o algodão, eles apanham... Eles têm um privilégio danado, que pegam o algodão, a gente tem que limpar o algodão bem limpinho, porque a massa não pode ter nem um tipo de cisco, porque só o pelo, só a pluma. Aí tem que cuidar bastante, porque o mato quando ele cresce, ele flora, aí sobre aquele pelo, sabe? E não pode não, tem que ser a lã mesmo.”</p> <p>Alice: “Mas é um trabalho grande mesmo... Quem que compra? Tem alguém específico?”</p>

Elias: “É.. tem um pessoal que vem, trouxeram pra gente plantar, o Padre Luis...”

Alice: “E quem vende? Vocês mesmo? Ou tem alguém que faz essa intermediação aqui?”

Elias: “A gente vende pra ele já. Já vende pra ele. Ele traz a semente, a gente planta, aí ele leva daquele jeito que eu falei e ele mesmo já compra. Compra comigo o algodão a três reais e cinquenta e o caroço, como chama, eles compram a dois e cinquenta (R\$2,50), não, a dois reais. Aí no caso dá, mas aí já compra ele separado, não compra... Por exemplo, a gente não compra o algodão, porque o algodão tem aquele semente, né? Aquele caroço, não tem? O algodão? Aí eles não compram com aquilo, eles compram a pluma e leva pra lá uma máquina onde já tem um... Tem uma fábrica aqui, num lugar chamado Cachoeira perto de... no rumo dos Estados, e ele leva pra lá, os daqui, né? Porque junta com tudo, do pessoal todinho daqui e leva pra lá. Aí descarrega aqui o algodão, tira o caroço, e pesa a pluma, a famosa lã e o caroço separa. Se a pessoa quiser vender o caroço também, eles compram, a dois reais o quilo, mas eles pagam só a pluma, a três reais e cinquenta. Dá pra fazer um dinheirinho, mas só que assim, dá muito trabalho”

Dona Paquinha: Olha, eu planto pouco, porque eu não tenho uma bomba ainda, lá já tem bomba, já tem tudo. Eu tenho lá uma quadra, uma horta, um lote, né? Como que fala? Um lote. Mas não me importo de ir pra lá não, porque meu lugar é esse, que é melhor pra mim. Aí eu agou na mão, encho o depósito, agou tudo, mas se eu tivesse uma bomba e fosse lá, eu tinha uma renda. Eu tinha o dinheiro do café do pão todo dia da manhã. Todo dia é o café da manhã, porque todo dia eu faço dinheiro.

Alice: O roçado ajuda vocês, além da comida pra comer, dá um dinheiro, né?

	<p>Dona Paquinha: Dá um dinheiro. Dez, quinze, oito, dez, onze, coisa que a gente nunca tinha na vida, né? Aí eu vou deixar de plantar? Eu tenho que plantar. Agora no primeiro ano, segundo ano, choveu muito, que a terra ficou muito encharcada, molhou muito, que até plantei um couve flor, tinha muito couve flor, tinha até couve flor que dava dois quilos, dois quilos e meio, três quilos, couve flor.</p> <p>Alice: Eita, foi farto!</p> <p>Dona Paquinha: Plantei até rabanete, plantei, plantei tudo, salsinha. Primeiro, segundo, terceiro, até o terceiro ano, porque a água foi favorável. Aí desse ano pra cá, a água foi pouquinha, aí não tem como devolver, como plantar muita coisa, né? O que mais eu planto é o coentro e o couve. Eu também planto a cenoura, porque a cenoura também... mas se eu partir pra outras coisas, pra plantar assim de dez fileiras, não dá pra água. Aí eu planto de um tipo, que é pra dar. Couve e coentro é direto.</p> <p>Alice: O que mais vocês vendem assim?</p> <p>Dona Paquinha: Da horta. Sim... A mandioca! A mandioca eu também vendo pra fora, a macaxeira eu vendo. Eu vendo pra um mercadinho ali embaixo, um mercadinho lá em...</p>
<p>COMUNIDADE E CONVIVÊNCIA</p>	<p>Seu Elias: (...) ninguém tem terra não, porque não foi dividido, mas a complicação é assim, porque o povo não quer se unir pra fazer... Se as coisas fossem é... Se unisse tudinho direitinho, dava pra gente ver, mas não... Planta, pra todo tipo de planta, qualquer coisa que fosse fazer... Conversando com uns camaradas aí eu disse 'rapaz, vocês... se vocês fossem bem unido, direitinho mesmo, vocês já eram pra ter trator aqui na conta de vocês, vocês já eram pra ter uma máquina, vocês já eram pra ter aqui pelo menos um caminhãozinho pra poder fazer as coisas de vocês, mas...'</p> <p>Alice "Mas por que eles não fazem? São outros trabalhos?"</p>

	<p>Elias “Não querem se unir, se fosse assim, tem cem famílias aqui, se fosse falar ‘menino, vamo se reunir todo mundo’ todo mundo concordasse, ‘vamo comprar um trator pra gente trabalhar, pra não tá tempo em roçado, cuidando de terra’, ‘tá eu vou comprar’. Porque com tudo isso, ter um tratorzinho mesmo que não fosse novo, um tratorzinho que desse para plantar com trinta, quarenta mil, eu comprava. Pra cem famílias não dava não?”</p> <p>Alice “Ia ser uma ajuda muito boa, né?”</p> <p>Elias “Dava, mas agora ‘não, porque...’ Aí quando chega no tempo de... um caminhãozinho na época de plantação de milho, um feijãozinho, dava pra comprar.”</p>
JOVENS	<p>Alice “Esse pessoal mais novo, que não gosta muito de ir pro roçado, eles trabalham fora?”</p> <p>Elias “Alguns... Mas os outros não. Tem muitos deles... Por melhor dizer, quase... dessa geração... quase ninguém.”</p> <p>Alice “Eles não gostam, tem outras pretensões ou só não vão mesmo?”</p> <p>Elias “Só não vão porque é... preguiça. Não é outra coisa além de preguiça”</p>
POLÍTICA E LIDERANÇAS	<p>Alice “Seus pais também tiveram papel muito importante aqui no Grilo, né?”</p> <p>Elias “Foi... Meu pai e minha mãe já eram bastante acreditados. Sempre foram. Eles eram assim pessoas de... Eram pessoas bem respeitadas, que toda vida foram assim uma pessoa que tiveram uma moral, bom antecedente no local, não tinha má conduta, tudo é gente de bem. O pessoal daqui, os políticos daqui da</p>

	<p>região, na época, os políticos daqui, os de riachão, davam o maior valor a ela, porque ela era... Era assim, como eu, Paquinha, somos hoje, uma liderança na comunidade. Nesse tempo não tinha, não era registrado, não era quilombola, não era reconhecido, mas assim, a comunidade existia, né? E ela era, naquele tempo, ela era a liderança daqui era ela e meu pai. O pessoal ia tudo, na situação da casa dela...</p> <p>Alice: Já era nessa casa amarela?</p> <p>Elias: Era! É. (...)</p>
<p>CHEGANDO NO GRILO - ESCRAVOS, TRABALHO ESCRAVO E ANÁLOGO À ESCRAVIDÃO</p>	<p>Alice “O senhor disse que nessa época aqui não era reconhecido, né? Como que eles chegaram aqui nesse terreno?”</p> <p>Elias “Na época esse terreno aqui onde a gente mora, eu não sei se tu já olhou ali pra trás... da cerca da divisa da fazenda, que vai dar ali... passa bem ali atrás da casa, pronto... Mas depois eu mostro direitinho pra tu. Aí isso aqui era de uma parte, é de uma parte de um senhor que tinha a parte de terra começando daqui até numa estrada lá, uma estrada pra acolá. Era um tal de, chamado de José... Então quando ele morreu, essa parte dessa cerca pra cá era tudo dele, aí quando ele morreu ele... a família foram vendendo, né? Tinha aquela herança, que era do pai, aí foram vendendo, aí cada um foi vendendo a sua parte, foi vendendo sua parte. Aí quem tava aqui que não tinha terreno pra morar, foi bom, né? Porque era gente que já morava aqui também. Pelo certo mesmo, aquele povo que já morava tanto tempo aqui tem o direito daquela terra... Mas não. Eles sabiam dos direitos, mas não davam os direitos deles. Porque uma pessoa que tinha... Um camarada que já morava aqui mais de trinta anos,</p>

quarenta anos, não tinha o direito da terra pra morar aqui... Né?”

Alice “Com certeza. Trinta, quarenta anos é muito tempo...”

Elias: Não é? Tinha, mas foi dado? Não. Meu pai morreu.... Não tinha gente dentro... O camarada ali mesmo ‘vender, vamos vender’, quando falamos do lado de cá, do meu canto mesmo aí, ‘vendido’. Quer dizer que ele tinha o direito de... de morar diretamente, mas não deu um direito que ela tinha, mas eles aproveitaram e não deu pra cada um, dá parte para um, porque ele sabia que não podia... mas não podia botar pra fora, porque se ele botasse daquele terreno pra fora ele ia indenizar aquela pessoa aí. Entao, a gente... pra gente... para não mexer com ele, a gente vende a ele do mesmo tanto. Aí quando cada um que tinha aquele terreno de coisa... A gente não tinha onde morar, então a prioridade era comprar, no caso do meu pai foi isso, que comprou uma... para uma... Pela maneira fazendo, eu entendo que foi pra morar...Ele morava naquele tempo na fazenda, sabe? Quando meu pai comprou isso aqui, ali, deu para fazer a casa, a casinha aqui com madeira tirada do mato, só pra ter um lugar de morrer porque essa madeira tá podre de ruim, num lugar longe ali, essa madeira menino tirava e lavava aqui, só pra tirar aquela casca do pau e a gente carregava pra cá pra fazer a casa. E naquela epoca, o povo daqui não sabia nem o que era cimento era tudo... reboco dela era todo feito com barro e com areia. E assim... areia não era comprado não, era areia que a gente tirava assim nas grotas pra poder fazer. Mas assim mesmo a gente viveu um bocado de tempo, aí que foi que ele... Cada um pegou um pedaço de terra, daqui até na

entrada, todo mundo, cada um tem seu pedaço de terra. De tudo, e tudo que já era morador daqui. Já era morador. Aí quando cada um foi viver sua vida... Porque ele morreu, mas ele morreu desvirtuado... E a gente morava na fazenda, já uns vinte anos, vinte e cinco anos, por aí... A gente já morava lá... Quando a gente veio de Ingá pra cá, no de (19)57, eu estava com 3 anos de idade nessa época... agora, agora eu tinha um irmão mais velho, já na luta, outro que morou no Rio de Janeiro, tinha... Que mora aqui embaixo... nascido e criado também, tinha Daniel, que ele mora lá no Ingá... Já vimos de lá pra cá, né? Do Ingá. Mas tinha o que? Uns vinte a vinte e cinco anos que morava aqui, aí quando o pai falou com ele, que tinha comprado esse pedacinho de terra, pra fazer uma casinha... já tinha feito a casa, pai comprou a terra... Se ele sabia, ninguém sabe, né? Se ele já sabia por boca de alguém, mas pai foi falar pra ele, já pra sair de lá pra cá, teve que falar com ele e entregar a casa lá a ele e que a gente tinha uma casa pra morar, lá e tal. Aí ele olhou assim, ele olhou, ele olhou assim, olhou, olhou e depois ele foi falar assim, que ele pensava logo, aí disse 'É, Manoel, tu agora tá rico' porque o cara comprou um pedacinho de terra pra fazer uma casa pra morar. Quer dizer, um cara... porque quando a gente morava na terra dele lá, era sujeito a fazer o que ele quisesse, né? Era do jeito que ele quisesse. Quando a gente entrou em liberdade, quer dizer, uma parte da liberdade, aí ele disse que a gente tava rico. Tá vendo os dizer dele? Os dizer dele eu não sei se ele disse por maldade ou não, mas ele falou a palavra certa. Aí pronto, aí ficamo... O tempo que ele foi ficando mais velho, levou uma pessoa, levou a família pra lá, ficou a fazenda na mão

de administrador, mas não tinha como eles... O administrador tomava conta aí vinha o filho dele e... Uns dois mais velhos vinha pra cá só olhava aqui quando vinha aí foi dando mesmo, sem saber que ia haver esse processo de desapropriação, né? Quando eles estavam, eles apareciam por aqui e tal, iam ver aqui também, dando as dicas, porque já tinham visto outra comunidade como Pedra D'água, Caiana dos Crioulos, outra comunidade que tem no município de Areia, é... Senhor do Bonfim! Já tinham outras comunidades que já estavam no processo de desapropriação, né? Aí foi quando chegou o padre chegou aqui, ninguém conhecia ele, ficou todo mundo cismado, todo mundo... Só quem conhecia ele era cumade Lourdes, cumade Lourdes sempre foi assim a encontro da igreja, já tinha encontrado ele uma vez, mas fazia tempo, acho que nem reconhecia mais... Aí começou a se identificar, se identificar... Aí depois ele veio aqui a primeira vez, veio a segunda, aí o processo já começou... entrou, né?"

Alice "Ah, a instalação aqui começou com seus pais e quem ajudou vocês com o processo de reconhecimento, de desapropriação, foi o padre? Vocês tiveram conhecimento, chegaram a conhecer, o Manoel Graciliano, a primeira pessoa a chegar aqui no território?"

Elias: Isso. Tem a ver com essa história. Porque as histórias é como você vê desde os inícios da... do começo da história do mundo, né? Tem a ver com isso, mas assim... Sobre a parte do meu pai, já foi... Bom, a história vem ao todo do começo..."

Alice "Elas se juntam..."

Elias “Isso! Se juntam! É um ciclo, naquele ciclo ali é toda a história começando lá do Manoel. Nós somos de lá, porque... Não foi nem do Manoel Graciliano, já foi desse casal que veio da história da loca. A gente já contou pra você? Da história do casal...”

Alice “Que estavam escondidos lá”

Elias “que se escondia... os escravos... a gente começou dali.”

Seu Elias: É como eu disse a tu, essa terra daqui, que foi desapropriada, era de Américo Sobrinho. É de um pessoal aqui, desse lado de Riachão de Bacamarte, aquele mundo ali. E dessa outra parte aqui, não havia... contei para tu, era de Honório Alves também, era o pessoal branco também, teve isso. Tudo branco. Aí não existia, na região aqui não existia gente negro. Quando esse casal chegou aqui para cá, foi que foram produzindo, produzindo, produzindo aí hoje está gerada a comunidade, mas nesse setor todo aqui, dessas duas famílias que tinha aqui, era todo mundo branco. Gente branco, né? Aí, como esse cara não tinha, ficaram aqui, encontraram ele para lá e para não... ele sem querer dizer até da onde era, porque não podia, porque havia fugido, né? Teve até um cara, que tinha um, por exemplo, ‘eu morava numa fazenda, numa fazenda’, aí o cara perseguia até encontrar ele, encontrar aquele que fugiu de lá, procurava até encontrar ele, onde ele tivesse, ele botava a conta, aí ele ia pra lá e ia morrer de apanhar e de trabalho... E quando ele saiu, que chegaram aqui, ele não queria dizer de onde era. Ninguém sabe nem de onde foi que vieram. Não sabe nem de onde foi, porque a história não conta isso. E acho que eles não chegaram a dizer, não sei se

chegaram a dizer não, acho que não. Aí não sei o que eles chegaram a dizer, só sei que disseram 'não fica aí, ninguém vai mexer com vocês não, nem ninguém vai dizer nada de você, onde você está, não...' entendeu? Aí foram ali, fazendo família, como um casal, né? Fazendo família, foram construindo família, construindo família lá, e tão até hoje na comunidade, na qualidade que a gente tá.

Dona Paquinha: De gente que veio para aqui, né?

Seu Elias: Pode dizer escravo, porque era escravo mesmo, que chama. A gente não pode botar aí casal de gente porque nossa história é uma história de lembranças com o... não é isso? É uma história de um povo negro, de uma resistência de um povo negro, então tem que começar assim... como era um... foi para um casal de jovens que chegou aqui jovens, mais sim escravos, né? Que essa que é a história que a gente que a gente tem. Então, não foi de como... A gente pode dizer.

Alice: E aí eles chegaram e seria nessa Pedra aqui? Que tem a foto do senhor com o Walisson, né?

Seu Elias: Foi, foi. A Pedra de Maria Patrícia, a loca que tem ali embaixo. De onde começou esse casal de escravos, lembra 'cumade' Lourdes? Não foi lá que eles apareceram? Na Loca de Maria Patrícia, não foi? Aqui tá parecendo a loca ali de cima, mas é na Loca de Maria Patrícia.

Dona Lourdes: Foi. Foi. Não é seu Manoel? Pai de finado João, que é meio marido da minha mãe?

Seu Elias: Quer dizer que essa história de escravo que apareceu já foi pai Manoel e...

Dona Lourdes: Pai Manoel e a mulher e dois filhos.

Alice: Ah, já era pai Manoel?

Dona Lourdes: É. Encontraram ele na loca, bem escondido e encontraram eles na loca e viram.

Dona Lourdes: Ele trouxe a mulher e um casal de filhos.

Dona Lourdes: Aí veio ele, a esposa e dois filhos, que é a minha sogra e esse João Graciliano.

Alice: A esposa dele é sua sogra?

Dona Lourdes: É. Não. É não, é a filha. A filha dele, tia Zefa.

	<p>Seu Elias: Aí quando ele, como eu disse, como ela contou a história, quando ele saiu de lá, que encontraram lá, eles passaram a morar aqui, não foi?</p> <p>Dona Lourdes: Passaram a morar aqui, ali onde é a capela, Era mesmo ali, mesmo no cantinho da Capela. Era dele.</p> <p>Alice: Ele chegou morar ali perto da capela?</p> <p>Dona Lourdes: Ele morou, morou ali. Aí foi quando ele casou com a mãe de mãe, não é? Ficou ficou, foi quando teve esse resto de família todinho. Teve filho demais...</p>
LUTA E "ACREDITAR" - PROCESSO DE RECONHECIMENTO	<p>Alice: E esse tempo todo, só teve a oficialização como quilombo já agora esses anos, né?</p> <p>Seu Elias: Começou o processo em 2004, não foi, Paquinha? Eu quero dizer o processo, foi quando o padre Luis apareceu, que tinha, que entrou em contato com ela (dona Lourdes). Assim...</p> <p>Alice: Foi padre Luís que ajudou vocês no processo?</p> <p>Seu Elias: Todo o processo aqui foi começado por ele, né? É porque quando a gente não era reconhecido como quilombola, ninguém sabia, é... não digo que ninguém sabia, né?</p> <p>Alice: Sim...</p> <p>Seu Elias: Mas não sabia, não era reconhecido de nada e ele chegou aqui, um certo dia aqui, comade Lourdes encontrou ele, e ele apareceu aqui, não foi?</p> <p>Dona Lourdes: Eu conheci. Eu conheci padre Luiz, sabe? Na morte de Margarida. Foi a última vez que ele foi padre, aí depois ele casou. Foi a ultima celebração que ele fez.</p> <p>Alice: Aí junto com ele, foram vocês três que levaram para a frente esse processo?</p> <p>Seu Elias: É, quando a gente começou... Quando ele chegou aqui, que começou a falar, procurar, alinha como ele já trabalhava a um tempo, né? Já vinha de outro mundo que já tinha sido reconhecido, no caso de Senhor do Bonfim, Pedra D'Água também foi primeiro que aqui, e outras comunidades que já tinham sido reconhecidas. Bom, reconhecidas só tinha sido Senhor do Bonfim na época, tinha já tinha sido. E depois Pedra D'Água, mas tava no processo também, sabe? Só que o processo de Pedra D'Água, de início para ser reconhecidos em quilombola, foi primeiro do que aqui. Aí de lá pra cá foi que deram informação, eles procuram saber, onde tem mais quilombo e tal, onde a podia ser, onde podia defender quilombola, então ele, foi quando ele chegou até aqui, quando ele chegou aqui com comade Lourdes nem conhecia ele mais, não foi?</p>

Dona Lourdes: Foi! Quando eu, quando ele chegou lá em casa, ele bateu, eu abri a porta. Aí ele foi quem me conheceu, viu? 'Eu conheço você de um lugar', eu digo 'Quem é o senhor?', aí ele 'Eu sou Padre Luís' e eu digo que na... 'onde eu vi o senhor foi naquela celebração da morte de Maria Margarida', aí ele disse 'ó, veja mesmo', aí peguei, fomos conversar, que ele tava, deu um discurso tudinho, que ia sair e deixar o Ministério, não queria, não dava para ele se ver a comunidade do jeito que ele queria. E eu não sabia o que era, né? Que ele não disse.

Alice: E quando foi que ele chegou aqui? Quando começou esse processo?

Seu Elias: Esse processo todo mesmo, começou diferente do grupo. Eu não lembro a data, porque é como estou dizendo, a gente não registra aí fica assim. Foi em 2004, quando ele, dessa primeira vez que ele apareceu aqui. Foi quando começou o os andamentos, quando começou com comade Lourdes para ver, se tinha como ser reconhecido como quilombola, começou os processos. E daí o processo foi quando o Incra, começou por aí.

Dona Paquinha: Ninguém queria ir, não.

Seu Elias: Que o povo não queria, né? (áudio inaudível) Tudo, não queria.

Dona Lourdes: Maria Rita, minha cunhada, disse 'comade, neste tempo, tava vendo (áudio inaudível) pro exterior, né? Aí eu 'mas comade, tu não vai não, que...' Paquinha também não quis ir, 'Eu não vou, não vou não, que eu tenho, capi, nessa época era pequeno, tenho esse menino'. Se eu ficar lá, quem que vai tomar conta desse menino? Vou não'. Vai Lulinha, porque se Lulinha for...

Seu Elias: Foi na época, foi eu, ela e comade Lourdes.

Seu Elias: Pronto, (16 de março de 2016) que saiu o documento. Tá vendo que a luta é muito grande e uma luta, vamos dizer assim, a gente também, a gente diz assim 'não, ninguém faz nada', mas assim, é arriscada, porque ninguém sabe o coração de ninguém, né? A gente chegava nos canto assim (barulho de moto), mas eu que andava assim de (áudio inaudível), chegava a escutar tanta coisinha, tanta conversa que os caras, eles sabiam tudo, por exemplo, eu cheguei aqui agora, né? Aí estava aquele povo, junto assim, numa área que não era da comunidade não, porque não é da comunidade, e sempre que tinha esse hábito de, aí chegar aí começava a fazer um... a falar em terra. A falar em terra, né? Aí começavam a falar até... ia

fazendo aquela arroteio de novo fora até chegar nessa terra que foi desapropriada, que era para poder ver o que a gente dizia. Aí, quando ele estava na terra, aí começavam a dizer coisa, aí rapaz... Eu cheguei um dia, seis horas da manhã para comprar pão em Serra Rajada, porque eu ia comprar o pão, que o pãozeiro não passava por aqui, fui para lá e tem dois camaradas nascido e criado junto comigo, mas só que ele não era, são fora da comunidade, né? Aí chegaram, começaram a falar um monte e eu senti lá na frente dum... porque a gente sempre tinha instrução do INCRA, do pessoal que tava com a gente na comunidade, que fala 'olha, o processo de vocês aqui é um negócio muito sigiloso, quando chegar o tempo, se a terra for desapropriada, vai ser. Agora, o que que vocês vêem de conversa de alguém ou maltratando vocês ou dizendo que vocês vão tomar terra ou algo assim, vocês não dê atenção. Faça de conta que não tá escutando nada, para evitar o conflito, né? Porque se você tirar uma conta e tá falando que alguém vai falar mal de vocês, vocês podem ali é, ter, vamos dizer assim, ter uma outra atitude, um temperamento mais rápido do que é necessário pode gerar um problema sério'. Aí eu me sentei lá. Aí chegou dois caras, conhecido mesmo, nascido e criado junto assim. Aí começaram a falar, começaram a falar em terra. O outro, que sabia de terra, falava em terra. Aí o outro um quando começar a conversar bastante, aí e eu calado lá, aí o irmão dele 'ih rapaz, tu soubesse que a terra de Ernesto Sobrinho vão ser tomadas, o governo vai tomar?'

Alice: Falavam que vocês iam tomar, né?

Seu Elias: É, ser tomada, não falavam que ia ser desapropriada, falavam que ia tomar. Aí o outro disse 'não. não tô sabendo não', aí ele 'rapaz, vai ser tomada', 'oxente, tomar terra?', 'vão tomar pra dar pro pessoal do Grilo ali'. Esse cara, tem uns meninos daqui que trabalhava lá com o pai dele, né? Um desses caras. Aí disse, 'mas rapaz'. Aí o outro pensou, pensou, pensou no que falava, bastante, aí ficou calado, não disse nada. Agora só o seguinte, aí um falou para o outro, o que tava ouvindo a história da terra ser tomada, aí ele disse 'isso é danado, como é que o governo faz um negócio errado desse? Pegar, tomar a terra dos outros, tomar a terra dos outros pra dar a um bando de preguiçoso daquele'.

(risos)

Seu Elias: Aí dá risada, né? O pessoal começou a rir. Mas depois de muito, eu fiquei assim bem tranquilo, já comecei até a cantar. Os caras ficaram todo sem graça

quando eu... Eles sabiam que eu era daqui, eles queriam me provocar pra eu dizer alguma coisa, aí naquilo eu comecei a cantar (áudio inaudível), também não disseram mais nada, aí eu vim embora. E era sempre assim, agora, pra chegar pra gente, sempre diziam alguma coisa, mas não vou falar nem caçar uma briga por causa daquilo ali ia gerar uma problema, né, pro lado da gente? E aí... Mas vai ter muita coisa, nos cantos a gente sempre ouviu uma piadinha, sempre havia alguém dizendo alguma coisa contra a gente. Mas graças a Deus, tudo passou, agora.... Agora pronto, ele fica... Teve um deles que queria entrar depois de um caso que rolou lá não estava mais, não foi aceito, porque quando foi feito o processo todo aqui, aí o INCRA mandou chamar até um pessoal que trabalhava aí, que não era da comunidade, que não era da comunidade, mas era por ele, trabalhava na terra. Aí o INCRA mandou chamar tudinho para fazer uma reunião, porque ele não podia ficar. Teve um desse que já trabalhava na terra há muito tempo, tava na época, assim, de roçados, lá no começo do ano e já tinha pago roçado tudinho, o... não gosta de se desfazer lá do roçado, e eles começaram a fazer. E eles sempre vinham aqui na comunidade, sabe? Perguntar, por exemplo, na época eu era presidente da comunidade, aí eles perguntaram, por exemplo, perguntavam 'a gente pode fazer o roçado da gente?', eu disse 'não, não posso dizer nada a vocês, não tem o administrador lá?', 'tem, tem...' 'mas ele deu ordem de fazer roçado? Aí vocês fazem, se ele não deu ordem, não deu. A gente não pode dizer nada a vocês assim (áudio inaudível)' (crianças gritando) Aí quando foi na época, que foi desapropriado, que mandaram chamar eles tudinho, pra dizer, dar o resultado a eles, que a terra tinha sido desapropriada, era do quilombo e, mas ele não podia ficar porque era só por ele, né? Já morava fora da comunidade... Aí teve um deles aí que ficou brabo, eu disse 'não...', 'e agora a gente já trabalhou, botou dinheiro pra fazer o roçado lá, e agora, como que a gente vai ficar?', 'e aí me diga quem foi... não tem administrador lá', o INCRA dizendo, que perguntou, né? Não foi nem a gente. Aí disse 'Não tem o administrador?' 'Tem.' 'Quem foi que mandou botar o roçado de vocês? Quem foi que mandou botar o roçado? Não foi ele?' 'Foi' 'Pois quem vai pagar vocês é ele, a comunidade não tem nada a ver. A comunidade deu a ordem para você fazer o roçado?' 'Não.' 'Então pronto'. Aí ficaram, a mulher ainda, tão bondade, que ainda 'Se vocês quiserem, vocês não podem ficar de

	<p>jeito nenhum porque vai criar problema depois, não pode ficar porque vocês são de fora da comunidade, agora se vocês quiserem receber o dinheiro do serviço que vocês trabalharam lá, pra poder, eu ainda levo vocês lá pra mostrar pra vocês aonde é', aí terminaram saindo e pronto. Até um dia desses não pagaram o pedreiro por falta de inteligência dele mesmo, né?</p> <p>Dona Paquinha: É conversa, de acreditar, de tudo</p> <p>Seu Elias: De não acreditar nas coisas. Porque a pessoa... A gente tem que acreditar nas coisas, porque se não acreditar, as coisas ficam mais difícil ainda. Eu tenho dificuldade na minha vida, mas se eu não acredito em Deus, não acredito, primeiramente em Deus, segundo naquele que é, que a gente tá vendo que pode nos ajudar, a gente vai ficar, de mãos atadas, sem fazer nada, sem poder fazer nada.</p>
<p>MEDOS - PROCESSO DE RECONHECIMENTO</p>	<p>Seu Elias: Tem uma história que é assim, é uma história de medo, sabe?</p> <p>Dona Lourdes: É medo!</p> <p>Seu Elias: História de medo da reação do que o pessoal, além de achar, de dizer que ele devia ser vendido, ou podia ser... minha cunhada mesmo, não sei como era esse negócio que ela tá falando aí, dizia 'ah, vocês vão...'. Quando começou, o que a gente chegou da reunião, que perguntaram como foi, a gente, porque assim, quando chegou lá, ficou aquelas pessoas de cada comunidade que foi apresentado, que ia 3 pessoas, assim, aí é representar, no caso, eu fui pra representar a parte da terra. e comade Lourdes na parte de religião, não foi?</p> <p>Dona Paquinha: Foi.</p> <p>Seu Elias: Era parte de religião e Marcilene a parte de educação. Não estou lembrado, acho que foi. E daquelas pessoas, de cada três pessoas que ia, de cada comunidade, ficavam separado. Por exemplo, eu que ia pra representar a terra, ficava junto com aquele pessoal de outra comunidade que ia representar também parte da Terra de lá, entendeu como é?</p> <p>Alice: Era quase um julgamento?</p> <p>Elias: Isso! Quase um julgamento.</p> <p>Dona Lourdes: Era um julgamento! Era quase não, era um julgamento!</p> <p>Seu Elias: E isso foi a semana todinha. A gente passou a semana todinha lá, não foi? Nessa conversa.</p> <p>Dona Lourdes: Essa conversa, eles, negócio, eles conversam que nem um juiz, aqueles homens, uma coisa, né? Assim, um julgamento.</p>

Seu Elias: É, aí muito dos canais de televisão, por causa de tudinho, e eles tavam naquela época... Como é que é? Aquele que é de Minas Gerais, como é? Dr., é... Como era, rapaz? Aquele velhinho, que morreu aí, ele morreu em Minas Gerais, na terra dele, um tempo desses. José Maria Filho.

Dona Lourdes: Dom José!

Seu Elias: Dom José. Ele tava também lá na reunião. E tinha várias autoridades, né? Assim, do estado é, muitas, várias pessoas que tinham e ali, como tô dizendo a você, aí ocorreu, naquele, é, ficava aquela pessoa cada um na sala separada, porque aquela que representava ficava junto com aquela outra pessoa que fosse representar a terra lá de outra comunidade, sabe como é? Naquele caso, todo mundo ficava separado, e eles começaram a fazer aquelas perguntas, e fazendo aquela pergunta, como é que a gente... onde que a gente morava, e eu dizendo tudinho, quando eu chegar... eles não entrevistavam tudo de uma vez, entendeu como é? Por exemplo, ele falou comigo, que era do Grilo, depois falava com outro que era de outra comunidade, era assim. E a gente tem que dizer tudinho. No meu caso, quando eles começaram a perguntar, fazer pergunta, se a gente morava em Terra da gente mesmo, se a gente, ele dizia que não, a gente disse que não, perguntou terra de quem era, aí nós falamos tudinho, como era o nome do proprietário, como era, é como que a gente tirava o sustento da terra, falava que era na agricultura, dissemos tudinho o que era. No final, quando ele concluía tudinho aquelas perguntas que ele fazia, foi quando... Aí passou, eu não tô lembrado, passou uma semana lá, foi uma semana quase toda. Aí viemos para cá, quando chegamos aqui, o assunto do povo era um 'Vocês tão doido é?'. Até aí ninguém fala muito, muito logo assim, quando a gente chegou, fizeram umas perguntas, como eu era de falando tudinho, mas ninguém... A reação não foi tão grande. Agora quando passou a ser, que o Incra começou a aparecer por aí pela primeira vez, acho que foi uns quinze dias, não foi? Uns quinze a vinte dias que eles vieram aí pra essa reunião. Foi quando o INCRA começou a se apresentar aqui, né? Que era para ver onde era, por exemplo, onde era o território que ficava o quilombo, tudinho, sei que, aí começou a reação do povo, de falar.

Alice: Foi quando eles já estavam vendo o movimento que foi passando o medo? Quando viram um resultado que foram passando a acreditar, né?

Seu Elias: Exatamente! Foi quando eles passaram a acreditar e o medo da população, do povo que estava ali dentro foi pior porque ele ficava ‘ai, vocês vão morrer com terra dos outros, vocês vão morrer’, aí ‘não, rapaz, não morre nada’.

Dona Lourdes: Eu não senti medo não. Uma vez eu passei lá por dentro de Juvenal, ele tava Miro, seu Miro, lá no começo. Aí, ‘ah, quilombo’, (áudio inaudível), ‘ai lombo’, eu também passei e não disse nada não. Aí quando a gente já ganhamos, quando ganhou, ‘pra onde vão?’, tá tudo resolvido. A pessoa perguntou, não lembro qual foi a pessoa que perguntou, eu disse ‘tá tudo resolvido, a festa ficou lá e eu vim aqui comprar mais coisas para inteirar a festa’, comprei mais coisas no menino lá debaixo, aí falei ‘Daqui a pouco o Sol, o fogo zoa’, aí não sei como o menino não quebrou a panela, porque eu esperei. Aí passou, eu fui embora. Quando foi no outro, parece que passei já na outra semana, eu passei para ele, ‘foi o menino que botou o milho lá’. Ele passou para fora, ele passou assim bem pertinho, dizendo ‘bom dia, dona Lourdes’, aí eu disse ‘AI, LOMBO!’

(risos)

Dona Lourdes: Mas a gente, assim (áudio inaudível), eu disse ‘ai lombo, seu Miro!’, ‘Ai, lombo! Ganhamos ou não ganhamos?’.

(risos)

Seu Elias: Ele dizia lombo, ele dizia como comade Lourdes disse, ‘ai, lombo’, era ele dizendo, pra quem entende muito bem, porque era de quilombo, né? Aí falou que ele disse ‘ai, lombo’, digo ‘ai lombo’ é um novo trajeto que ele quis dizer, né? A desculpa foi essa. ‘Ai, lombo’, o que ele queria dizer, que a gente ia apanhar e onde era que a gente sempre apanhava, no lombo. Foi isso que eu entendi muito bem.

Dona Lourdes: Aí quando o fogo soltou, quando eu não esperei, aí eu fui comprar a coisa, aí eu disse ‘Tá se resolvendo, a festa tá ficando lá e eu...’ aí fui lá pra aquele menino de baixo, comprei lá umas coisas que faltavam comprar, aí eu digo daqui a pouco, daqui a pouco o fogo zoa. Quando fogo zoa, não sei como o menino não quebrou a panela que eu esperei, aí quando ele passou ‘ai, lombo’, tá tudo resolvido! Ninguém não vai morrer. Ninguém não vai sofrer. Ninguém!

Seu Elias: Agora isso, Alice, era assim, eles, se fosse só o pessoal de fora, esses que falou, que não é da comunidade, ele mora fora da comunidade. Mas se fosse só ele que falasse alguma coisa, que fosse contra

	<p>assim, inclusive... os outros não era contra, ele tinha medo, sabe como é? Tinha medo. Os que vivia aqui dentro, dentro da comunidade, que tinha certeza que ele tinha que participar também, ele tinha medo. Porque dizia que ia morrer, que não sei o que... Que coisa que eles não podiam, mas encaramos até o final e graças a Deus deu tudo certo!</p> <p>Dona Lourdes: Eles são muito fraco na fé. Mas eu não tava com um tico de medo, primeiro, sabe por quê? Porque aquele Deus a quem eu amo, eu chego a imaginar que não vai acontecer nada nunca, graças a Deus nunca aconteceu nada.</p> <p>Seu Elias: E não é uma questão de coisa, é uma questão, eu digo assim, que é um direito dos outros, né? Um direito, como não só era, só a gente, mas um direito... Fomos descobertos muito tempo pelo povo, no caso Lula, né? Porque foi na época de Lula, porque se fosse agora, talvez não fosse sair, né? Porque são 145... 143 comunidades quilombolas aqui no Estado da Paraíba, que já tá, que já foi descoberto, né? Mas reconhecido mesmo, até agora só tem três. Bom, reconhecida mesmo, que eu tenho certeza, que eu tenho assim a certeza, é só três, que é a Comunidade Senhor do Bonfim, Matão, nem Pedra D'Água é ainda não, é o Matão, que já é reconhecido, e o Grilo. Somente três comunidades, de quarenta e duas. Falta muita coisa pra concretizar e agora, tava indo até pra frente tudo, mas depois que esse Bolsonaro entrou...</p> <p>Alice: Dificultou a continuidade?</p> <p>Seu Elias: Aí barrou.</p>
<p>CASA AMARELA + RIQUEZA E INSATISFAÇÃO DOS BRANCOS</p>	<p>Dona Lourdes: Aí pai quando foi comprar isso aqui, apareceu coisa pra comprar, aí pai 'Vou trabalhar no Rio de Janeiro pra comprar as terras', 'Onde o senhor vai, Mané?'. Pai foi, pai consultou ele não, se ajeitou por lá, comprou passagem e foi se embora. Na segunda feira, aí 'Dona Dora, cadê Mané?', aí mãe 'Mané foi pro Rio de Janeiro', oxe, aí mãe disse 'Foi pro Rio de Janeiro', 'Quem mandou?', mãe disse 'Ele que foi', 'ah pois a senhora vai sair?', mãe disse 'Eu queria ver eu sair de dentro, eu não saio, eu vou bater o mundo', ele disse 'Não, dona Dora, a senhora vai...', 'Pra onde eu vou com esses filhos? Eu? Sair daqui? Pra canto nenhum!', aí mãe foi pra Riachão, encontrou Cabral, Cabral foi mais mãe pra Ingá, 'Não, sai pra canto não, sai pra canto nenhum. A senhora sai de lá pra canto nenhum, agora quando seu marido chegar, aí a senhora sai'</p> <p>Seu Elias: Viu aí? Tá vendo como é?</p>

Dona Lourdes: Mas enquanto não, não.

Dona Paquinha: A casa que tinha só um quarto só.

Dona Lourdes: Mãe devia muito favor a (inaudível) Cabral. Agora, ele botou mãe lá no carro, no carro velho que ele tinha lá. Levou mãe pra Ingá, não sei como foi, deve ter sido pelo juíz, né? Veio a notícia, veio a carta pra ele, né? A carta, mãe foi entregar. Ele abriu, leu, 'Posso fazer o que? O que que eu posso fazer? Nem o que é meu eu governo'.

(risos)

Seu Elias: É porque ele disse 'não, vou mandar ela sair'

Dona Lourdes: 'Ela é besta'

Seu Elias: 'Tem medo de mim', mas mãe era meio assim, mãe era uma pessoa que tinha, como ela tinha um pouquinho de leitura.

Dona Lourdes: É, tem muita leitura.

Seu Elias: Aí não era besta assim pra ninguém assim não

Dona Paquinha: Aí a casa, olha, tinha dois batentes, pra baixo era um rolo de taipa, as coisas tudo caindo

Dona Lourdes: As paredes

Dona Paquinha: As paredes tudo em brecha as paredes. E a cama da gente era naquele lugar ali, molhada ali, de molhada, inverno todinho chovendo, molhava e a gente... Aquilo era vida de bicho.

(inaudível)

Dona Lourdes: Assim que essas terras foram descobertas, sonhei com ele, num canto alto, ele passava e via a casa e 'Essa é sua casa, dona Dete?', ela dizia 'É', um cortinado cor de rosa e ela naquela calçada alta, pra olhar pra casa, assim... E pai veio, não trabalhou mais a ele, ficou lá na casa e 'Agora eu só saio daqui quando eu fizer a minha casa'. Quando foi a casa... Muito tempo, muito tempo, foi que pai veio pra aqui.

Seu Elias: No final ele viu que não tinha jeito, que pai tinha os direitos, ele ainda foi até bondoso ainda, no modo de dizer, pra dizer que ele era, ela foi até bondoso, que pai adoeceu, né? Eu ainda me lembro uma parte todinha que ele... Até me lembro nome do doutor, doutor Assis, o nome dele, levou pai pra lá, aí chegou uma oportunidade ali, porque eu tô lembrando quando pai disse pra mãe que até os pés dele no dia, ele lavou.

Dona Lourdes: Mas é porque, é por medo, porque ele sabe que papai tá no serviço desse, se fosse descoberto, ele ia pagar uma soma. Aquilo ali foi medo.

Seu Elias: Pode ter sido o medo, pode ter sido, não sei.

Dona Lourdes: Foi medo!

	<p>Dona Paquinha: Agora eu lembro que papai trouxe um rádio, papai trouxe um rádio que o povo só dizia que papai era rico, eu ainda me lembro. Disso eu ainda me lembro. Maria Joana passava Batista e Batista tinha minha idade, não é Batista?</p>
<p>ROÇADO HOJE - LIBERDADE</p>	<p>Seu Elias: Ai quando era tempo de verão assim, tempo dos roçado lá, dava tudo, manga. Aí a gente passava por lá, mas não podia... Tinha que passar e fazer assim, olha, porque sabia o que era seu. Aí, chegava no verão, eles tiravam pro gado, aí passavam, me lembro até do nome do burro, era o burro, um burro desse que eu tenho aí, era o Retrato, que era esse o burro que pai ia todo sábado em Serra Redonda e tinha um jumento. Jumentinho, jumentinho. Aí eles passavam com o burro carregado pra levar pro gado, 'Oh, neguinho, oh, neguinho! Toma, neguinho, pra vocês, um par'...</p> <p>Dona Paquinha: Naquela época era muita chuva, era muita chuva. Era muito bom.</p> <p>Seu Elias: Mas era assim, foi uma vida sofrida. Tem hora que eu tô sozinho, vou ali sozinho naquela mata, me sento num canto e fico imaginando, fico pensando como era a vida da gente aqui dentro. E o pessoal hoje 'Ah, mas essa terra foi desapropriada pra que?', não sabe ter consideração, não sabe ter amor, não tem amor por ninguém, são um povo sem amor. Aí diz 'Aqui é terra desapropriada por esses negros, para esses negros', aí me lembro do que eles falavam, do que eles dizem. Hoje não, já não falaram mais, mas falavam no início. E eu vendo o que foi que a gente sofreu ali, o que era que a gente passava, aí eu fico lembrando lá um bocado de tempo, chega me dá assim uma emoção muito grande. Ai...</p> <p>Dona Lourdes: Quem diz que, tem uma lá em João, que diz que "Não adianta juntar tesouro aqui na Terra, porque alguém depois vai tomar de conta desse tesouro. Quem nunca pensou em tomar conta daquele tesouro, vai tomar conta.". Eu gosto muito de ler esse evangelho. Porque quem pensava, né? Ninguém pensava que ia pra gente. Agora, deu tudo pra gente pra largar de ser besta. (risos)</p> <p>Seu Elias: Agora, isso vai ser da gente até o final? Não, porque a vida da gente tá em Deus. A gente tá em Deus, mas fica uma história na vida da gente assim, como que fosse um, tô dizendo a vocês da emoção que</p>

	<p>eu sinto quando eu tô parado lá dentro, é por causa disso. Pelo sofrimento que a gente teve ali dentro. Por uma história de sofrimento, uma história que a gente viveu ali, angustiado sem poder, passando fome, passando necessidade, sem poder fazer nada.</p> <p>Dona Paquinha: E a liberdade, né? E a liberdade...</p> <p>Seu Elias: Eu tô falando de tudo, né?</p> <p>Dona Paquinha: A liberdade. Ninguém podia passar pra canto nenhum, ninguém podia bater porteira com força, ninguém podia passar pro outro lado, tinha que ser com permissão. Aí agora... Que pena que eu já tô velha e os jovens não querem mais nada com a vida, mas se os jovens quisessem alguma coisa, era pra gente viver uma vida mais... poder comprar uma carne melhor, poder tomar um remédio, que ainda tá um sufoco ainda, que o aperto ainda é grande. Apesar de ser aposentado ainda, mas ter uma aposentadoria você sabe que, um salário mínimo é muito bom, mas quando chega minha idade, um salário mínimo não é nadinha. Porque se você for ver quanto tá a cesta básica hoje, a cesta básica que a gente comprava antigamente de duzentos e cinquenta (reais), tá comprando agora por quatrocentos e cinquenta (reais) e uma cesta básica numa casa como a minha não dá pra tirar o mês. Não dá não, porque são seis pessoas, aí não dá, de jeito nenhum. E a vida, a gente vive numa comunidade, uma hora a gente tira um pacote de arroz, um café, mas é isso, ainda não tá bom ainda não. Tá bem melhor do que tava.</p> <p>Dona Lourdes: Os jovens não querem fazer nada da vida deles.</p> <p>Seu Elias: Falando da comunidade, o que a gente pode falar que tem agora é da liberdade que a gente tem.</p> <p>Dona Paquinha: Da liberdade, mas o aperto, não é como naquela época, mas ainda é meio cansado ainda, né? Tem um filho, aí tem um neto...</p> <p>Seu Elias: Vamos dizer assim, que hoje a gente não tá podendo trabalhar mais, mas a gente chega ali, vou botar meu roçado e antes não tinha essa liberdade. Era falar com ele, era falar, pegar naquele tempo certo e o lugar pior que tinha.</p>
ROÇADO - JOVENS	<p>Dona Paquinha: Agora coragem eu tenho pra trabalhar, pra isso eu tô nova ainda. Agora só é se os nossos jovens, vou falar dos nossos jovens, dos meus filhos também, se os nossos jovens quisessem alguma coisa com a terra a hora era essa, mas eles não tão muito não.</p>

	<p>Alice: Desse pessoal mais novo, nenhum deles vai pro roçado? Eles trabalham fora?</p> <p>Dona Paquinha: Eu digo assim, do jeito que a gente fazia. Porque quando eu tinha oito anos, pai e Lóia foram pro Rio, era uma coisinha de roça que papai desmanchou nas carreiras pra comprar a passagem pra ir pro Rio, eu já tomei emprestado. Eu era interesseira, né? Nas terras dos outros. Era interesseira muito assim no roçado, porque a gente vinha, plantava aquela mandioca e era na terra dos outros. E eu vejo hoje a terra os meninos não têm esse interesse, até vai pro roçado, mas não vai assim todo dia como eu vou, com aquele amor não.</p> <p>Dona Lourdes: Vai a força!</p> <p>Dona Paquinha: Não tem aquele carinho com o roçado.</p> <p>Dona Paquinha: Eu queria que fosse assim, que eles pegassem uma foice, uma enxada e fosse botar, catasse um canto e fazer aquilo ali e pegasse todo dia. Aí sim, aí eu dizia que tinha força de vontade.</p> <p>Alice: Hoje eles têm a liberdade de usar a terra e não vão, né?</p> <p>Dona Lourdes: É tão, é tanta da tristeza...</p> <p>Seu Elias: Já vi gente dizer que quer tomar conta de tudo, mas não querem fazer</p> <p>Dona Lourdes: Não querem fazer. Não querem tomar conta</p>
FARINHA	<p>Alice: Aí tem a plantação da mandioca pra fazer a farinha, né?</p> <p>Dona Paquinha: É! Eu nunca fiz a farinha não, eu só vendo. Eu vendo por, pelos mercadinhos por aí, né? Daqui não, do Riachão, que daqui o povo não compra não.</p> <p>Seu Elias: Mas se quiser fazer farinha faz.</p> <p>Alice: E aquela mandioca que tava lá na Casa de Farinha, era de quem? Quem tinha plantado?</p> <p>Seu Elias: Pronto, esse ano eu tinha, eu fiz vinte e oito quilos de farinha esse ano. É uma, como acabei de dizer, nem todo mundo planta porque não quer ter trabalho. Aí esse ano eu fiz, e vou plantar de novo.</p> <p>Dona Paquinha: Agora que é bom, é. E foi bom que foi pra todo mundo, nem vendeu não, foi doado pra todo mundo comer.</p> <p>Seu Elias: E ainda tem farinha lá ainda.</p> <p>Dona Paquinha: Pra todo mundo. Aí foi mostrado que o quilombo tem força, né? Agora nós plantando... Agora eu tenho vontade de plantar, esse ano eu vou plantar,</p>

se Deus quiser. Vou plantar macaxeira porque macaxeira tanto faz pra você comer, quanto pra você vender, quanto pra alimentar os porcos.

Seu Elias: Pra gente plantar pra vender, vende, deve vender bem, mas aqui ninguém compra. Aqui eles querem de graça.

Alice: Mas eles ajudam na plantação?

Seu Elias: O cara não planta aqui dentro, tem o terreno e não planta, mas se você tiver ou vai buscar, se você pedir, ou... 'Mas tu não planta, vou plantar pra tu, pra te dar'...

Dona Paquinha: Ontem eu fui em Campina resolver uma papelada minha lá, aí eu fui, quando eu saltei do carro, a menina veio 'Não, mas cadê a macaxeira?', eu digo 'Só em abril, não, só em maio, no final de maio', porque eu vou limpar, lá pro final, ela tem dez, duas macaxeiras, mas tudo fininha. Tudo fininha. Isso foi tempo de chuva que não molhou ano passado não.

Dona Lourdes: Não? Por baixo desalinha, mas por cima, é...

Dona Paquinha: Não, as minhas são tudo assim, olha.

Seu Elias: Eu vou plantar esse ano também.

Dona Paquinha: Eu vou começar a plantar.

Alice: Da casa de mandioca, de farinha, vocês juntam a produção de todo mundo ou como funciona?

Dona Paquinha: Cada qual leva o seu produto, né? Ele plantou, ele colheu, a gente dá daqui mesmo, cada um dá seu.

Seu Elias: É assim, se a gente tiver, se todo mundo plantar, por exemplo, assim não, que todo mundo não planta, mas aquelas pessoas que plantar, ele faz ali o que ele bem quiser. Se ele quiser vender a macaxeira, porque a gente planta mais a macaxeira, né? A gente planta, a gente vende pra outra pessoa, eu posso vender a minha pra quem eu quiser, ele pode vender a dele pra quem ele quiser, entendeu? É assim. Não é um negócio que a gente diz 'eu vou a tua', porque a gente não tem como fazer isso.

Dona Paquinha: Agora caso o dia, o território tiver 5% do plantio e tiver sobrando, se a gente comprar e quiser fazer alguma coisa a gente faz, né? A gente tem essa ideia também.

Seu Elias: É assim. Nessa ideia, se você por exemplo...

Dona Paquinha: Se tivesse 5%...

Seu Elias: 'A gente vende pra tu e a gente consome', faz farinha, faz alguma coisa.

Dona Paquinha: Eu não quero vender. Eu não quero vender. Tu quer comprar, pronto, aí a gente, pode entrar

nesses, se o inverno for bom, aí a gente vai colher alguma coisa, né? Tem que primeiro pedir a Deus.

Seu Elias: Aí se junta, orque a gente tem que se organizar ainda, porque talvez a falta d'água, vê esses anos de inverno fraco...

Dona Paquinha: A água, é. Se tivesse molhado... Eu plantei no seco, nasceu no seco e deu no seco, aquele ali foi. O menino enche um depósito d'água lá, eu botava nas carreiras todinha, mas não molhou, só deu pra nascer mesmo.

Alice: Esses anos tá seco mesmo, o inverno tá ruim por aqui, né? Aí interfere diretamente na produção de vocês? Na da farinha, no roçado.

Seu Elias: O tempo de fazer farinha, qualquer tempo a pessoa faz. Mas assim, a época, porque ela também tem um rendimento. A roça, pra quem plantar a roça assim pra fazer farinha, ela tem um tempo que ela tá rendendo, tem um tempo que ela, é, isso é uma experiência que a gente tem há muito tempo. Qual é a época de fazer ela assim? Mês de setembro, de agosto em diante. De agosto até novembro.

Dona Paquinha: Ela fica até com uma cor, quando a gente faz ela no mês de setembro, ela fica bem alvinha. Quando você passa a fazer fora daquele tempo, ela fica amarelada.

Seu Elias: É. O certo mesmo é quando o inverno cortar, do final de agosto, até o meio de novembro, porque por exemplo, no meio de novembro, as vezes ela já começa a zonerar. Zonerar, que quer dizer, aquela massa daquela quando mói fica bem mole.

Alice: Aí pra ser nesse tempo quando que vocês plantam? Quando que tem que plantar? Em agosto para o ano que vem?

Seu Elias: Não.

Dona Paquinha: O plantio era pra ter pronto se tivesse bem molhado, né?

Seu Elias: É porque a roça pra fazer farinha é assim, ela é dois anos. Você não pode arrancar esse ano, por exemplo, planta agora em maio, aí tem maio, São João, Santana, Agosto, né? Não dá pra gente plantar esse ano, pra farinha, o ano que vem. Se for pra venda assim, no caso, macaxeira, pra venda pra consumo.

Dona Paquinha: É, macaxeira é uns seis meses... Macaxeira boa seis meses, três meses, quatro meses, cinco meses, a macaxeira tá boa.

Seu Elias: Depende do inverno.

Alice: Aí pra farinha é dois anos. O processo dura dois anos.

Seu Elias: É pra farinha é dois anos. Que é quando a macaxeira já tá boa pra farinha.

(Todos falando juntos - áudio inaudível)

Seu Elias: A farinha é assim, como, a gente vai fazer um enterro, por exemplo, morre uma pessoa, a gente enterra aquela pessoa. Não tem que se organizar pra fazer? Mesma coisa é a farinha. Você não consegue fazer a farinha, seja ela do tamanho que for, sozinho, de maneira alguma, você não faz sozinho. Aí tem que ter bastante gente...

Alice: Igual foi esse ano, né?

Seu Elias: Isso, desse jeito assim que tá aqui. (aponta pra fotos)

Dona Paquinha: Agora é uma festa, a farinha é uma festa.

Alice: Tem até a dança, né?

Dona Paquinha: E a gente já tá desacostumado já, mais de quarenta anos sem fazer.

Seu Elias: Quando é na Casa de Farinha, quando é pra fazer também, tava aquele pessoal, tava cheio de gente lá como tava, é uma festa!

Alice: Qual a música que vocês cantam na Casa de Farinha? É uma música criada aqui?

Seu Elias: A gente já aprendeu com outra comunidade, aí foi... É antiga, pode-se dizer que é antiga, que é uma música já que, que é uma gravação. Cumade Lourdes sabe cantar bem.

Alice: Olha! Como é cumade Lourdes, a música?

Dona Paquinha: Da farinha? É (cantarola) “Farinha tá pouca, meu pirão primeiro, pra me lembrar o tempo do cativoiro. A minha avó não gosta de casca de coco no terreiro. Que é pra me lembrar o tempo do cativoiro.”

Seu Elias: Da farinha, a outra.

Dona Paquinha: Da farinhada?

Dona Lourdes: (levanta para dançar e cantarolar) “A minha avó não gosta de casca de coco no terreiro. Que é pra se lembrar, não lembrar, do tempo do cativoiro. Farinha boa, pirão gostoso. Farinha boa, pirão gostoso. A minha nãe não quer casca de coco no terreiro, que é pra não lembrar do tempo do cativoiro”

Seu Elias: Agora canta farinhada

Dona Paquinha: (cantarola) “Uma boa farinhada...”.Essa aí não tô muito lembrada mais não, só quando a gente lembrar, aí eu vou...

Alice: É essa que chama na roda, né?

Dona Paquinha: É! Na hora da gente tá ali, na gente primeiro. É porque pra gente dizer a música, quando a

	<p>gente toca ali, a gente tem que ficar escutando, aí na hora a gente perde.</p> <p>Seu Elias: Agora eu vou dizer a você, a gente...</p> <p>Dona Lourdes: (dança e cantarola) “Uma boa farinhada, tem que ser com a petin. Uma boa farinhada, tem que ser com a petin. Quem quiser farinha boa, venha peneirar aqui. Quem quiser farinha boa, venha peneirar aqui”</p> <p>Dona Paquinha: Tem que tá com ela na cabeça.</p> <p>Dona Lourdes: (dança e cantarola) “Quem conhece de farinha, venha peneirar aqui”</p> <p>Seu Elias: É porque quando uma pessoa vai gravar uma música, tem que ter uma pessoa ali. Agora, isso aí, já era pra ter instruído um menino desse aí, um adolescente desse aí, pra... Porque tudo tem que ser registrado. Como eu tava falando. Eu posso cantar uma música hoje aqui, quando é amanhã eu nao lembro mais. Você vê que até os cantores, quando eles vão cantar, quando eles chegam no palco pra cantar, eles tão lá, tá tudo gravado pra eles.</p> <p>Dona Paquinha: Agora Elias já, essas músicas, ele já sabe de cor, porque ele pratica direto isso em casa, ele gosta.</p> <p>Seu Elias: Sim, mas pode chegar uma hora que a gente esquece.</p> <p>Dona Paquinha: Mas na hora que chega aqui, chega na hora pra cantar, a gente perde.</p> <p>Seu Elias: Chega uma hora que a gente esquece, então a gente tem que ter um jovem da comunidade, assim, que se interesse, pra gente poder fazer isso. Fazer registros da comunidade. Ele escrever aquilo ali.</p>
FESTIVIDADES - CULTURA	<p>Alice: E o São João aqui também é uma tradição, né?</p> <p>Seu Elias: Sim! Não tem todo ano festividade, é uma outra coisa também que a gente tem que ter bastante atenção. Agora por que? Porque através disso aí também, é o seguinte, tu sabe, a gente vive hoje num mundo temeroso, mundo cheio de...</p> <p>Dona Paquinha: De atentação, de coisa ruim.</p> <p>Dona Paquinha: Agora teve esses nove dias aqui de festa aqui, foi muito bom, não teve nada. Graças a Deus não teve nada.</p> <p>Alice: Quando foi?</p> <p>Dona Paquinha: Agora pouco. Há quatro meses atrás, né? Quatro meses.</p> <p>Alice: Foi festa de que?</p> <p>Seu Elias: Foi a festa da padroeira, que eu digo, Nossa Senhora Aparecida, que a gente faz todo ano.</p>

	<p>Dona Paquinha: Foi muito bom! Não teve nem um grilo pulando lá, não teve.</p> <p>Alice: E como é o Dia de Nossa Senhora Aparecida aqui?</p> <p>Seu Elias: Foram nove dias de festa, não foi?</p> <p>Dona Paquinha: Foi.</p> <p>Seu Elias: Teve nove noites de festa, aí quando foi na noite aí, teve a ciranda, teve um sanfoneiro aí, que é da torre, aí foi chamado pra animar a festa, comemorar o final da festa. Assim, a gente vai continuar fazendo, agora como eu tô dizendo a você, tem que ter bastante cuidado. Tem que comunicar a polícia, pro caso que acontecer, porque tem que ser assim, no caso que tiver, o cabra não tem jeito. Porque chega uma pessoa de fora, mandado não sei por quem, pra poder perturbar.</p> <p>Alice: E tem as festividades com fogueira, né?</p> <p>Seu Elias: Claro! Tem fogueira. Três anos pra cá a gente não fez por causa da pandemia, né?</p> <p>Alice: Quem é mesmo a padroeira daqui? É São José?</p> <p>Seu Elias: Não, é Nossa Senhora Aparecida</p> <p>Dona Paquinha: Nossa Senhora Aparecida</p> <p>Seu Elias: É porque eles fazem a comemoração de São José aqui em Serra Rajada. E aqui não é mais Serra Rajada, mas antes de ser reconhecido era uma comunidade só. Serra Rajada e Grilo, só tinha o nome de Grilo, mas era uma comunidade só, e hoje é todo mundo separado.</p>
TERRITÓRIO	<p>Seu Elias: E aqui não é mais Serra Rajada, mas antes de ser reconhecido era uma comunidade só. Serra Rajada e Grilo, só tinha o nome de Grilo, mas era uma comunidade só, e hoje é todo mundo separado.</p> <p>Dona Lourdes: O Grilo era lá embaixo, aqui em cima era Serra Rajada, mas depois botaram Serra Rajada pra lá, eu achei tão bom.</p> <p>Seu Elias: Pronto. Aí quando foi desapropriada, quando foi reconhecida a terra e foi desapropriada, aí a gente passou a ser independente. As festas daqui é uma coisa, de lá é outra. Agora tamo lá e cá, nas festas de lá, nas daqui, mas assim, se tem uma festa aqui não pode dizer 'A festa do Grilo é em Serra Rajada' não. Nem Serra Rajada do Grilo. Cada qual, como eu digo.</p>
"SOU DO GRILO"	<p>Seu Elias: É, agora é isso que tô dizendo, que não pode misturar. Onde é a festa de Nossa Senhora Aparecida? É em Serra Rajada? Não, no Grilo. A festa de São José? É em Serra Rajada. Agora aqui, assim também não vinha gente de Campina pra cá ou de qualquer canto do país pra lá, pra Serra Rajada, como vai pra</p>

	<p>todo canto, né? Mas assim, tem a divisão, até os documentos da gente, um documento que a gente vai tirar, tem que ser com o dado do Grilo. Não posso tirar, dizer que moro em Serra Rajada, porque se eu tirar um documento meu, botar o nome de Serra Rajada, eu sou de Serra Rajada, não sou do Grilo. Aí quando acontecer um caso, vir uma situação 'Por que é, assim, em PSF (Posto de Saúde da Família), em qualquer repartição do município, que for procurar alguma coisa da gente, algum documento da gente, tem que ser com o dado do Grilo.</p> <p>Alice: Se não vocês perdem os direitos das coisas, né?</p> <p>Seu Elias: Exatamente! É. Eu tenho que botar. 'Você é de onde?', 'sou do Grilo'. Lá na Secretaria de Educação, de Saúde, ou secretaria de qualquer coisa que for, eu tenho que chegar lá e botar meu nome, eu sou do Grilo, porque se for, eu tô participando irregular. Se eu disser que sou de Serra Rajada, sendo do Grilo. Assim, a gente tem que ver tudo isso, que é pra poder não...</p>
<p>CAPELINHA - IGREJA</p>	<p>Alice: E, pra tirar uma dúvida, aqui, a Associação, a Igreja, quando foram construídos?</p> <p>Seu Elias: O processo da igreja, eu não tô tão lembrado. Lembra do processo que eu falei? A gente não registra, não faz nenhum registro daquilo ali, quando vai fazer uma pergunta, fazer uma entrevista, qualquer coisa, a pessoa não sabe dizer.</p> <p>(...)</p> <p>Alice: Foi antes de ter a posse do terreno?</p> <p>Dona Paquinha: Foi. Muito antes. Muito antes. Isso aí foi, o povo andando no mundo aí...</p> <p>Alice: Mas foi depois de construir a casa dos seus pais, né?</p> <p>Seu Elias: Foi depois.</p> <p>Dona Paquinha: Foi com a Maria, Maria da Conceição, Maria Julia, aí o bispo foi construir uma capelinha.</p> <p>Dona Lourdes: Foi não.</p> <p>Dona Paquinha: O bispo não foi? Não falou assim da capelinha?</p> <p>Dona Lourdes: Foi não. Não foi Padre Sérgio? Lembra não, não?</p> <p>Dona Paquinha: Me lembro, que ele veio...</p> <p>Dona Lourdes: Ele ainda foi celebrar a missa lá em casa, aí ele disse que tava, que aqui merecia uma capelinha. Foi lá em casa. Aí 'Eu quero que seja de Nossa Senhora Aparecida'.</p> <p>Dona Paquinha: Nossa Senhora Aparecida. Isso aqui era uma capelinha. A gente viemos em romaria pra cá e</p>

	<p>aqui ele jogou água benta, foi marcado aqui mesmo. Aí ele disse e pronto. Mas ele não caiu com nada, aí a gente ia começar a bater tijolo, comadre deu o resto do material.</p> <p>Dona Lourdes: Bater tijolo, aí eu comprei uma pázinha, comprei por setecentos, Paquinha arrumou a máquina com seu Paulo lá e os meninos que levantaram. Compade Lóia (Seu Elias), leba, Marcelo, ...</p> <p>Dona Paquinha: Nós somos uma comunidade, né? Mas não foi todo mundo da comunidade lá não.</p>
ASSOCIAÇÃO	<p>Dona Paquinha: A associação foi primeiro?</p> <p>Seu Elias: A associação acho que foi um ano depois, ou dois anos depois, uma coisa assim. Quando o colégio foi feito aí, que foi da data daqui da associação...</p> <p>Dona Lourdes: Já era feito há tempo...</p> <p>Seu Elias: É?</p> <p>Dona Lourdes: Era. Padre Zé disse 'Oh, dona Lourdes, se eu morrer, a senhora bota um retrato meu aqui?', aí eu disse 'Se eu morrer primeiro, eu deixo dito, Padre Zé'. Aí ele disse. Foi porque foi o primeiro padre que celebrou aqui foi ele. Celebrava na calçada, todo mês ele vinha pra calçada celebrar. Foi o primeiro padre. Aí ele 'Faz um retrato e deixe meu por lembrança', aí eu fiz.</p> <p>Dona Paquinha: Aí o último foi o caminho, né?</p>
CAMINHO	<p>Dona Paquinha: Aí o último foi o caminho, né? Eu tava trabalhando lá na torre, lá no convento, lugar ruim da moléstia. Eu e Marcelo. Eu vim pra casa, eu tinha um sonho de ali, um sonho, aí eu disse 'Eu vou abrir esse caminho, pra poder passar pelo menos de moto, mãe. Quem sabe assim, de moto, não, mas pelo menos com o burro até o outro lado', aí mãe disse 'Tu tá ficando doida, menina?', eu disse 'Não, mãe, eu acho que vai dar certo, porque eu tenho um sonho e vou fazer isso, conversar com meus irmãos, com todo mundo, pra gente fazer isso aí'. Aí foi isso, um não aceitou, outro aceitou, e tá aí o caminho. Só foi isso que ela disse que nunca chegava. Ela disse 'Se eu morro', e ela morreu no mesmo ano. Ela morreu no mesmo ano, chegou nem ver a gente fazer o serviço. Ela viu a gente</p>

	<p>comprando a lenha, mas ela não era contra, né? Mas ela dizia 'Não vai dar certo não, minha filha, porque...'</p> <p>Seu Elias: Aquela pedra de frente da minha casa ali, ela ainda viu.</p> <p>Dona Paquinha: Ela viu? Eu quebrava pedra a noite. Dizia 'Venha pela manhã', e eu quebrando lá, meia noite. E depois ela viu, aí ela dizia 'Aqui tá certo, mas ali vocês não faz não'.</p> <p>(risos)</p> <p>Dona Paquinha: E depois ela viu, aí ela dizia 'Aqui tá certo, mas ali vocês não faz não'. Mas ela ainda viu eu subindo com a pedra pra ali, mas daqui pra cima ela não viu não. Não deu tempo não. Realmente quando a gente quebrou aqui tudinho, ali foi demorado.</p> <p>Dona Lourdes: Aquelas pedras foi na casa de (inaudível).</p> <p>Dona Paquinha: Foi quase pra desistir, porque não tinha como quebrar não, só de olhar pro lagedo... Aí um dia a gente tava, juntou todo mundo da comunidade, compramos uns tora, compadre Lóia, compramos uns toras, dos grossos, aí embolamos as pedras, aí ficou uma brechinha de nada pra gente passar melhorzinho, mas olha a altura lá debaixo, um metro e noventa pra gente passar lá debaixo. Aí foi quando eu fui lá pra trabalhar lá na comunidade, que apareceu uma coisa pra eu fazer, aí achamos uma pessoa pra quebrar a pedra manual, aí foi quando foi quebrar, aí quebrou, que deu certo. Aí depois de quebrada, com um mês seguido, mais na frente, foi um mês, dois meses, que eu fui pra Brasília, não foi?</p>
ASSOCIAÇÃO E ESCOLA	<p>Alice: Aqui sempre foi Associação e Escola?</p> <p>Seu Elias: Sempre foi associação, a escola foi assim, depois de muito tempo (inaudível), aí ele viu que os ensinamentos daqui do colégio, sempre assim, mas merecia uma aula de reforço, né? Aí ele perguntou, mas pra ajudar. Tanto pra ajudar os meninos a aprender uma coisa a mais, como também pra ajudar umas pessoas da comunidade, qualquer pessoa que tivesse o cuidado, né?</p> <p>Dona Paquinha: Capacidade pra isso.</p> <p>Seu Elias: Aí botou, botou também em Pedra D'Água, cada comunidade ela botou uma pessoa pra fazer</p>

	<p>trabalho. Aí pronto, pra melhorar o ensino dos meninos. Como assim uma aula de reforço, uma aula de reforço. Aí depois foi que passou a ser, mas antes não tinha aula.</p> <p>Alice: Antes vocês já se reuniam aqui?</p> <p>Seu Elias: Antes era só se reunir. Assim que foi feita a associação, com a dica do...</p> <p>Dona Paquinha: Com pouca gente, né?</p> <p>Seu Elias: Com pouca gente, começando de pouquinho.</p> <p>Dona Paquinha: Depois que foi chegando gente de fora, né? Aí, que traz informações, como você, das universidades, né? Também vem jovem, até senhoras e senhores vêm das universidades. Aí tem dia que dá aula direto. Passando comunicação e recebendo também.</p> <p>Seu Elias: Aí pronto, aí foi que ficou, foi se assentando. O povo não tinha aquele hábito, né? De se reunir pra nada. Ninguém fazia nada disso. Aí a gente sempre dando em cima, eu, ela, ...</p>
PESQUISAS NA COMUNIDADE	<p>Dona Paquinha: Depois que foi chegando gente de fora, né? Aí, que traz informações, como você, das universidades, né? Também vem jovem, até senhoras e senhores vêm das universidades. Aí tem dia que dá aula direto. Passando comunicação e recebendo também.</p> <p>Seu Elias: Aí pronto, aí foi que ficou, foi se assentando. O povo não tinha aquele hábito, né? De se reunir pra nada. Ninguém fazia nada disso. Aí a gente sempre dando em cima, eu, ela, ...</p> <p>Dona Paquinha: E principalmente da comunidade, porque a comunidade da gente, que a gente nunca teve acesso a nada, pra ir numa prefeitura, numa universidade, como a gente vai direto pra universidade, a prefeitura que quer mais saber das comunidades, seja quilombola ou não. Mas a gente não tinha acesso a isso aí porque a gente não tinha, o povo não chamava a gente pra nada. Não chamavam, né? A gente não podia chegar junto.</p> <p>Seu Elias: E agora não. Agora...</p> <p>Dona Paquinha: Hoje já vêm procurar a gente, né? Por causa que o quilombo hoje...</p> <p>Dona Paquinha: E agora na universidade federal, até o município mesmo, até o município, tem muita gente aqui no Riachão de Bacamarte, que concluíram seus trabalhos, que concluíram seus estudos, com o trabalho daqui. Dona Maria, um monte dali. Aí hoje têm muita</p>

	<p>atenção à gente assim, sabe? Muita, muita mesmo. Como o filho de Geraldo, como esse pessoal que, eles não tinham como, ela disse 'Olha, Paquinha, meu pai e minha mãe perderam muita oportunidade, perderam os estudos porque não tinha assim, uma comunidade, gente negra, que passasse umas histórias, não tinha quem passasse'.</p> <p>Seu Elias: As pessoas não passavam.</p> <p>Dona Paquinha: E hoje ela tem muita atenção com a gente. Porque Riachão tinha raiva da gente. Riachão, a cidade, tinha, de antigamente. Tinha sim.</p>
RAIVA E MEDO	<p>Dona Paquinha: E hoje ela tem muita atenção com a gente. Porque Riachão tinha raiva da gente. Riachão, a cidade, tinha, de antigamente. Tinha sim.</p> <p>Alice: Mas por que?</p> <p>Dona Paquinha: Eu digo que tinha raiva por causa da cor, da pobreza e tudo, nós não tinha experiência de nada, né? Não tinha, não tinha. Riachão era peso pra gente, a cidade. Há dez anos, quinze anos atrás. Há vinte anos atrás, no tempo que a gente começou o trabalho. Era uma raiva danada. Hoje não. Hoje eles, quando vê a gente é um sorriso só, porque sabe da fortaleza que o quilombo tem, né?</p> <p>Dona Lourdes: Oxe, oxe, é por isso que eu cantava (cantarola batendo palmas) 'Quero ver, eu quero ver, quero ver quilombo não ter valor. Quero ver, eu quero ver, quero ver quilombo não ter valor.'</p> <p>Dona Paquinha: Mas eu acho que é o seguinte, porque você nunca viu, é muito difícil você ver numa comunidade um negro professor, um negro enfermeiro, um negro bombeiro, dentro da comunidade não tinha. Por que? Não tinha espaço. Espaço não tinha mesmo. Não tinha espaço e a gente tinha medo. A gente também tinha medo. Tinha medo do pessoal, do pessoal branquinho que estudava, a gente tinha medo demais. Eu tinha medo sim. Eu comecei pra cá, foi dos vinte anos pra cá, que eu comecei a me libertar do medo da pobreza, do medo da cor, do medo de tudo. Mas antigamente era isso, porque se alguém, um pessoal diferente chegasse, tinha medo de tudo.</p>
BARRO - CERÂMICA	<p>Alice: E a cerâmica? Hoje quem faz? Só vocês duas mesmo?</p> <p>Dona Paquinha: Só.</p> <p>Dona Lourdes: É.</p> <p>Alice: Ninguém mais demonstrou interesse?</p> <p>Dona Paquinha: Tem um menino ali... (áudio inaudível)</p>

Dona Paquinha: As meninas ficam mexendo, mas elas não gostam, sabe? Eu tenho mais um pouquinho assim de paciência pros meninos, mas os meninos daqui... aprende, né? Mas...

Alice: Ah, as crianças têm interesse?

Dona Paquinha: Os meninos tão tudo empolgado pra fazer com a gente.

Dona Lourdes: Zezinha, da casa de...

Dona Paquinha: Já tem uma menina que ela já faz panelinha e esse de compadre Lóia, esse de Quinha, ela já sabe fazer uma coisinha.

Dona Lourdes: É!

Alice: E quem ensinou pra vocês?

Dona Paquinha: Ninguém me ensinou não, porque minha mãe fazia, né? Minha mãe fazia e eu fiquei bem atenciosa com isso aí.

Seu Elias: Mas ninguém nunca aprende uma coisa sem ter alguém explicar pra você aprender.

Dona Paquinha: Eu ajudava.

Alice: E quem passou esse saber pra sua mãe?

Dona Paquinha: A minha bisavó fazia e mãe de mãe fazia, mas eu não conheci esse pessoal não, quem fazia era mãe e eu ajudava ela.

Seu Elias: A mãe de... A sogra de comadre Lourdes fazia. E a outra, como era o nome daquela mulher, hein, comadre Lourdes?

[Havia aparecido uma pessoa que precisou falar com dona Lourdes]

Seu Elias: Comadre Lourdes! Como era o nome daquela pessoa, irmã de tia Zé que morava ali em cima? Como é o nome?

Dona Lourdes: Quem?

Dona Paquinha: Irmã de tia Zefa.

Dona Lourdes: Mila?

Seu Elias: Sim, Camila.

Dona Lourdes: Não, Camila é irmã, minha cunhada.

Seu Elias: Cunhada, né? E ela já fazia louça. Aí veio de geração. Ela já fazia assim...

Alice: Então a prática começou com a dona Josefa, tia Zefa, que é sogra de dona Lourdes?

Seu Elias: Isso, era sogra dela.

Alice: E ela já fazia?

Seu Elias: Fazia também.

Dona Paquinha: Fazia!

Seu Elias: A sogra dela aí, mãe de Binha. E tinha a cunhada dela também, que era Camila.

Dona Paquinha: Fazia também.

Seu Elias: É da família, praticamente todo mundo fazia.

Dona Paquinha: Aí eu sei que pra ensinar pros meninos, é só pra quem tem cabeça mesmo, porque os meninos têm... quebra, aí faz as coisas, aí tem que dizer 'Arruma de novo, ajeita', que é pra não perder.

Alice: E vocês ainda fazem com frequência (as louças)?

Dona Paquinha: Tô com o barro ali pra fazer, mas eu tô pra fazer aquelas louças ali mais ela

Alice: E esse já é de encomenda? Pra venda? Ou pra vocês mesmo?

Dona Paquinha: Rapaz, eu tô com uma encomenda tão grande, minha filha, tão grande... Que se eu fosse fazer, eu ia ficar sem roçado

Alice: E tem época específica pra produção de cerâmica?

Dona Lourdes: Não, a época que você quiser fazer você faz. Eu fui na secretaria essa semana, o povo encomendou louça e gentão, visse? Aquele povo tudo quer louça. Por que? Porque descobriu uma doença aí agora, que o câncer aumentou cinco por cento por causa da panela de alumínio, né? Aí o povo tão tudo doido. Aquele pessoal do Riachão, tá 'Olha, aqui tá querendo louça' (risos). Aí diz que é cinco por cento que aumentou o câncer por causa da panela, principalmente o de intestino.

(...)

Dona Paquinha: Mas sabe o que estão fazendo em João Pessoa? Eles tão comprando aquele de lenha, não é mais que isso não, assim olha. Cortadinho deste tamaninho. Tão comprando.

Dona Lourdes: Mas disse que é ruim mais pro intestino, né?

Dona Paquinha: É, cinco por cento que aumentou mais.

Dona Paquinha: Quando você vem aqui, no caso aqui da panela de barro, eu vou falar desse aqui. Porque a panela de barro, a gente cozinha na panela de barro e faz isso aqui, na minha família mesmo, e o povo não dá valor 'Ah, tão quebrando lenha e não sei o que', você sabe como que é o povo e que suja as mãos, que tudo, e a comida gostosa. Eu nunca deixei. Eu parei um tempo, um tempo que eu tava muito assim, com problema de saúde e tal e tudo, e eu não podia nem me levantar pra fazer nada. Aí eu só podia ligar o fogo pra cozinhar e fazer mesmo, mas você comparar uma carne cozinhada na panela de barro, um feijão... Porque é gostoso demais.

Alice: Tem nem comparação!

Dona Paquinha: Aí você faz na panela de pressão, que gosto tem? Por mais tempero que você bote na panela

	<p>de pressão, a comida ainda não é gostosa. E você vindo pra fortalecer isso aqui, é bom. Sabe porque é bom? Porque você valoriza, por causa que você passa pra gente, passa pra um amigo.</p>
<p>BARRO - TIJOLO</p>	<p>Alice: E esse tijolinho, que o senhor fez pra reforma do forno? Vocês usam nas construções aqui? Seu Elias: Não... Essa casa aqui por exemplo, essa casa aqui, foi com esse tijolinho. Alice: Essa aqui, a associação? Seu Elias: É. A associação, minha casa ali, tem uma parte dele, a gente usava pra fazer casa naquele tempo. Ninguém comprava tijolo naquela época não, tudo era esse. Dona Paquinha: E eu vou bater! Pra subir aquilo ali assim, olha. Eu vou bater o tijolo. Alice: E é com o barro daqui, né? Seu Elias: É, com esse barro. Agora não é toda terra que dá certo não. Esse barro daqui a gente pega ele, aí bate assim, molha ele bem molhado pra fazer esse processo nele, como fazer uma massa pra reboco, pra uma coisa. Aí depois que ele tá bem molhado mesmo, aí que vira quase uma goma, aí faz isso. Alice: Ainda usa muito aqui? Não? Seu Elias: Agora tá meio parado. (...) É porque esse tijolo que a gente faz, feito com aquela casa de tijolo lajota, tijolo maciço, o lajota ele não bate muito bem com aquele ali, porque ele é muito, o lajota ele é maior e pra usar ele um com o outro não dá, né? Ou um ou o outro. Tem que ser tudo separado.</p>
<p>RELAÇÃO COM DESIGNER</p>	<p>Seu Elias: Tu tá morando aqui em João Pessoa, né? Alice: Isso Dona Paquinha: Mora em qual bairro ali? Alice: Moro nos Bancários. Dona Paquinha: Pois vou passar uma semana mais você lá. Alice: Pode ir!</p>